



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**ISIS CAROLINA GARCIA BISPO**

**O MISTÉRIO DE FRANCISCO PEÑARANDA: A MAGNÍFICA HISTÓRIA DE  
UM CRIPTOJUDEU E SEU TESOURO OCULTO NA ESPANHA DO SÉCULO  
XVI**

**SÃO CRISTÓVÃO - SE  
2016**

**ISIS CAROLINA GARCIA BISPO**

**O MISTÉRIO DE FRANCISCO PEÑARANDA: A MAGNÍFICA HISTÓRIA DE  
UM CRIPTOJUDEU E SEU TESOIRO OCULTO NA ESPANHA DO SÉCULO  
XVI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Silva

SÃO CRISTÓVÃO - SE  
2016

Ficha Catalográfica Elaborada pelo  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Sergipe

B622m Bispo, Isis Carolina Garcia  
O mistério de Francisco Penaranda : a magnífica história de um criptojudeu e seu tesouro oculto na Espanha do século XVI / Isis Carolina Garcia Bispo ; orientador Marcos Silva. - São Cristóvão, 2016.  
108 f. : il.

Dissertação (mestrado em Ciência da Religião) - Universidade Federal de Sergipe, 2016.

1. Cristãos novos. 2. Criptojudaísmo. 3. Cabala. 4. Inquisição. 5. Biblioteca de Barcarrota. 6. Penaranda, Francisco I. Silva, Marcos, orient. II. Título.

CDU 26-1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

O MISTÉRIO DE FRANCISCO PEÑARANDA: A MAGNÍFICA HISTÓRIA DE  
UM CRIPTOJUDEU E SEU TESOURO OCULTO NA ESPANHA DO SÉCULO  
XVI

APROVADA EM: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe como  
requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em  
Ciências da Religião.

Prof. Dr. Marcos Silva (Orientador)  
UFS

Prof. Dr. Eduardo Gross  
UFJF

Prof. Dr. Juarez Caesar Malta Sobreira  
UFRPE

Prof. Dr. Cicero Cunha Bezerra  
UFS

SÃO CRISTÓVÃO - SE  
2016

## AGRADECIMENTOS

Neses dois anos a jornada até a defesa e conclusão foi repleta de degraus, mas cada um deles foi superado com a ajuda de alguns amigos dentro e fora da academia (esses sabem quem são e o carinho que tenho por eles!). A eles dedico o meu eterno amor e sinceros agradecimentos.

Inicialmente agradeço a minha família (mãe e irmão) e o meu orientador, pois sem eles nada disso seria possível. A paciência e amizade deles me impulsionaram até aqui!

Agradeço também à Coodenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento nesses dois anos.

Além disso, não posso deixar de agracer aos estimados professores Arthur Grupillo e Suzana Severs por fazer parte da minha de qualificação e terem contribuído com o desenvolvimento da dissertação. Mas também agradeço aos Professores Caesar Sobreira e Eduardo Gross por terem prontamente aceitado fazer parte da banca de defesa e pelas suas contribuições pontuais e sinceras.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião (PPGCR), bem como aos os colegas de mestrado, sou grata pelo aprendizado que contruimos nesses anos. Agradeço especialmente aos amigos Rodrigo, Moacir e Ludmilla sempre presentes nesse percurso.

Ao mesmo tempo, preciso agradecer aos meus colegas do Grupo de Pesquisa Diáspora Atlântica dos Sefarditas (GPDAS) que me acompanharam durante todo esse tempo, antes mesmo de ingressar no mestrado. Muito Obrigada!

## RESUMO

Durante muito tempo, em Portugal e na Espanha, se cultivou a crença de que os judeus ao serem expulsos da Península Ibérica, no início da Idade Moderna, esconderam tesouros em determinados locais para serem resgatados na posteridade. Apesar desse relato está envolto em um clima de mistérios e também ser distorcido pela imaginação popular, na esperança que muitos acariciam de encontrar riquezas em joias e metais preciosos, existem indícios de que essas riquezas encobertas eram constituídas por livros censurados uma vez que, em sua fuga para outros países cristãos, eles não poderiam levá-los consigo. Assim, para corroborar com esse relato, em 1992 quando era realizada a reforma de uma secular residência na pacata vila de Barcarrota, na Espanha, foi encontrado um “tesouro oculto” escondido por tapumes num espaço vazio existente entre as paredes. Tratava-se de um conjunto heterogêneo de dez impressos, um manuscrito e uma nômima. A partir dessa surpreendente descoberta é desvelado, pelo historiador e professor extremeño Fernando Serrano Mangas, que esse conjunto de livros clandestinos foi ocultado pelo médico criptojudeu Francisco de Peñaranda, por volta de 1557. Portanto, essa dissertação procura ilustrar, a partir da análise das obras “Alborayque” e “A muito devota oração da emparedada”, o universo místico criptojudáico e seus meandros no contorno do século XVI. Nessa perspectiva, trabalhamos segundo o método indiciário, proposto por Carlo Ginzburg, para destacar elementos fundamentais da cosmovisão dessa minoria que foi objeto de perseguição pela Inquisição Moderna.

Palavras-chaves: Cristãos-novos. Criptojudaísmo. Cabala. Inquisição Moderna. Biblioteca de Barcarrota.

## ABSTRACT

In Portugal and in Spain, for a very long time a belief was cultivated about the Jews, that when being expelled from the Iberian Peninsula, at the beginning of the Modern Age, hid in certain places treasures to be rescued in posterity. Despite this account being cloaked in an atmosphere of mystery and distorted by imagination, in the hope that many nurture of finding riches in gold and jewels, there is evidence that these hidden riches consisted of censored books since, fleeing to other christian countries, they couldn't take it with them. So in 1992, to corroborate this account, when in the modest Spanish village of Barracota a house was being remodeled, a "kept treasure", hid by screens in a space between walls, was found. It was a heterogeneous set of 10 prints, a manuscript and a nômima. From those surprising finding its unveiled by extremeño Professor Fernando Serrano Mangas, that the set of clandestine books was hidden around 1557 by Crypto-jew Doctor Francisco Peñaranda. Therefore, this dissertation seeks to illustrate, starting from the analysis of the works "Alborayque" and "A muito devota oração da emparedada", the mystic crypto-jewish universe and its paths in the 16th century's contour. Working in this perspective according to the evidentiary method, proposed by Carlo Ginzburg, to highlight fundamental elements from the world vision of this minority that was the object of persecution by the Modern Inquisition.

Keywords: New Christians. Crypto Judaism. Kabbalah. Modern Inquisition. Library of Barcarrota.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2 A BIBLIOTECA PARADIGMÁTICA DO MÉDICO CRIPTOJUDEU</b>	
<b>FRANCISCO PEÑARANDA</b> .....	16
<b>2.1 Rastros de uma mentalidade criptojudáica: o labirinto da realidade</b> .....	19
<b>2.2 A Biblioteca de Barcarrota: os livros emparedados</b> .....	27
<b>2.3 Apreciação inicial das obras emparedadas</b> .....	30
<b>3 O ROL DOS LIVROS DEFESOS DA BIBLIOTECA DE BARCARROTA:</b>	
<b>HETEROGENEIDADE E HERESIA</b> .....	39
<b>3.1 Os livros emparedados e seu conteúdo paradigmático</b> .....	47
<b>3.2 Uma nómina entre os livros emparedados</b> .....	50
<b>3.3 Exorcismo e a questão da demonologia no século XVI</b> .....	54
<b>4 OS ENIGMAS DA BIBLIOTECA DE UM MÉDICO: O CRIPTOJUDAÍSMO</b>	
<b>HISPANO-HEBREU NO SÉCULO DE OURO ESPANHOL</b> .....	57
<b>4.1 O problema do judeu-converso</b> .....	59
4.1.1 A representação mítica do judeu infame e malfazejo .....	63
4.1.2 A inquisição em solo espanhol e seus desdobramento .....	65
<b>4.2 O Alborayque: literatura polêmica antijudaica</b> .....	70
4.2.1 Retratos de uma época: as representações simbólicas no Alboraique ...	78
4.2.2 Os sinais que os mouros “dizem” que havia no Alborayque.....	81
<b>4.3 A monja emparedada e a sua oração</b> .....	91
<b>4.4 Misticismo recôndito no “Alboraique” e na “Oração Emparedada”..</b>	101
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	108
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	110

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	– Local onde foram encontradas as obras.....	9
<b>Figura 2</b>	– Barcarrota e a casa de Francisco Peñaranda.....	10
<b>Figura 3</b>	– Alborayque.....	45
<b>Figura 4</b>	– Oração da Emparedada.....	45
<b>Figura 5</b>	– Tricassi Cerasariensis.....	45
<b>Figura 6</b>	– Língua & Plutarchu.....	46
<b>Figura 7</b>	– Precationes aliquot.....	46
<b>Figura 8</b>	– Plusieurs traictez.....	46
<b>Figura 9</b>	– Exorcismo adirabile. ....	46
<b>Figura 10</b>	– Opera Chiamata... ..	46
<b>Figura 11</b>	– Chyromantia del Tricasso.. ....	46
<b>Figura 12</b>	– La Cazzaria.....	46
<b>Figura 13</b>	– Nómima.....	51
<b>Figura 14</b>	– Gravura do suposto martírio de Simão de Trento.....	64
<b>Figura 15</b>	– No hubo remedio.....	69
<b>Figura 16</b>	– Aquellos polbos.....	69
<b>Figura 17</b>	– Auto de fé de la Inquisición.....	69
<b>Figura 18</b>	– Ilustração do Alboraique.....	84
<b>Figura 19</b>	– A monja emparedada.....	91

## 1 INTRODUÇÃO

No curso da civilização moderna irá emergir, impulsionado pelo Tribunal do Santo Ofício, o problema do "judaísmo secreto", comumente denominado como criptojudaísmo. Um subterfúgio utilizado pelos conversos de origem judaica para conservar a sua religião ancestral.

Apesar das constantes perseguições inquisitoriais os cristãos-novos conseguiram manter aspectos determinantes do judaísmo, sobretudo alguns ritos e costumes relacionados à alimentação e a observância de jejuns, desenvolvendo o que o historiador britânico Cecil Roth (2001) classificou como a 'religião' dos marranos. Uma vez que, mesmo sem qualquer influência reguladora conseguiram manter uma tradição ininterrupta, variando de geração a geração, de lugar para lugar e entre os grupos familiares.

A designação do vocábulo criptojudeu esta relacionado aos judeus que, depois da conversão, mantinham a sua fé ancestral e costumes em segredo. Podemos visualizar na obra "História dos Marranos" de Cecil Roth (2001) outras denominações utilizadas para esse grupo social.

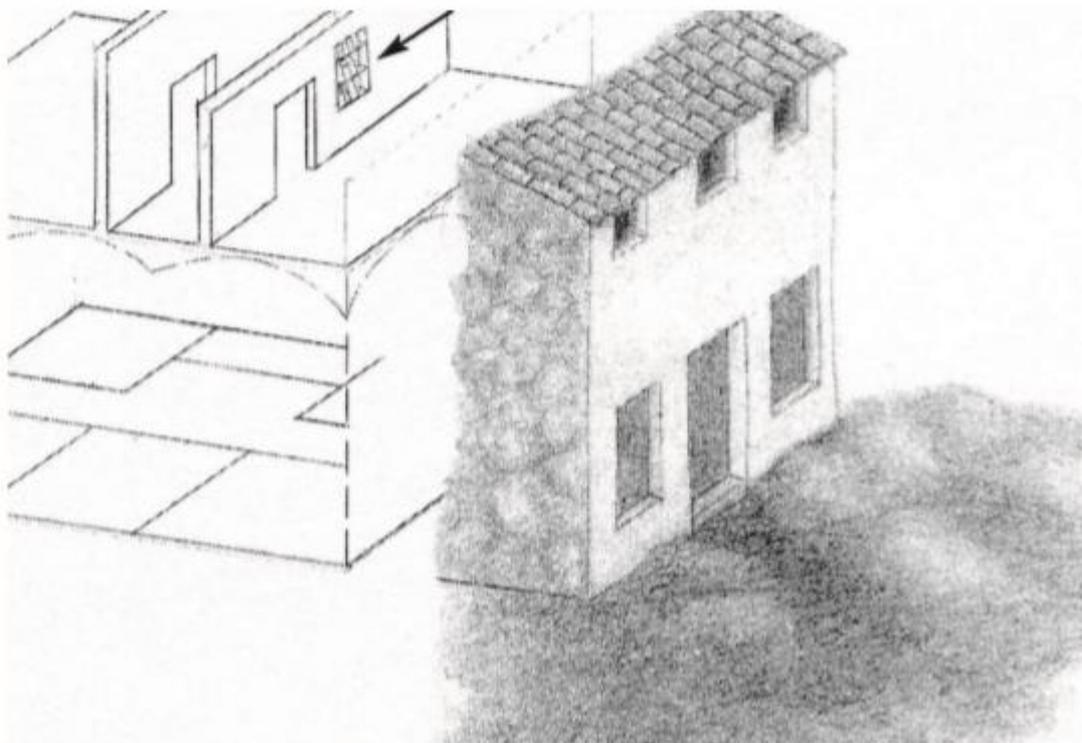
Entre os judeus, estes recentes convertidos ao cristianismo, ou até os seus mais remotos descendentes, eram conhecidos pelo nome Anussim - os 'forçados', que tinham adoptado a religião dominante por coacção [sic]. A população geral, por outro lado, usava uma variedade de termos para o descrever. Eram chamados conversos – termo que podia aplicar-se com propriedade unicamente aos convertidos. Mais, estritamente eram denominados cristãos-novos (Nuevos Christianos) para distinguir da população em geral dos 'cristãos-velhos'. Satiricamente, eram por vezes chamados Alboraycos, de al-Burak, a maravilhosa montada de Maomé, que não era nem cavalo nem mula, nem macho nem fêmea, tal como as pessoas às quais o nome se applicava, que não eram judeus nem cristãos. Contudo, popularmente eram conhecidos de modo mais geral, por Marranos. Muitas origens têm sido procuradas para esta palavra. [...] A palavra marrano é um velho termo espanhol que data dos primeiros tempos medievais e que designa porco. Aplicado primeiro aos convertidos recentes talvez de modo irónico [sic], com referência à sua aversão pela carne do animal em questão, acabou por se tornar um termo de execração que se espalhou durante o século XVI à maior parte das línguas da Europa Ocidental. (ROTH, 2001, p. 37, grifo do autor).

Portanto, tendo em vista séculos de perseguições, os criptojudeus legaram inúmeras histórias de resistência, e dentre elas encontra-se a da Biblioteca de Barcarrota, que só recentemente foi trazida a público, após século de esquecimento.

No verão de 1992, foi descoberto um verdadeiro tesouro – um depósito secreto de livros ocultos na parede de uma casa localizada defronte à igreja, em estilo gótico, *Nuestra Señora del Soterraño*, na pacata vila de Barcarrota, na Espanha.

Durante a reforma dessa residência, um pedreiro deparou-se com um surpreendente conteúdo escondido por tapumes. Tratava-se de um conjunto heterogêneo de livros com valor inestimável, proibidos pela inquisição espanhola e editados em diversas línguas.

**Figura – 1 Local onde foram encontradas as obras**



**Fonte: MANGAS, 2010.**



- paleográfico, codicológico e tradução de Elisa Ruiz. Edição de 1999, p.264;
- c) *Confusión o confutación de la secta Mahoméctica*: Estudo preliminar, edição e notas de Elisa Ruiz García e transcrição de M<sup>a</sup> Isabel García-Mongue. Edição de 2003, p.438;
- d) *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades*: com estudo introdutório de Jesús Cañas Murillo. Edição de 2005, p.128;
- e) *Alborayque*: com estudo preliminar, edição e notas de Dwaine Eugène Carpenter. Edição de 2005; p.149.
- f) *A muito devota oraça da empardeada. En lingoajem português*: acompanha o estudo, tradução e notas de Juan M. Carrasco González e estudo preliminar de María Cruz García de Enterría. Edição de 2005, p. 32;
- g) *Lingua per des, Erasmum Roterodamum. Cui accesit Plutarchi Chaeronei de immodica veracundia libellus*: com estudo, introdução e tradução de César Chaparro Gómez, Manuel Mañas Núñez e Luis Merino Jerez. Edição de 2005, p.134.

Os exemplares foram adquiridos em 27 de dezembro de 1995 pelo Ministério da Cultura da Junta de Extremadura – depois de comprá-las da família proprietária da casa – e enviadas para restauração no Museu *Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporánea* de Badajoz, que organizou uma exposição com os exemplares em janeiro de 1996, causando furor na pequena sociedade de Barcarrota e atiçando a curiosidade sobre a possível identidade do proprietário dessa biblioteca subterrânea e, sobretudo, a razão do seu ocultamento.<sup>1</sup>

Para garantir a sua preservação os livros passaram por todo um processo de restauro que atenuou as manchas de umidade e preencheu os furos e rasgos. Sendo que, alguns exemplares foram encontrados em ótimo estado de conservação, contudo outros por conta do tempo ou em decorrência da sua descoberta estavam com alguns desgastes naturais. Por exemplo, o

---

<sup>1</sup> Em 23 de abril de 2002 foi inaugurada a Biblioteca de Extremadura, uma instituição criada com a finalidade de garantir a acessibilidade das informações da sociedade de Extremadura, localizada no antigo Hospital Militar em Alcáçova (Alcazaba) de Badajoz, e, desde então, os exemplares descobertos em Barcarrota fazem parte do seu fundo antigo.

*Alborayque* foi atravessado por uma picareta, o que deixou um buraco com a espessura de mais ou menos três centímetros. De tal modo que, mesmo passando por todo um processo de restauração, parte do texto foi perdido para sempre. Ainda por conta da displicência e da circunstância inusitada em que foi descoberto, algumas páginas foram perdidas e outras foram parcialmente destruídas do manuscrito *La Cazzaria* de Antonio Vignal, além disso, as folhas apresentavam inúmeras manchas de umidade e estavam embaralhadas, o que dificultou o processo de restauro. Outro volume que estava com sérias danificações foi o *Exorcismo* de 1540, que exibia desgastes nas páginas do título e do índice. Porém, como dito anteriormente, as demais obras foram encontradas em excelente estado de conservação e com esplendidas encadernações.

Relacionado aos exemplares emparedados, foi lançado uma edição desses livros em DVD<sup>2</sup> e são disponibilizadas as versões digitalizadas do original, no site da Biblioteca de Extremadura<sup>3</sup>. Incluindo uma série de publicações sobre a temática, dentre essas produções estão: o livro de Fernando Serrano Mangas, *“El secreto de los Peñaranda. El universo judeoconverso de la Biblioteca de Barcarrota. Siglos XVI y XVII”* de 2010<sup>4</sup>, e as cinco edições da revista *“Alborayque”*<sup>5</sup> (Revista de la Biblioteca de Extremadura), posto que o primeiro número foi dedicado exclusivamente aos trabalhos sobre a Biblioteca de Barcarrota e as suas obras.

Quando, quem e por que razões esses exemplares foram escondidos, constitui um dos enigmas chave para decifrar grande parte dos mistérios que envolvem esse magnífico achado. De tal modo que depois de garantir a preservação dos volumes, o próximo passo era descobrir quem os ocultou.

---

<sup>2</sup>Contêm as dez obras, o manuscrito e a nómia.

<sup>3</sup><http://biex.gobex.es/biex/static/bb.action>

<sup>4</sup>Além da obra citada, Fernando Serrano Mangas, lançou alguns trabalhos sobre a temática, são eles: o artigo em conjunto com T. Pérez Gonzáles “El elemento hebraico y la “Biblioteca de Barcarrota”, publicado no *Diario Hoy* em fevereiro de 1996; o artigo na *Revista Alborayque* “Eppur si muove o la Biblioteca de Barcarrota y el significado de El Secreto de los Peñaranda” de 2007 e o livro *“EL SECRETO DE LOS PEÑARANDA. Casas, médicos y estirpes judeoconversas em la Baja Extremadura rayana. Siglos XVI y XVII”*, publicado pela editora Hebraica Ediciones de Madrid em 2004.

<sup>5</sup>*Alborayque* Nº1: La Biblioteca de Barcarrota; *Alborayque* Nº2: Extremadura, 1983-2008. Letras y libros; *Alborayque* Nº3: La expulsión de los moriscos; *Alborayque* Nº3: Suplemento especial en homenaje a Ángel Campos Pámpano: (1957-2008); *Alborayque* Nº4: El exilio literario extremeño e *Alborayque* Nº5: Escritoras extremeñas.

Inicialmente, especulou-se que os livros pertenciam a um livreiro, que desconhecia por completo o seu conteúdo e não tinha interação pessoal com os volumes, conferindo um valor meramente econômico.

No entanto, a partir de pesquisas desenvolvidas pelo professor Fernando Serrano Mangas, da Universidade de Extremadura, foi constatado que esses exemplares pertenciam ao médico criptojuídeo Francisco de Peñaranda, que em fins do século XVI, antes de viajar para trabalhar no Hospital e Santa Casa de Misericórdia de Olivença, em Portugal, muito provável que, por medo de não passar pelo crivo inquisitorial, ele as escondeu.

Articulando algumas hipóteses sobre as razões de Peñaranda não levar consigo as suas obras e, seguindo um pensamento lógico, um dos motivos seria o caráter herético dos exemplares e a acirrada censura. O ato de esconder os livros pode revelar a esperança de reavê-los e reconstituir a tão desejada posse.

Obviamente, quando se admite que Peñaranda era um cristão-novo e que fosse ciente do perigo de portar tais livros, por sua condição visada na sociedade, esse fato pode induzir a várias hipóteses relacionadas ao ato simbólico de resistência do nosso personagem.

Nessa “altura” do texto, pode surgir a suspeita de que esses livros não seriam de uma única pessoa ou que Peñaranda teria realmente lido as obras que ocultou. Em tal caso, para satisfazer essas indagações recorro às palavras de Mangas (2010), que baseado em um estudo minucioso sobre o cotidiano nessa época, na Baixa Extremadura, assegura que esses volumes são de uso quase exclusivo de médicos. Portanto, como Peñaranda era um médico não é estranho que os livros fossem seus e que ele estivesse habituado com a sua leitura. Ainda mais, a situação inquietante, gerada pela censura inquisitorial e o eminente perigo de ser flagrado com um desses exemplares, nos faz defender que não é aleatório que uma pessoa, nessa época, teria em sua residência obras que o colocasse em situação de risco, e que mesmo tendo que mudar-se teria tanto cuidado ao escondê-las.

Muito provável que a força motivadora do nosso personagem de ocultar as suas obras seria a sua mudança para Olivença, sendo que por conta da censura empreendida pela máquina inquisitorial ele optou por escondê-las. Inclusive, para corroborar com essa premissa, Kurtz (2005) contabiliza que “en

Badajoz a lo largo del siglo XVI fueron procesados doscientas treinta y cinco personas por el delito de judaizar.” (KURTZ, 2005, p. 459-460)<sup>6</sup>.

Este mesmo autor destaca que houve três momentos em que a campanha antijudaica foi intensa nessa região. O período entre 1501-1505 (com ênfase no ano de 1504 no qual foram condenadas 33 pessoas); o período de 1521-1545 (foram condenados 50 pessoas no ano de 1529, visto que em 1531 são condenados 31 judaizantes) e o período de 1561-1570 (com destaque para o ano de 1565 onde foram condenadas 22 pessoas). (KURTZ, 2005).

Os livros emparedados ficaram conhecidos como a “Biblioteca de Barcarrota” e formam um conjunto heterogêneo de onze obras que inclui dois livros de Erasmo de Roterdã (1466-1536), o humanista e filósofo holandês que questionou tanto católicos quanto protestantes; dois livros de quiromancia de Tricasso de Mantua, um deles com comentários de Bartolomé Cocles; um de exorcismo, composto por nove capítulos sobre possessão diabólica e procedimentos de exorcismo; um escrito chamado de “Livro de Alboraique”, a “Oração da Emparedada”; o manual célebre de orações da Bíblia em hebraico, grego e latim; uma fábula alegórico-sexual em forma de diálogos; um romance espanhol anônimo; uma ópera composta em língua espanhola por Giovan Andrea e traduzida em italiano por Domingo di Gaztelu e uma edição coletiva dos poetas franceses Marot, Sagon e Hueterie.

Tendo em vista a descoberta destes livros emparedados, o nosso objetivo é perscrutar, a partir da análise desse “tesouro oculto” em Barcarrota, na fronteira luso-extremenha, alguns pontos de interseção entre seu conteúdo e a prática da Cabala.

Entraremos no universo da natureza das obras de caráter místico para revelar indícios do perfil de um tipo de criptojudeu que defendemos haver existido nos tempos modernos, praticantes da Cabala. Nessa perspectiva, trabalhamos conforme o método indiciário, proposto por Carlo Ginzburg, para destacar elementos fundamentais da cosmovisão desse cristão-novo.

A visão de mundo de Peñaranda será reconstruída, nesta dissertação, a partir das suas obras. Portanto, nos deteremos na análise de obras que

---

<sup>6</sup> “assim, e também descontando as repetições em Badajoz ao longo do século XVI foram processados duzentos e trinta e cinco pessoas pelo crime de Judaizar. (KURTZ, 2005, p. 459-460, tradução nossa).

consideramos representativas, que mais se aproximem da sua condição de converso, como a “Oração da Emparedada” e o “Alboraique”.

O texto da dissertação está estruturado seguindo uma organização de ideias que achamos adequada. Na primeira seção, estabelecemos alguns traços característicos dessa biblioteca e do contexto de publicação dessas obras, abordando o tema da medicina e das práticas mágicas entre os judeus, além disso, apontamos o referencial metodológico adotado neste estudo.

A segunda seção traz um epítome dos livros emparedados e seu conteúdo paradigmático, além do mais destaca alguns elementos cabalísticos no cotidiano criptojudáico e as questões do exorcismo e da demonologia na Cabala.

Na terceira seção e última seção, apresentamos os conceitos de antijudaísmo, uma contextualização minuciosa e algumas hipóteses, por meio da interpretação das obras “Alboraique” e a “Oração da Emparedada”, juntamente com alguns aspectos da Cabala prática e seus desdobramentos históricos.

## 2 A BIBLIOTECA PARADIGMÁTICA DO MÉDICO CRIPTOJUDEU FRANCISCO PEÑARANDA

A partir de uma gota d'água, dizia o autor, “um pensador lógico poderia inferir a possibilidade de um Atlântico ou de um Niágara, sem ter visto ou ouvido qualquer um deles. Assim é a vida, uma grande corrente cuja natureza podemos conhecer analisando um único elo. Com todas as outras artes, a Ciência da Dedução e Análise só pode ser adquirida mediante estudos longos e pacientes. Contudo, a vida não é extensa o suficiente para permitir que qualquer mortal chegue à perfeição nesta ciência. (DOYLE, 2008, p.34).

O fenômeno do criptojudaísmo na península Ibérica está imbricado com a própria presença dos judeus nessa região. Na realidade, segundo o historiador britânico Cecil Roth, “o criptojudaísmo, de uma forma ou de outra, é tão antigo como o povo judeu.” (ROTH, 2001, p. 20).

Uma vez que, o judaísmo espanhol, mesmo antes da Unificação, sempre esteve em constante pressão, com breves intervalos de convívio pacífico. Sobre a Espanha Roth irá classificá-la como a terra clássica do criptojudaísmo, onde a tradição foi tão prolongada e tão geral que quase se suspeita uma predisposição para ele na própria atmosfera do país. (ROTH, 2001, 23).

Portanto, durante a Idade Moderna, os judeus que se converteram ao cristianismo desenvolveram algumas táticas particulares para manter a sua ancestralidade judaica. O cenário descortinado pelo tempo é composto por uma sociedade condicionada pelo medo e temente às represálias inquisitoriais.

Em certa medida, a expulsão dos judeus da Espanha recrudescerá o que Delumeau (1989) denominou como anticonversos. Uma espécie de antisemitismo voltado para os agora cristãos-novos, que eram acusados de serem apóstatas da fé e terem herdado o “espírito mal” de seus antepassados, os judeus.

Assim, foi criada nos países ibéricos, como descrito por Carsten Wilke (2009), uma política para abolir a identidade sociocultural dos judeus, denominado como ‘religiocídio’ ou ‘etnicídio’.

Esse tipo de política não é nenhuma novidade, os Visigodos e os Almóadas já haviam tentado o mesmo em outra ocasião. É citado pela professora Renata Sancovsky que, mesmo antes da Idade Moderna, nos anos “de 417

d.C. a 694 d.C., por diversas vezes, comunidades judaicas inteiras foram forçadas a converter-se ao Cristianismo.” (SANCOVSKY, 2010, p. 23).

Pensando nesse cenário de perseguição e permeado por mistérios apresentaremos um caso intrigante que foi descoberto em 1992 e que faz parte do rol do mundo subterrâneo, delineado a partir do criptojudaísmo Ibérico. O “mundo subterrâneo”, expressão cunhada por Delio Cantimore (1904-1966), para caracterizar o espaço de atuação dos hereges italianos do “Cinquecento”.

É o mundo dos ‘nicodemitas’ [...] cujas estratégias de simulação e dissimulação disfarçavam o confronto e o dissenso. Um mundo marcado pela ambiguidade, a codificação, a linguagem truncada, que produzia documentos cujos sentidos indiretos deveriam ser ‘decifrados’ pelo historiador. (CANTIMORE, 1936, p. 414, apud ESPADA LIMA, 2006, p. 287).

O mundo subterrâneo não faz parte do rol das pesquisas tradicionais, baseadas em fontes oficiais e palpáveis. Carlo Ginzburg, explicando o método morelliano, pontua que é necessário buscar os indícios ou pistas, considerados reveladores, para examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados. Pois, “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la.” (GINZBURG, 1989, p. 144-177).

A inspiração está em trabalhar seguindo um método próximo ao utilizado na Ciência Forense. No qual, através da análise dos vestígios deixados em cenas de crime, os peritos conseguem desvendar os mais elaborados delitos. Para tanto, com base em um princípio bem similar, Ginzburg irá propor o paradigma indiciário ou semiótico, “uma atitude orientada para a análise de casos individuais, reconstruíveis somente através de pistas, sintomas, indícios.” (GINZBURG, 1989, p. 154).

Portanto, um das inspirações de Ginzburg é o grande detetive Sherlock Holmes que, fundamentado na ciência de dedução e da análise, consegue desvendar os mais sofisticados crimes a partir da observação de detalhes ínfimos. De fato, nessa perspectiva, o paradigma indiciário se aproxima do método de Holmes, principalmente quando relacionado à sua estratégia de investigação.

Além do exemplo de Sherlock, Ginzburg destaca o crítico de arte Giovanni Morelli (perito em falsificações), na qual a sua metodologia de

trabalho pressupõe a observação dos detalhes esquadrinhando os signos pictóricos, além de Morelli é citado Sigmund Freud, o fundador da psicologia moderna, e a técnica psicanalítica. Nos três exemplos, o método adotado é inspirado na semiótica médica, “[...] a disciplina que permite diagnosticar as doenças inacessíveis à observação direta na base de sintomas superficiais, às vezes irrelevantes aos olhos do leigo.” (GINZBURG, 1989, p.151).

Articulamos a hipótese central desta dissertação com base nos indícios encontrados a partir desse processo interpretativo, para trazer à tona a singular cosmovisão de um criptojuudeu, através das suas leituras. Na reflexão de Chartier (1998) é um desafio para o pesquisador sistematizar essa prática – da leitura – que em poucas oportunidades deixa marcas.

Em outra passagem da obra “A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII”, Chartier afirma que:

A tarefa do historiador é, então, a de reconstruir as variações que diferenciam os ‘espaços legíveis’ – isto é, os textos nas suas formas discursivas e materiais – e as que governam as circunstâncias de sua ‘efetuação’ – ou seja, as leituras compreendidas como práticas concretas e como procedimentos de interpretação. (CHARTIER, 1998, p. 12).

Trazendo para a compreensão ‘o mundo do texto’ e o ‘mundo do leitor’<sup>7</sup>, num processo de reconstrução de um panorama histórico, no qual destacamos uma gama de fatores e influências. Para isso, Chartier (1998) recomenda que devemos considerar como os textos são apropriados pelos leitores e a sua recepção na sociedade em geral.

Decodificar esses rastros nos dá acesso a uma estrutura densa e complexa, trazendo à tona elementos fundamentais de um mundo subterrâneo que existia na Espanha do século XVI. Nesse sentido, devemos levar em conta “que a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, em espaços, em hábitos. (CHARTIER, 1998, p.13). Traz à superfície questões mais introspectivas, da personalidade e do engajamento sócio-religioso do personagem em questão.

---

<sup>7</sup> As expressões usadas por Chartier são referências a termos cunhados por Paul Ricoeur na obra “Tempo e narrativa: tomo III”.

Tendo como exemplo “O queijo e os Vermes<sup>8</sup>”, de Ginzburg, adentramos na perspectiva de Peñaranda através da sua visão de mundo. E nada mais significativo que os livros que acompanharam e moldaram o seu *modus operandi* de perceber as coisas. Porém, qual a importância de analisar um único personagem dentro desse cenário de perseguição? Como esse personagem pode ser representativo? Ao analisar o caso de Menocchio, Ginzburg irá responder um questionamento bem similar, pontuando que

[...] mesmo um caso limite (e Menocchio com certeza o é) pode se revelar representativo, seja negativamente – por que ajuda a precisar o que se deva entender, numa situação dada, por ‘estatisticamente mais frequente’ –, seja positivamente – porque permite circunscrever as possibilidades latentes de algo (a cultura popular) que nos chega apenas através de documentos fragmentários e deformados, provenientes quase todos de ‘arquivos de repressão’. (GINZBURG, 2006, p. 21).

O mundo apresentado aqui está submerso na teia dos segredos e da heterodoxia. Portanto, analisar as tensões religiosas desse período, através do *corpus* de leitura do personagem em questão, faz com que adentremos não só na dinâmica social do micro-espaco de Peñaranda, mas pode revelar estruturas mentais de um mundo subterrâneo além das fronteiras do seu núcleo de representações. Contudo, a intenção não é reconstruir a biografia de um personagem, mas destacar os aspectos essenciais da religiosidade cristã-nova que podem ser identificados através de uma trajetória individual.

## 2.1 Rastros de uma mentalidade criptojudáica: o labirinto da realidade<sup>9</sup>

Quando deixou para trás a sua vida, emprego e habitação em Barcarrota<sup>10</sup>, o médico criptojudeu, Francisco Peñaranda, não poderia imaginar que o “tesouro” que havia ocultado em sua casa seria fruto de pesquisas, depois de quase quatro séculos. Um mistério digno das narrativas do escritor e

<sup>8</sup>O queijo e os vermes trata sobre a história do moleiro Domenico Scandela, o Menocchio, que foi acusado pela inquisição de sustentar a ideia que o mundo originava-se na putrefação.

<sup>9</sup>*Labirinto da realidade* é uma expressão cunhada por Ginzburg em sua obra seminal “O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício”.

<sup>10</sup> Barcarrota é um município espanhol que esta localizado na província de Badajoz (que integra a comunidade autónoma da Estremadura).

médico britânico Sir Arthur Conan Doyle (1859-1930), criador do famoso detetive “Sherlock Holmes”.

O nosso personagem é natural de Llerena, na província de Badajoz, na qual foi instituído o tribunal de Llerena (1485-1834), provavelmente Peñaranda fazia parte da parcela da população de judeus sefarditas que nasceram em meio ao “boom” da perseguição aos judeus em solo espanhol. Segundo Mangas, nosso personagem veio ao mundo entre os anos de 1488 e 1490, filho do bacharel Gonzalo Sánchez Ramos e de Mencía González, ambos conversos, e casado com a judia conversa Guiomar Enríquez.

Poucos anos depois do seu nascimento, durante fins da segunda metade do século XV, foi instituído o decreto de *Alhambra*<sup>11</sup>, edito de expulsão promulgado pelos reis católicos, Isabel I de Castela e o rei Fernando II de Aragão onde determinava que os judeus que residissem em território espanhol deveriam “optar” por ser batizados, ou deixar o país.

A promulgação desse edito marca o fim de um período e início de outro na história dos sefarditas. Aqueles que escolheram permanecer em solo espanhol irão desenvolver, em meio à perspectiva do segredo, o criptojudaísmo. Assim, os judeus expulsos e mais tarde os conversos que viviam na península Ibérica vão formar uma complexa rede de solidariedade sócio-comunitária de cunho familiar, comercial, político, religioso e cultural. Criou-se uma identidade distinta, uma casta dentro do sistema e ao invés de perderem a identidade o que houve foi um sentimento de compromisso duplo. (BIRNBAUM, 2005).

Visto que, “até meados do século XVI, tanto na Espanha como em Portugal, a influência do judaísmo continuou forte e, se bem que a observância fosse diminuída pelo medo, não era pela ignorância.” (ROTH, 2001, p. 120). Nesse caso, mesmo com as constantes perseguições, ainda estavam frescos, na mentalidade coletiva, os costumes de procedência judaica.

Muchos de los judíos ibéricos instruidos de los siglos xiv y xv sabían suficiente hebreo como para decir sus oraciones litúrgicas y leer la Torá en esa lengua, siendo capaces de leerlo y escribirlo bien. Las buenas bibliotecas privadas solían disponer de obras religiosas, filosóficas y médicas en hebreo. Naturalmente, los conversos de la primera generación

---

<sup>11</sup>O decreto de *Alhambra* ou édito de Granada foi publicado na cidade de Granada em 31 de março de 1492, forçando os judeus espanhóis a optarem por deixar a Espanha ou converterem-se ao cristianismo.

incorporaron a su nueva vida la educación judía que habían recibido. De hecho, hasta que se estableció la Inquisición, algunos hijos de conversos eran instruídos en lengua hebrea en las escuelas de la comunidad judía. (VIZAN, 2013, p. 199-200).<sup>12</sup>

Para um melhor entendimento do assunto se torna relevante destacar que com a expulsão dos cristãos-novos da Espanha (1492) e posteriormente de Portugal (1497), permaneceu no imaginário popular a crença de que os judeus, depois de serem expulsos, deixaram para trás, a serem resgatados em outra oportunidade, verdadeiros tesouros.

De acordo com o decreto de *Alhambra*, os judeus ao saírem da Espanha não podiam levar consigo ouro, prata ou dinheiro cunhado. Pensando nessa proposição, na Espanha e até mesmo em Portugal (em decorrência do decreto de expulsão), se cultivou a crença de que os judeus ao serem expulsos, no início da Idade Moderna, esconderam tesouros em determinados locais para serem resgatados na posteridade.

Apesar desse relato estar envolto num clima de lenda e também ser distorcido pela imaginação popular, na esperança que muitos acariciam de encontrar riquezas em joias e metais preciosos, existem indícios de que esses tesouros eram constituídos de livros da cultura e religião judaica uma vez que, em sua fuga para outros reinos cristãos, eles não poderiam levá-los consigo.

Ora, a crença popular não é sem fundamento, dado que que a tradição mosaica prescreve o máximo cuidado com os livros religiosos, considerados sagrados, coibindo a sua destruição ou incineração e exigindo que em cada sinagoga haja um local chamado *genizah*<sup>13</sup>, depósito ritual onde são

---

<sup>12</sup>“Muitos dos judeus ibéricos instruídos do século XIV e XV sabiam hebraico suficiente para fazer as orações litúrgicas e ler a Torá nessa língua, sendo capazes de ler e escrever bem. As boas bibliotecas privadas dispunham de obras religiosas, filosóficas e médicas em hebraico. Naturalmente, os conversos da primeira geração incorporaram a sua nova vida a educação judaica que haviam recebido. De fato, depois que a Inquisição foi criada, alguns filhos de convertidos foram ensinados em hebraico nas escolas da comunidade judaica.” (VIZAN, 2013, p. 199-200, tradução nossa).

<sup>13</sup>“Genizah (hebraico significa ‘esconderijo’) sala ou recipiente em que são armazenados textos sagrados usados e páginas contendo o nome de Deus. Quando os sábios mishnaicos fixaram o cânon da Bíblia hebraica eles destinaram os textos não-canônicos a uma guenizá, para que não fossem confundidos com as Escrituras. O *Talmud* menciona até um livro de receitas médicas que o rei Ezequias recolheu a guenizá, porque as pessoas tendiam a confiar mais nos remédios do que em Deus. Hoje, a principal função da guenizá é ser um depósito de bíblias, livros de oração e outros manuais religiosos que não sirvam mais para o uso. Como sua santidade deve ser respeitada e os nomes divinos que contêm não podem ser destruídos, deixa-se que se desintegrem naturalmente. Tais obras são referidas como ‘Shemot’ (em ídiche, ‘sheimos’), ou ‘nomes (divinos)’. Uma guenizá fica geralmente no porão ou no sótão de uma

conservados os escritos em hebraico já envelhecidos que contém o nome de Adonai. Além disso,

Sabe-se de judeus da Espanha que, ante a ameaça iminente de perseguições, decidiram-se pelo batismo voluntário, e transferiram, por isso, seus livros *en abrayco* a ex-corrreligionários mediante a lavratura de solenes contratos públicos. Já os judeus convertidos à força em Portugal, por decreto de D. Manuel, tinham seus livros hebraicos confiscados e proibidos à circulação. (LIPINER, 1987, p. 189-190, grifo do autor).

Com relação ao imaginário popular fantasiar sobre os tesouros deixados pelos judeus, podemos confirmar essa lenda a partir de dois fatos. O primeiro caso diz respeito ao Rabino Abraham ben Yahacob Saba. Vejamos o relato de 1497, contido na introdução, que o místico Saba faz, no comentário do livro de Ruth e que é citado na Obra de Elias Lipiner, “Gaspar da Gama: um converso na Frota de Cabral”:

Foi decretada a expulsão de todos os judeus de Portugal por ordem do rei Manoel – que seu nome e sua memória sejam apagados – pois não se contentou com isto e ordenou mais o confisco de todos os livros hebraicos do reino, depois de ter ordenado o roubo dos filhos e das filhas, e das sinagogas. Deixei então todos os livros na cidade do Porto, e me arrisquei a levar comigo para Lisboa o *Comentário do Pentateuco* de minha autoria, e assim os comentários sobre o *Tratado dos Pais* e das *cinco megilot* bíblicas, bem como a minha obra *Zeror Ha-Quéssef* sobre leis, que compus na juventude. Porém chegando em Lisboa fui prevenido por alguns judeus acerca a pena de morte prevista para os portadores de livros ou quaisquer objetos rituais hebraicos. Sem demora, antes ainda de entrar na hospedaria localizada fora da cidade, tomei minhas referidas obras, e dois judeus me acompanharam e cavaram a terra debaixo de uma oliveira, sepultando-as ali. E, ainda que essa árvore me lembre a frase bíblica [Jeremias, XI, 16] *oliveira verde, formosa e frutífera*, eu, tendo em mente a sabedoria agora oculta debaixo dela, denominei-a *árvore da lamentação*, pois ali tinha sepultado as minhas cousas mais desejadas, os comentários sobre o Pentateuco e sobre os preceitos bíblicos que me eram mais benquistos do que ouro puro em grande quantidade, porquanto através deles consolei-me dos dois filhos que me foram raptados e batizados contra a vontade [...] (LIPINER, 1987, p. 190, grifo do autor).

---

sinagoga, e quando esta cheia, os livros são enterrados num cemitério.” (UNTERMAN, 1992, p. 108).

A história do exegeta Saba se confunde com a dos demais judeus espanhóis que buscaram refúgio em Portugal após serem banidos de solo espanhol. Como tantos outros judeus, ele se estabeleceu na cidade do Porto na esperança de ter liberdade para escrever suas obras exegéticas, mas a aparente aceitabilidade não durou muito tempo. Em 5 dezembro de 1496, quatro (4) anos depois da expulsão dos judeus da Espanha, para firmar aliança com a coroa espanhola, D. Manuel promulgou o edito de expulsão dos judeus de Portugal, o qual determinava que até o mês de outubro de 1497 todos os judeus e mouros deixassem o país ou então se convertessem ao catolicismo.

Contudo, em contradição ao edito, com a intenção de impedir a saída em massa dos judeus, por ordem real eram retiradas das famílias as crianças com mais ou menos oito anos para serem batizadas e colocadas sob tutela de famílias cristãs. Nesse cenário de horror e de extrema tristeza, os filhos do exegeta Saba, como tantas outras crianças judias, foram raptados e batizados segundo os preceitos da fé cristã e o rabino nunca mais teve notícias de seu paradeiro.

Atentem que essa política em Portugal não é nenhuma novidade. Em 1493<sup>14</sup>, um ano após a expulsão dos judeus da Espanha, aconteceu uma circunstância parecida. Observemos um trecho do eloquente relato de Samuel Usque em “Consolação às Tribulações de Israel” sobre o ocorrido:

Chegada esta infelice e miserável hora em que se havia ua tão fera crueldade de esecutar, vereis ensanguentar os rostos com as mãos as coitadas madres que dos braços lhe tiravam seus filhos de até tres anos, depenar as barbas os honrados velhos porque lhe arrebatavam suas entranhas de ante os olhos, e as mal afortunadas criaturas levantar seus vivos gritos té o céu, vendo-se afastar tão despiadosamente de seus amados padres em idade assi tenra e lastimosa. Lançavam-se aos pés de El rei alguas, cramando que ao menos as deixassem ir acompanhar seus filhos, e nem inda a isto sua piadade se inclinava. Entre estas houve ua mai que, considerada a horrenda e nova crieza sem mestura de alguma misericórdia a seus cramores, arrebatando seu filho nos braços da alta nao, dentro no tempestuoso mar se lançou e fundio com a sua única criatura abraçada. (USQUE, 1553, p. 49).

---

<sup>14</sup> “No intuito de compellir os immigrados a conversão, ou de, pelo menos, trazer os ainda innocentes a fé christã ordenou D. João II que todas as creanças de dois a dez annos fossem tiradas aos pais, e transportadas a ilha de S. Thomé, havia pouco descoberta.” (D’AZEVEDO, 1922, p. 24)

Retornando ao caso do Abraão Saba, ainda abalado com a perda dos filhos, o rabino partiu rumo a Lisboa para tomar as providências da sua partida para Marrocos, mas sabendo do confisco de livros se precaveu e enterrou o seu tefilin<sup>15</sup> e seus manuscritos sob as raízes de uma oliveira, retornando posteriormente para buscar os exemplares que havia ocultado. (BLOCH, 1987). Assim, a experiência do rabino Saba torna-se um antecedente significativo para a análise do caso de Peñaranda.

O segundo episódio foi descoberto em 1992 e constitui o objeto dessa pesquisa. Como descrito anteriormente, nesse ano um pedreiro que realizava obras em uma secular residência, localizada no número *21 de la Plaza de Nuestra Señora*, deparou-se com um surpreendente conteúdo escondido por tapumes num espaço vazio existente nas paredes. Trata-se de um conjunto de livros clandestinos que foram escondidos pelo médico criptojuzeu Francisco de Peñaranda, por volta do ano de 1557, nas paredes de sua casa e ali permaneceu durante mais de quatro séculos. (MANGAS, 2010).

Logo que foi divulgada a descoberta deste tesouro surgiram várias interrogações e eventuais dúvidas que ocuparam intelectuais e a sociedade em geral. Iniciando um debate sobre quem, em uma época de agudizada ação censória, teria coragem de portar um conjunto de livros de conteúdo herético? O porquê de guardá-los com tanto cuidado? E, sobretudo, aliado à possibilidade do seu possuidor ser de origem cristã-nova.

O conhecimento lacônico dos onze livros defesos dá-nos um esboço riqueza da sua biblioteca. Sem dúvidas, Peñaranda possuía uma educação diferenciada para o período. Já que, dentre os livros emparedados podemos mencionar obras em espanhol, francês, latim, hebraico, português e italiano, o que demonstra um nível intelectual acima do padrão da população da época.

O que não é uma surpresa em se tratando de um cristão-novo, uma vez que é comum para os judeus espanhóis e portugueses, além de dominar a leitura, o que não era corriqueiro para o período, também serem exímios tradutores. É citado por Tello (1992) que na Espanha das três religiões os

---

<sup>15</sup> “Os talismãs portadores de figuras e palavras dotadas de poder cabalístico estão admitidos no texto da Torá, conforme se vê em Êxodo XIII: 1-10-16 e Deuteronômio VI: 9-4, XI: 13-21. Esses textos eram escritos em pergaminho e levados pelos judeus devoto, com o nome de Tephilim, amarrado ao braço e outro na frente.” (OMEGNA, 1969, p. 45).

judeus destacavam-se nas atividades científicas e nas traduções de textos, por serem grandes conhecedores de línguas, sobretudo o árabe<sup>16</sup>.

Ao mesmo tempo, as comunas<sup>17</sup> judias mantinham escolas voltadas para a educação religiosa, o que gerou uma taxa excepcional de judeus alfabetizados. (WILKE, 2009).

A comunidade judaica possui uma rica produção intelectual onde se destacam obras de teor teológico, literário, na área da jurisprudência e nas ciências naturais. Os judeus foram responsáveis pela transmissão de um corpus científico e filosófico de forte influência na Ibéria medieval e moderna onde foram determinantes na construção de novas visões de mundo.

Mesmo depois da expulsão dos judeus da Espanha, os médicos conversos eram “autorizados a estudar os livros científicos em hebraico e alguns também estudavam o Talmude, já que os gentios não distinguiam entre os dois gêneros de literatura.” (BIRBARUM, 2005, p. 18). Na Idade Média, o texto talmúdico era uma das literaturas basilares para os médicos de origem mosaica.

Segundo Sancovsky (2001), a empreitada judaica na ciência do corpo remonta precisamente à alta Idade Média, um período de intensa produção literária rabínica. Nessa época, o Talmude<sup>18</sup> (em hebraico Talmud) será a essência do conhecimento judaico medieval sobre as práticas médicas.

Outro ponto importante que fundamenta a erudição de Peñaranda é a sua profissão, nas palavras de Peter Burke (2003, p. 28):

[...] os letrados incluíam um grupo de estudiosos leigos cultos, em geral médicos e advogados. Direito e medicina eram as duas profissões seculares cultas, com lugar assegurado dentro da universidade medieval e com status no mundo fora dela. Eram grupos corporativos, às vezes organizados em colégios (como o colégio dos Médicos de Londres fundado em 1518) empenhados em manter o monopólio do conhecimento e da prática contra competidores não oficiais.

<sup>16</sup> “Elite urbana, os judeus espanhóis constituíam também uma elite intelectual que traduziu em castelhano e deu a conhecer aos letrados cristãos a ciência e a filosofia árabes. Essa superioridade explica o papel importante desempenhado pelos *conversos* no século XV e ainda no XVI na vida cultural da Espanha.” (DELUMEAU, 1989, p. 28, Grifo do Autor).

<sup>17</sup> “As corporações administrativas dos moradores judeus, organizadas nos lugares onde havia maior número deles, e regidas por direito próprio.” (LIPINER, 1999, p. 63).

<sup>18</sup> Nas palavras de Scliar “[...] saúde e doença, profilaxia e tratamento recebem atenção especial no Talmude.” (SCLiar, 1999, p. 93).

A tradição de proficiência médica judaica foi tão profundamente enraizada na Idade Média, que o *Sachsenspiegel*, um dos grandes códigos alemães, concedia aos judeus o privilégio de paz do Rei com a justificativa que “it was Josephus who gained this peace for them from King Vespasian when he cured his son Titus of the gout’.” (LEWY, 1937–38, p. 242, apud TRACHTENBERG, 2001, p. 92, grifo do autor).<sup>19</sup> Nesse sentido, Trachtenberg completa que os

There was a fairly substantial basis for the tradition. Jewish physicians, though by no means altogether free from the general superstitious attitude, were among the foremost representatives of a scientific medicine in medieval Europe. Their wide knowledge of languages, the availability of Arabic-Greek medical texts in Hebrew translation, their propensity for travel and study abroad, their freedom from the Church-fostered belief in miraculous cures, relics, and the like, and perhaps not least the tradition that associated the practice of medicine with the best minds and the highest scholarship often conspired to make them more effective practitioners than their non-Jewish competitors. (TRACHTENBERG, 2001, p. 92).<sup>20</sup>

Além disso, até mesmo na Idade Moderna, na primeira universidade estabelecida em Lisboa, que foi transferida posteriormente para Coimbra<sup>21</sup> em 1537, a cátedra de medicina era uma das especialidades dos conversos da primeira e segunda geração de cristãos-novos. Uma vez que, só em 1564 que o cardeal-infante D. Henrique ordenou a retirada dos convertidos do colégio de São Paulo e da faculdade de medicina de Coimbra. (WILKE, 2009).

Existia entre os médicos uma espécie de solidariedade entre os médicos o que, em parte, explica como Francisco Peñaranda conseguiu com facilidade um emprego na conceituada instituição de caridade e saúde, a confraria e

---

<sup>19</sup>“foi Josephus que ganhou esta paz para eles a partir do rei Vespasiano quando ele curou seu filho Titus da gota’.” (LEWY, 1937–38, p. 242, apud TRACHTENBERG, 2001, p. 92, grifo do autor, tradução nossa).

<sup>20</sup>“Houve uma base bastante substancial para a tradição. Médicos judeus, embora nem todos livres da atitude supersticiosa geral, estavam entre os principais representantes da medicina científica na Europa medieval. Seu amplo conhecimento de línguas, a disponibilidade de textos médicos árabe-gregos na tradução do hebraico, sua propensão para viajar e estudar no exterior, a liberdade da Igreja-promovia a crença em curas milagrosas, relíquias, e desejos, talvez não menos importante que a tradição que é associada à prática da medicina com as melhores mentes e o maior conhecimento, muitas vezes conspiraram para torná-los mais eficazes do que os seus concorrentes praticantes não-judeus.” (TRACHTENBERG, 2001, p. 92, tradução nossa).

<sup>21</sup> É uma referência a prestigiada Universidade de Coimbra (UC) que teve a sua fundação em 1290.

Santa Casa de Misericórdia de Olivença<sup>22</sup>, criada em 1501 por D. Manuel a pedido da rainha Dona Leonor de Avis (1458-1525). Notemos que Olivença<sup>23</sup> é uma cidade fronteiriça, situada no interior do país na qual, segundo Wilke (2009), desde o século XIII, é possível destacar a presença de comunidades judaicas organizadas (comunas).

## 2.2 A Biblioteca de Barcarrota: os livros emparedados

Em uma análise inicial das obras pertencentes a Francisco Penãranda podemos assinalar a presença de três gêneros de grande importância para o estudo do criptojudaísmo, são elas: obras de caráter místico, religioso e filosófico.

O período de publicação destes livros prolonga-se de 1525 a 1554, século marcado por profundas transformações, rupturas e contradições, sobretudo com as grandes navegações e a difusão da prensa gráfica. Mas, o seu diferencial é que todas figuram nos índices de livro proibidos, o *Index Librorum Prohibitorum*<sup>24</sup>.

Dentre os livros emparedados são citadas, inicialmente, algumas obras no Catálogo de Livros Proibidos de 1559<sup>25</sup>. Na categoria de “livros de Romance que se proíbem” estão: “Lazarillo de Tormes” (primeira e segunda parte), “Língua de Erasmo de Roterdã” (em romance e em latim e qualquer outra língua vulgar), “A Oração da Emparedada”. Já entre as obras em latim proibidas estão: “Bartholomei Coclitis physiognomie” e “Chyromantie compendium”.

<sup>22</sup>“El 21 de marzo de 1557, Francisco de Peñaranda comparece ante los rectores de la Cofradía del Hospital y Santa Casa da Misericórdia de Olivenza, prestigiosa institución benéfico-sanitaria de una población bastante mayor que Barcarrota, al otro lado de la frontera, em la ajena jurisdicción del Reino de Portugal.” (MANGAS, 2010, p. 72).

“Em 21 de março de 1557, Francisco Peñaranda comparece perante a administração da Confraria do Hospital e Santa Casa de Misericórdia de Olivença, prestigiosa instituição benéfico-sanitaria de uma população bastante maior que Barcarrota, do outro lado da fronteira, no território jurisdicional do Reino de Portugal.” (MANGAS, 2010, p. 72, tradução nossa).

<sup>23</sup>Olivença (ou em espanhol Olivenza) é uma cidade, que desde o século XIX, é objeto de disputa entre Portugal e Espanha.

<sup>24</sup>“O sistema de censura mais famoso e difundido do período foi o da Igreja Católica, com seu ‘Índex dos Livros Proibidos’. O Índex era um catálogo — talvez seja mais bem descrito como um ‘anticatálogo’ — de livros impressos que os fiéis estavam proibidos de ler. Havia também vários índices locais, começando com o publicado em 1544 pela Sorbonne (a Faculdade de Teologia da Universidade de Paris), porém os mais importantes foram aqueles editados pela autoridade papal e distribuídos por toda a Igreja, de meados do século XVI a meados do XVII.” (BURKE, BRIGGS, 2006, p. 56).

<sup>25</sup> O Index de 1559 foi editado pelo inquisidor-geral Fernando Valdés (1483-1568) que perseguiu luteranos e judeus conversos.

De acordo com Burke, “no início do período moderno a censura da mídia, sobretudo por heresia, sedição ou imoralidade, era uma grande preocupação das autoridades dos estados e das igrejas europeias, fossem elas católicas ou protestantes.” (BURKE; BRIGGS, 2006, p. 56).

Com base em uma análise inicial do conjunto das obras contidas na Biblioteca de Barcarrota é possível identificar obras que se encaixam perfeitamente nesses três pilares da censura moderna. Como por exemplo, na categoria de livros heréticos podemos citar o panfleto contra os cristãos-novos<sup>26</sup>, a única cópia em português da oração da emparedada<sup>27</sup>, dois tratados de quiromancia do século XVI<sup>28</sup> e um manual de exorcismo<sup>29</sup>; já com relação à sedição podemos mencionar as obras de Erasmo de Roterdã<sup>30</sup> e uma fábula alegórico-sexual<sup>31</sup>, que pode ser classificada como um livro contra ordem vigente com conteúdo erótico. Tudo isso ressalta a heterogeneidade e propensão à heresia desse médico espanhol.

Refletindo sobre a situação da censura na Espanha, Jean Delumeau irá destacar que:

A instituição da censura preventiva um pouco em toda a parte e a compilação dos índices de livros proibidos inscrevem-se no mesmo contexto de inquietação diante da escalada da heresia e de sua crescente difusão pela imprensa [...]. A Espanha, sempre ciosa de sua independência, faz questão de ter seus próprios índices, sensivelmente diferentes de Roma. (DELUMEAU, 1989, p. 400).

Desde 1521 que a Inquisição espanhola ampliou pouco a pouco a sua jurisdição no controle da circulação de livros; constantes incursões do Santo Ofício eram realizadas nos locais de impressão, importação e distribuição das obras. Bethencourt (2000) menciona, que as listas de exemplares proibidos sofriam constantes atualizações, que resultaram em uma série de catálogos de

<sup>26</sup> Alborayque (1525).

<sup>27</sup> A muyto devota oraçã da Empardeada (1525).

<sup>28</sup> Tricassi Cerasatienfis Mantuani. Super Chytomantiam Coclytis Dillucidationes Praeclarissimae . . Ad Illustrissim Dominum D. Federicum Gonzagha. Mantuae Marchionem (1525) e Chyromantia de Tricasso da da Ceresari Mantuano artisticamente estratta i libri Aristotile Philosophi naturali et altri (1543).

<sup>29</sup> Exorcismo adirabile da disfare ogni Sorte di maleficci , & da cacciare gli Demonii [...] provato (1540).

<sup>30</sup> Lingua (1538) e Plutarchi Chaeronei De imódica uerecundia libellus (1538).

<sup>31</sup> Dialogo Intitolato la Cazzaria del Arsiccio Intronat.

obras proibidas, publicados em 1547, 1551, 1559<sup>32</sup>, 1568, 1583, 1612, 1640, 1707, 1747 e 1790 (sem citar os números de éditos suplementares), demonstrando a frequente revisão desse mecanismo de cerceamento em território espanhol. Com razão, Francisco de Peñaranda não poderia viajar para Portugal com os seus livros!

Aliás, a ação censória

[...] obteve razoável sucesso em seus propósitos. Do ponto de vista ortodoxo, os livros eram perigosos. O exemplo de Menocchio, o moleiro italiano que foi estimulado pelos livros a pensar por si mesmo [ver p.70], mostra que eles tinham certa razão. É difícil medir a eficácia da repressão, mas os próprios registros da Inquisição revelam a continuada importância do contrabando de livros, como as cópias de Erasmo ou Maquiavel, que ainda entravam ilegalmente em Veneza nas décadas de 1570 e 1580. (BURKE, BRIGGS, 2006, p. 57-58).

Mesmo com a ação efetiva da Inquisição os livros continuavam sendo contrabandeados. A censura surtiu efeito contrário, despertando ainda mais o interesse do público leitor, uma efervescência difícil de ser controlada. Reforça a proposição de Roger Chartier quando diz que: “[...] a leitura é, por definição, rebelde e vadia. Os artifícios de que lançam mão os leitores para obter livros proibidos, ler nas entrelinhas, e subverter as lições impostas são infinitos.” (CHARTIER, 1998, p. 7).

No caso dos livros emparedados, os anos de impressão destas obras coincidem com a apropriação e aperfeiçoamento por Gutemberg da invenção, do chinês *Bi Sheng* (c. 990-1051 d.C.), dos tipos móveis.

O livro impresso impulsionou algumas mudanças na mentalidade do homem ocidental e foi à alavanca para a difusão de ideias e conhecimentos. Desta forma, no século XV, com a reprodução e a circulação de textos, iniciava-se uma tendência de democratização da leitura que se tornou símbolo das mudanças intelectuais através de movimentos como o Humanismo, o Renascimento e a Reforma Protestante.

---

<sup>32</sup>“Así pues, el *Catalogus librorum qui prohibentur* ..., mandado publicar por el Inquisidor general Fernando de Valdés en agosto de 1559, puede considerarse como el primer índice de libros prohibidos elaborado exclusivamente por el Santo Oficio.” (PARDO TOMAS, 1983, p. 237).

“Assim, pois, o *Catalogus librorum qui prohibentur*..., mandado publicar pelo Inquisidor geral Fernando Valdés em agosto de 1559, pode ser considerado como o primeiro índice de livros proibidos elaborado exclusivamente pelo Santo Ofício.” (PARDO TOMAS, 1983, p. 237, tradução nossa).

Nesse contexto, os europeus letrados se intitulavam como cidadãos da República das Letras<sup>33</sup>, “uma terminologia criada no século XV, mas que ganhou projeção do século XVII em diante.” (BURKE, 2003, 34). Eventualmente, a interação entre intelectuais transcendia a fronteira nacional e religiosa a partir de visitas e correspondências. Em geral, esses letrados que Burke faz referência são médicos (como Peñaranda) ou advogados.

### 2.3 Apreciação inicial das obras emparedadas

Por conta de certas limitações, relacionadas principalmente ao número de exemplares, escolhemos algumas obras para que pudéssemos fazer uma análise apurada e minuciosa. Seguem os primeiros comentários sobre alguns dos livros escolhidos para analisarmos e que será aprofundado no próximo capítulo.

Dentre os livros da nossa biblioteca clandestina chama atenção o chamado “Livro do Alboraique”, um tratado considerado por alguns como um panfleto escrito anonimamente na Espanha, por volta de 1488, e que tinha o pretense objetivo de satirizar os cristãos-novos de procedência judaizante. No dizer de Faingold (1999, p. 28),<sup>34</sup>

A narrativa do Alboraique é simples, pouco racional e bem ilustrativa. Não existe uma trama contínua, sofisticada, fruto de um trabalho intelectual meticuloso; e praticamente todo o texto está estruturado com recursos idiomáticos que permitem obter uma descrição visual do judeu convertido.

O título é inspirado na cavalgada de Maomé, *Al-Burak*, que, conforme a tradição, era uma criatura híbrida com características de cavalo, mulo, leão, lobo e traços dos dois sexos e outros atributos, no qual o profeta foi transportado de Meca até Jerusalém. A metáfora central do livro procurava descrever os conversos tendo em vista que em seu interior conviviam várias características. (BAROJA, 2000).

---

<sup>33</sup> “República das Letras (*Respublica litterarum*) ou ‘comunidade do saber’ é uma expressão que passou a ter uso cada vez mais frequente nos primórdios da Europa moderna para designar a comunidade internacional dos estudiosos.” (BURKE, 2003, p. 58).

<sup>34</sup> O professor de História da Universidade Hebraica de Jerusalém, Reuven Faingold, trabalha com a versão do Alborayque que se encontra atualmente na Biblioteca Nacional de Madrid.

El Alborayque, compuesto probablemente en el entorno del cardenal Juan de Torquemada – tío del famoso inquisidor general –, libro que tuvo gran divulgación e influencia; circuló primero em copias manuscritas (uma se hizo em Sevilla el 15 de diciembre de 1489); em 1545, la imprenta de J. Cromberger dio a conocer la primera edición de la obra. (PÉREZ, 2005, p. 147).<sup>35</sup>

Em uma primeira leitura, o entendimento sobre o sentido geral da obra pode ser conduzido a classificar esse panfleto como um simples manifesto antisemita, mas, apesar de transparecer uma oposição aos criptojudéus, na realidade o livro podia mesmo era servir como um manual de práticas da religião proscrita. Uma vez que era proibida a circulação de qualquer livro de teor judaico.

Comentando a presença dessa obra entre os livros emparedados Fernando Serrano Mangas reforça que (2010, p. 30):

No es obra esa que tuviera jamás um Cristiano viejo, ni muchos menos, un converso o alboraique. Su posesión entrañaba enorme peligro, pues se transmutaba em carta de identidad del poseedor. Ni a um converso, ni a un cristiano viejo se le hubiese pasado por la imaginación tapiar un ejemplar del raro Alboraique como algo querido y apreciado. La posesión y conservación sólo puede atribuirse, necesariamente, a un criptojudío, a alguien que em secreto persistía em la fe de sus ancestros. La circulación de semejante obra se efectuaba de mano em mano, pero con la incuestionable premisa de que ambas extremidades fuesen de absoluta confianza. Prueba de ello es que el de Barcarrota es el segundo ejemplar impreso que se conoce.<sup>36</sup>

Outro exemplar que não passa despercebido é a “Oração da Emparedada”, incluída no *Index Librorum Prohibitorum* por conta do seu

---

<sup>35</sup>“O Alboraique, composto provavelmente no ambiente do cardeal Juan de Torquemada – tio do famoso inquisidor geral –, livro que teve grande divulgação e influencia; circulou primeiro em copias manuscritas (uma feita em Sevilha em 15 de dezembro de 1489); em 1545, na imprensa de J. Cromberger que deu a conhecer a primeira edição da obra.” (PÉREZ, 2005, p. 147, tradução nossa).

<sup>36</sup>“Não é uma obra que jamais tivera um cristão velho, nem muito menos, um converso o alboraique. Sua posse envolvia enorme perigo, pois se transmutava em carta de identidade do seu possuidor. Nem um converso, nem a um cristão velho se havia passado pela imaginação esconder na parede um exemplar do raro Alboraique como algo querido ou apreciado. A sua posse e conservação só pode ser atribuída, necessariamente, a um criptojudéu, a alguém que em segredo persistia na fé de seus ancestrais. A circulação de semelhante obra se efetuava de mão em mão, mas com a premissa inquestionável de que ambas as extremidades fossem de absoluta confiança. Prova disso é que o exemplar de Barcarrota é a segunda cópia impressa conhecida.” (MANGAS, 2010, p. 30, tradução nossa).

conteúdo supersticioso. Esse pequeno folheto, contendo 16 páginas, é o “único” exemplar que conseguiu escapar à ação do tempo e do Santo Ofício.

Além do Alboraique e da Oração da Emparedada, figuram entre as obras encontradas em Barcarrota dois manuais de quiromancia<sup>37</sup>. Essa assertiva é oportuna para refletir que:

Otras obras de este grupo podían ser más conflictivas puesto que se hallaban cercanas a las fronteras de separación, casi siempre difusas, entre la magia natural - o "simpática" - y la llamada "magia negra", perseguida abiertamente por la Iglesia, puesto que implicaba la creencia en una intervención demoníaca en ciertos fenómenos. Entre estas obras encontramos los tratados de fisiognomía y quiromancia de B. Cocles y Ioannes ab Indagine. Pero no debemos ignorar la consideración positiva que la fisiognomía y la quiromancia tenían para muchos de los médicos de la época (PARDO TOMAS, 1983, p. 254, grifo do autor).<sup>38</sup>

Segundo Richard Seidman, dentre as maneiras arcaicas de adivinhação comuns entre a comunidade judaica à leitura da palma da mão é uma delas, até mesmo “o famoso rabino Isaac Luria foi um dos vários místicos a desenvolver um sistema de quiromancia, ou leitura da palma da mão, com base na teoria cabalística.” (SEIDMAN, 2005, p. 27). Inclusive, segundo Gershom Scholem (2009, p. 288), um dos maiores estudiosos sobre correntes místicas do judaísmo, “entre os discípulos de Isaac Luria a tradição difundiu que seu mestre era um especialista em quiromancia e muitas tradições indicam o fato de que vários cabalistas tinham instrução em quiromancia.”

Nesse caso, a quiromancia é mais uma das conexões entre o *corpus* de leitura do nosso personagem com a Cabala. Além disso, quando Roland Goetschel (2009, p. 26, Grifo do Autor) analisa a mística judaica na antiguidade ele irá salientar que:

---

<sup>37</sup> “[...] A quiromancia é uma arte que consiste não apenas na leitura das mãos e em obter informações, consoantes as suas linhas, ramificações e rugas, mas compreende também todas as plantas, madeira, quartzo e cascalho, o solo e a água que corre, e tudo o que tem linhas, veias e rugas. (Paracelso, De signatura rerum naturalium, 1537).” (ROOB, 1997, p. 582).

<sup>38</sup> “Outras obras deste grupo podem ser mais controversas porque eles estavam perto das fronteiras de separação, geralmente difusas, entre a magia natural – ou ‘simpática’ – e a chamada magia negra’, perseguida abertamente pela Igreja, uma vez que implica a crença em intervenção demoníaca em certos fenômenos. Entre estas obras encontramos os tratados de fisionomia e quiromancia de B. Cloces e Ioannes ab Indagine. Mas, não devemos ignorar a importância que a fisionomia e a quiromancia têm para muitos dos médicos da época.” (PARDO TOMAS, 1983, p. 254, grifo do autor, tradução nossa).

Para evitar o perigo de heresia, realizava-se uma seleção dos candidatos a tais círculos não só levando em conta um nível de conhecimento esotérico e de qualidade morais muito elevado como também os critérios surgidos da fisiognomia *hakkarat Panim* e da quiromancia *sidrey shirtûtin*.

Nesse momento do texto, cabe a definição da Cabala. Essa mística esotérica, de procedência judaica, é caracterizada por ser uma interpretação mística da *halakhah* (lei rabínica). Um esoterismo<sup>39</sup> de influência gnóstica que surgiu da interpretação místico-simbólica dos textos da Torá, da tradição e de tudo mais que diz respeito à lei rabínica (GOETSCHHEL, 2009). Contudo,

O misticismo judaico é a soma das tentativas feitas para introduzir uma interpretação mística no conteúdo do judaísmo rabínico, tal como este se cristalizou na época do Segundo Templo e posteriormente. (SCHOLEM, 2002, p. 43)

Na tradição judaica os livros básicos da Cabala são: o *Séfer Yestziráh* (Livro da Criação, compilado entre os séculos III e VI d.C.), *Séfer ha-Bahir* (Livro Bahi<sup>40</sup>, séc.XII) e o *Séfer ha-Zohar*<sup>41</sup> (Livro do Esplendor, Séc. XIII).

A partir dessas considerações, e conforme enfatiza Gershom Scholem (1989), a Cabala e as ‘ciências ocultas’, como astrologia, alquimia e quiromancia, possuíam relação, visto que a astrologia e alquimia possuem papel seminal no pensamento cabalístico. Desse modo, “existem vários tratamentos de quiromancia, especialmente no Zohar e nas tradições da escola luriânica. Alguns cabalistas acreditavam que as linhas da mão e da fronte continham indícios das reencarnações prévias do homem.” (SCHOLEM, 1989, p. 169).

Sobre o sentido geral dessa “biblioteca”, Mangas (2010, p. 27-28) pontuou que:

Astrología, quiromancia y hechicería formaba nun todo difícil de separar. El depósito de Barcarrota resulta ejemplar sobre la cuestión. Era el mismo universo científico, pseudocientífico y

<sup>39</sup> Mas, este termo só passa ter um caráter esotérico na Idade Média, especialmente no séc. XII na escola de Isaac l’ Aveugle, onde irá ser definido o campo da mística teosófica. (GOETSCHHEL, 2009)

<sup>40</sup> Bahir significa Luminoso.

<sup>41</sup> O zohar (Livro do Esplendor) é a representação máxima da Cabala clássica, criado por Moisés de Leon, na Espanha, no final do século XIII.

supersticioso – en alto grado procedente de la tradición hebrea [...]”.<sup>42</sup>

O teor desses livros, que compunham a Biblioteca de Barcarrota, demonstra que quem os possuía além de ser versado nas artes médicas exercia a função de mágico. Pois, Peñaranda mantinha interesse em obras tão representativas e que facilmente poderia figurar entre os livros de consulta de uma espécie de mago.

Refletindo sobre o conteúdo destas obras, que fazem parte da biblioteca pessoal do nosso personagem, o qual teve o maior esmero e preocupação em mantê-las a salvo dos tentáculos inquisitoriais, é possível apreender que Francisco de Peñaranda recebeu a influência de duas heranças culturais que tradicionalmente cultivavam relações com a magia e o misticismo. Primeiro, a medicina<sup>43</sup>, que no século XVI ainda consistia numa mistura de quiromancia, astrologia<sup>44</sup>, exorcismo, conhecimento de ervas e artes médicas, como afirmado anteriormente por Mangas (2010), formando um todo difícil de ser separado.

Nesse contexto, conforme explicado por Marcel Mauss (1872 – 1950) na sua obra clássica “Sociologia e Antropologia”

Algumas técnicas de objeto complexo e de ação incerta, de métodos delicados, como a farmácia, a medicina, a cirurgia, a metalurgia, a arte de esmaltar (as duas últimas são herdeiras da alquimia), não teriam podido viver se a magia não lhes tivesse dado seu apoio e, para fazê-las durar, se não as tivesse mais ou menos absorvido. É lícito afirmarmos que a medicina, a farmácia, a alquimia, a astrologia desenvolveram-se na magia em torno de um núcleo de descobertas puramente técnicas [...]. (MAUSS, 2003, p.175).

A esse respeito, Burke (2003, p. 46) pontua que “um crescente interesse pelo ocultismo era outra forma de inovação no período moderno, interesse

<sup>42</sup> “Astrologia, quiromancia e heresia formavam um todo difícil de separar. O depósito de Barcarrota é um resultado exemplar sobre essa questão. Era o mesmo universo científico, pseudocientífico e supersticioso – em alto grau da tradição hebreia [...]” (MANGAS, 2010, p. 27-28, tradução nossa).

<sup>43</sup> A medicina foi uma profissão habitual entre os judeus espanhóis da idade Média. Seus descendentes continuaram a tradição e muitos dos médicos que se destacaram nos séculos XVI e XVII foram de origem conversa. (MORA, 2006).

<sup>44</sup> “Um delito que comumente se acusava a los médicos procesados de esta época fue el practicar la astrología.” (MORA, 2006, p. 79).

“Um delito que comumente se acusava os médicos processados desta época foi praticar a astrologia” (MORA, 2006, p. 79, tradução nossa).

visível em algumas cortes (em especial a de Rodolfo II<sup>45</sup>) e que também gerou suas próprias instituições [...].”

A partir desta assertiva, citamos *Gedaliah ben Shlomo ibn Yahya* ou Mestre Guedelha que além de ter sido médico pessoal dos reis D. João I, D. Duarte e D. Afonso V, o qual segundo Wilke (2009) foi solicitado para tal cargo por conta das suas competências na ciência dos astros e em certos saberes ocultos, fundou o Hospital de Salomão Negro, que na época ficava localizado na Rua da Praça, ao Poço da Foteia em Lisboa.

Na perspectiva de Mauss (2003, p. 63), a magia é atribuída coletivamente, seja para determinadas profissões (como a de médico, de barbeiro, de ferreiro, de pastor, de ator ou de coveiro) ou para alguns grupos inteiros. Nesse caso, “todos os judeus foram considerados mágicos, seja para os alexandrinos ou para Igreja na Idade Média”.

Se pararmos para analisar, é possível salientar que aos médicos de procedência judaica eram atribuídos dotes mágicos. Inclusive, para reforçar esse argumento, entre os livros foi encontrada uma *nómina*<sup>46</sup>, oração impressa, escrita em papel e costurada na veste.

Para visualizar melhor esse argumento, Nelson Omegna (1969, p. 58). faz referência ao caso do rei da França, Francisco I, que acometido por grave enfermidade solicitou ao monarca espanhol um médico judeu. Mas, em contrapartida, o rei da Espanha o enviou um clínico converso que foi prontamente rejeitado por Francisco I, pois necessitava de um médico “judeu, judeu, sim, de poderes densos não aguados ainda pela água do batismo.”

Os médicos judeus possuíam um status diferenciado, as cortes preferiam os seus serviços ao invés de médicos cristãos. Isso pode ser verificado na bula de 20 de Setembro de 1421 do papa Martinho V (1368 - 1431), que concedia a realeza espanhola o privilégio da contratação de médicos judeus. Até mesmo o irmão de Luís IX (1214-1270), Afonso III de Poitiers (1220-1271), o príncipe anti-judaico mais fanático do seu tempo,

---

<sup>45</sup> O excêntrico imperador Rodolfo II de Habsburgo (1552 - 1612) fundou em sua corte uma espécie de academia com os mais ilustres intelectuais das ciências esotéricas da época, com destaque para alquimia.

<sup>46</sup> “Era la nómina un papel o pergamino que se depositaba en una bolsita, escrito con tinta negra o roja, pudiendo ser el texto muy dispar. Los portadores de estos amuletos aparecen frecuentemente en los procesos inquisitoriales.” (MANGAS, 2010, p. 37). “Era a nomina um papel ou pergaminho que se depositava em uma bolsa, escrito com tinta negra ou vermelha, podendo ser o texto muito heterogêneo. Os portadores deste amuletos aparecem frequentemente nos processos inquisitoriais.” (MANGAS, 2010, p. 37, tradução nossa).

chamou da Espanha um médico judeu para salvá-lo da cegueira. Ainda que estivesse em vigor o Édito de Expulsão dos judeus da Inglaterra de 1290, em 1310 Eduardo II concedeu aos médicos judeus o direito para entrar no país, e um século mais tarde, Henrique IV convocou dois médicos judeus da Itália, Elia di Sabbato e David di Nigarelli de Lucca, e um terceiro, Sampson de Mirabeau da França, para tratá-lo, dando-lhes permissão para uma estadia prolongada. Na verdade, em todos os lugares na Europa os médicos foram muitas vezes isentos das restrições e dificuldades impostas sobre o resto da população judaica. (TRACHTENBERG, 2001).

Nesse contexto, usufruir da medicina judaica tornou-se um privilégio para a nobreza. Dentre patuleia circulava o mito que os médicos de procedência judaica envenenavam seus pacientes cristãos. “Em Castela no início do século XV foi instituído pelos reis o princípio determinando que: ‘não haverá mais médicos entre os judeus exceção feita ao médico do rei’” (POLIAKOV, 1979, p. 128)

Assim como descrito por Mauss (2003, p. 56-57) a arte médica e...

Outras artes são, por assim dizer, completamente capturadas pela magia. Tais são a medicina, a alquimia; durante muito tempo, o elemento técnico foi aí o mais reduzido possível, a magia as domina; dependem dela a ponto de parecerem ter se desenvolvido no interior da magia. O ato médico não apenas permaneceu, quase até nossos dias, cercado de prescrições religiosas e mágicas, preces, encantamentos, precauções astrológicas, mas também as drogas, as dietas do médico, os passes do cirurgião, são um verdadeiro tecido de simbolismos, de simpatias, de homeopatias, de antipatias e, de fato, são concebidos como mágicos.

E segundo do judaísmo que se apoia num pensamento eminentemente mágico ao defender o princípio de que o desempenho de rituais bíblicos pode repercutir de forma dramática sobre o curso da natureza. Para os judeus sempre foi atribuído grande influência na área da magia. E uma das principais causas está na Torá<sup>47</sup>, onde se vislumbram inúmeros passos e ritos de acentuada aparência mágica. (OMEGNA, 1969).

---

<sup>47</sup> “A idéia da estrutura e natureza mágica da Torá pode ser encontrada muito antes da Cabala, por exemplo, num *midrash* relativamente antigo, no qual Rabi Eleazar, comentando Jó 28:13, ‘O homem não lhe conhece a ordem’, declara: ‘As várias seções da Torá não foram dadas em sua ordem correta. Pois se estivessem dadas em sua ordem correta, qualquer pessoa que as lesse seria capaz de ressuscitar os mortos e fazer milagres. Por esta razão a ordem e o arranjo corretos da Torá foram ocultos, e são do conhecimento somente do Santíssimo, louvado seja

Segundo Kabalistas, numerosas partes da Bíblia, para além do seu sentido literal, um significado mais profundo, graças ao qual o iniciado pode alcançar uma mais íntima comunhão com Deus. Seja como for, é inegável que o Antigo Testamento contém doutrinas, ideias e expressões, das quais se pode dizer que possuem uma dimensão mística. (MÜLLER, 1989, p. 15).

Scholem explica que “a Torá foi usada para fins mágicos, tanto por judeus como para não judeus: nomes divinos colhidos na Torá eram utilizados para fins de encantação”. (SCHOLEM, 2002, p. 50). O aspecto teúrgico da Torá é enfatizado quando diz que

[...] a Torá não era em essência outra coisa senão o grande Nome de Deus [...]. A Torá é aqui interpretada como uma unidade mística, cujo propósito primordial não consiste em transmitir um significado específico, mas sim expressar a imensidão do poderio de Deus, concentrado em Seu grande ‘Nome’. (SCHOLEM, 2002, p. 52).

Comentando também sobre os “usos mágicos da Torah” Gershom Scholem (1989, p. 153, grifo do autor) explicou que

os usos mágicos da Torah são discutidos no livro *Shimushei Torah* de data não mais recente do que o período gueônico, e onde se consta que, junto com a versão aceita da Torah, Moisés recebeu ainda uma outra versão, composta de Nomes Sagrados dotados de significado mágico. Portanto, ler a Torah ‘de acordo com os nomes’ (Introdução de Nachmânides em seu comentário ao Pentateuco) não tem qualquer significado humano concreto mais sim um sentido completamente esotérico: longe de ter qualquer coisa a ver com narrações históricas e mandamento, a Torah lida dessa maneira preocupa-se exclusivamente com concentrações do poder divino nas varias combinações das letras dos Nomes Sagrados de Deus. Da crença mágica de que a Torah era composta dos Nomes Sagrados de Deus, foi só um pequeno passo para a crença de que a Torah inteira era, de fato, nada mais do que o Próprio Grande Nome de Deus.

Para reforçar esse argumento gostaria de enfatizar um dos pontos sublinhados por Omega (1969, p. 48), no qual o autor da obra “Diabolização dos Judeus: Martírio e presença dos sefardins no Brasil colonial” menciona que na mentalidade coletiva do medievo europeu os judeus eram vistos como

---

Ele, de quem está escrito (Isa., 44:7): ‘E quem, como eu, chamará e o anunciará, e o porá em ordem para mim.’ (SCHOLEM, 2002, p. 49-50).

figuras dotadas de poderes mágicos. E um dos elementos que associa a atividade e competência dos judeus com a arte dos sortilégios “é o fato que os ritos mágicos de outros povos se matizarem de elementos da magia cabalística, criada pelos israelitas.”

Uma das hipóteses defendida nessa dissertação está sendo apresentada aos poucos. Inicialmente trazemos elementos fundamentais, para que possa edificar o caminho cognitivo que será referenciado mais adiante na análise das obras que formaram a cosmovisão de Peñaranda. Para isso, consideraremos não só o espaço de formação do nosso personagem, como também o seu tempo.

Seguiremos para os próximos capítulos buscando aspectos essenciais de um misticismo judaico que conectaremos a Cabala espanhola, que mesmo sofrendo com o golpe da expulsão dos judeus em 1492 ainda resistiu bravamente em solo espanhol e possivelmente foi de grande influência para a formação da mentalidade coletiva dos criptojudéus.

### **3 O ROL DOS LIVROS DEFESOS DA BIBLIOTECA DE BARCARROTA: HETEROGENEIDADE E HERESIA**

O letrado não é apenas o suspeito de delírios e loucuras. Desconfia-se da sua familiaridade com os demônios da leitura, pela facilidade com que se fazem dissidentes, cismáticos, hereges enredados em fábulas, que tem o condão de irritar sempre os donos da verdade de todos os tempos. (OMEGNA, 1969, p. 77).

A biblioteca de Barcarrota encerrou entre suas paredes um conjunto de obras de conteúdo excepcional: livros raros e proibidos pela máquina inquisitorial. Os exemplares desta magnífica biblioteca guardam em suas páginas saberes e conteúdos místicos e insurgentes, fruto de uma religiosidade marginal, e por isso incluído em várias oportunidades nos índices de livros defesos ou proibidos da Espanha.

A partir dessa premissa, esse capítulo faz algumas considerações alusivas ao caráter ideológico dos exemplares e o contexto da sua produção e aquisição, provavelmente, a partir da segunda metade do século XVI.

Uma biblioteca acima de tudo clandestina e que permaneceu oculta, em um espaço vazio existente entre as paredes, durante vários séculos. E que foi descoberta em uma época de maior liberdade política, intelectual e religiosa, se comparada ao contexto em que foram ocultadas, o que possibilitou que as obras pudessem ser preservadas e que surgissem inúmeras linhas de pesquisas, tanto de caráter historiográfico como literário.

Tendo em vista a heterogeneidade do conteúdo desse conjunto de livros, não pretendemos dar conta de todas as obras e nem sanar todas as questões que podem surgir a partir dos exemplares que selecionamos para observação, que seria impossível pela densidade e complexidade de cada um desses livros. Uma vez que, a proposta desta pesquisa é seguir com ponderações e oferecer uma análise dos textos que tratam sobre temas intrinsecamente ligados ao caráter místico e heterodoxo do criptojudaísmo Ibérico, e de forma cautelosa apresentar a interseção entre o arcabouço intelectual, representado pela Biblioteca de Barcarrota, com aspectos essenciais da Cabala peninsular.

A biblioteca de Francisco Peñaranda é composta pelas seguintes obras:

1. *Alborayque*<sup>48</sup>

Dimensões: 20 x 14 cm

Ano: 1525

Autor: Anônimo

Classificação: BIE<sup>x</sup><sup>49</sup>, FA<sup>50</sup> 266

Idioma: Espanhol

Um panfleto de conteúdo antissemita, escrito de forma alegórica com a intenção de estereotipar, sobretudo os conversos de Toledo, Murcia, Andaluzia e Estremadura, os quais, conforme o texto, são falsos cristãos, diferente dos conversos de Burgos, Valencia, Valladolid, Zamora e Salamanca que eram considerados cristãos autênticos.

2. *A muyto devota oraçã da Empardeada. Em lingoagem português.*

Dimensões: 9,4 x 7 cm

Ano: 1525

Autor: Anônimo

Classificação: BIE<sup>x</sup>, FA 263

Idioma: Português

Oração escrita em português com teor heterodoxo, supersticioso e místico. Foi incluída nos índices de livros proibidos por conter ensinamentos sobre exorcismo e praticas mágica.

3. *Tricassi Cerasatienfis Mantuani. Super Chytomantiam Coclytis Dillucidationes Praeclarissimae . . Ad Illuftriffimg Dominum D. Federicum Gonzagha. Mantuae Marchionem*

Dimensões: 15 x 10 cm

Ano: 1525 (M.D.XXV)

Autor: Tricasso de Mantua

Classificação: BIE<sup>x</sup>, FA 268

Idioma: Latim

O exemplar versa sobre a quiromancia segundo o filósofo hermético Bartolomé Cocles (1467-1504) a partir dos comentários de Tricasso de Mantua<sup>51</sup> (1491-1550), como indicado no título da obra. Em seu estudo sobre a edição de Barcarrota, Sanches Salor (2000) reforça que os autores dessa *Quiromancia* são: em primeiro lugar, Cocles e em segundo, como comentarista,

<sup>48</sup> Mantemos a grafia que consta no título do original.

<sup>49</sup> BIE<sup>x</sup>: Biblioteca de Extremadura.

<sup>50</sup> FA: Fundo Antigo.

<sup>51</sup> Quiromântico italiano da primeira metade do século XVI.

Tricasso de Mantua. E provavelmente, é uma das primeiras edições da “Quiromancia” de Cocles.

4. *Lingva Per Des Erasmvm Roterodamvm & Plvtarchi Chaeronei De immodica uerecundia libellus* (1538)

Dimensões: 15,5 x 10,5 cm

Ano: 1538

Autor: Erasmo de Roterdã (Erasmus Roterodamum)

Classificação: BIEEx, FA 261

Idioma: Latim

Dentre os livros emparelhados encontra-se um exemplar de Erasmo de Roterdã (1469-1536) que reúne as obras *Lingua* (Lyon, 1538) e *Plutarchus* (Lyon, 1538). A “*Lingua*” é uma das obras de Roterdã com maior difusão na Espanha. Um tratado de moral e ética sobre a língua como veículo de entendimento. Além disso, na Espanha no século XV se desenvolveu o Erasmismo<sup>52</sup> espanhol, uma tendência humanista fundamental para entender a cultura renascentista e a tradição humanista espanhola. (ANDO, 1997).

Os livros de Erasmo foram anexados no índice de obras proibidas, tanto de Portugal como da Espanha. Consultando o catálogo de livros proibidos de 1559 verificamos a inclusão do exemplar encontrado na biblioteca de Barcarrota e de outras obras. Os exemplares erasmianos que foram anexados no catálogo de Livros Proibidos do inquisidor Fernando Valdes (1559), são:

**Liborium prohibitorum Cathalogus, & primo Latinorum<sup>53</sup>**

*Erafmi Roterodami, opera hec que fequuntur.*

**1. *Moria, tam latino, quam vulgari fermone.*<sup>54</sup>**

2. *Colloquia, tam latino, quam vulgarifermone.*

**3. *Modus orandi deum, tam latino, quam vulgari fermone.***

4. *Exomologefis fiue modus confitendi, tam latino quam vulgari fermone*

<sup>52</sup>“Por erasmismo se entiende ‘el movimiento suscitado por Erasmo en su tiempo’. Se trata de un movimiento rico y complejo, más religioso que cultural, que aspiraba a eliminar los abusos existentes en la Iglesia y a reformar la vida cristiana, la pastoral y la Teología. Según Bataillon, se caracteriza por su espiritualismo y su evangelismo.” (GAZTAMBIDE, 1986, p. 117).

“Por erasmismo se entende ‘o movimento suscitado por Erasmo em seu tempo. ‘Se trata de um movimento rico e complexo, mais religioso que cultural, que aspirava a eliminar os abusos existentes na Igreja e a reformar a vida cristã, a pastoral e a Teologia. Segundo Bataillon, se caracteriza por seu espiritualismo e seu evangelismo.” (GAZTAMBIDE, 1986, p.117, tradução nossa).

<sup>53</sup> Na leitura dos títulos pode ser substituída a letra “f” pelo “s” e a letra “v” pelo “u”.

<sup>54</sup> As obras destacadas em negrito foram repetidas.

5. *Enchiridion militis christiani, tam latino quam vulgari fermone*
6. *Lingua, tam latino quam vulgari fermone*
7. *Ecclesiaftes, fiue de ratione concionandi*
8. *Explocatio symboli, fiue Catechifmus*
9. *Epitome Coloquiorum*
10. *De farcienda ecclefie concordia*
11. *Prologus in Hilarij opera*
12. *Christiani matrimonij inftitutio*
13. *De Interdicto efu carniū*
14. *Cenfuram fuper tertiã regulã Auguftni*
15. *Methodus compendio perueniedi ad veram theologiam.*

### **Cathalogo de los libros en Romance, que fe prohiben**

1. *Enriquidion del cauallero Christiano de Erafmo, em Romãce, y en Latin, o en otra qualquier lengua*
2. *Expoficion del Pater nofter de Erafmo*
3. *Expoficion del Pfalmo Beatus vir, literal y moral de Erafmo*
4. *Expoficion fobre el Pfalmo, Miffrere meu deus: y, cum inoucarem, del mifmo Erafmo*
5. ***Lengua de Erafm em Romance, y en latin, y en qualquier outra lengua vulgar***
6. *Manera de orar de Erafmo, en romance, y en latin, e en outra qualquier legua vulgar*
7. ***Moria de Erafmo, en romance, y en Latin e en otra qualquier lengua***
8. *Qverella de la paz de Erafmo, en Romance*
9. *Sermõ de la mifericordia de Dios, de Erafmo*
10. *Silenos de Erafmo*
11. *Viuda Christiana de Erafmo*

No catálogo há uma subdivisão entre “Liborium prohibitorum Cathalogus, & primo Latinorum” e “Cathalogo de los libros en Romance, que fe prohiben”. Foram citadas mais ou menos 24 (vinte e quatro) obras de Erasmo no rol de livros proibidos na Espanha em 1559, demonstrando que a leitura e o porte dos exemplares desse autor são expressamente proibidos.

5. *Precationes Aliqvot celebriores, è facris Biblijs defumptae, ac in ftudioforum gratia língua Hebraica, Graeca, at Latina in Enchiridij formulam redactae*

Dimensões: 10 x 7 cm  
 Ano: 1538  
 Autor: Anônimo  
 Classificação: BIEEx, FA 264  
 Idioma: hebraico, latim e grego

Um livreto ou manual com célebres orações da bíblia em hebraico, latim e grego. O exemplar foi impresso em Lion pelo impressor e editor francês Sebastianus Gryphius (1493?-1556) e as páginas foram cunhadas com duas colunas por folha.

6. *Plufieurs Traictez, par avcvns rouueaulx poets, du different de Marot, Sagon, e la Hueterie*

Dimensões: 11 x 8 cm.  
 Ano: 1539  
 Autor: Marot, Sagon, e Hueterie  
 Classificação: BIEEx, FA 262  
 Idioma: Francês

O livro contém parte da contenda literária dos poetas franceses Clément Marot (1496 - 1544), o padre François Sagon, de Beauvais,<sup>55</sup> e Charles de La Huetterie.

7. *Exorcismo adirabile da disfare ogni Sorte di maleficci , & da cacciare gli Demonii [...] provato*

Dimensões: 15,5 x 10,5 cm  
 Ano: 1540 (M.D.XXXX)  
 Autor: Anônimo  
 Classificação: BIEEx, FA 267  
 Idioma: Italiano

Manual escrito em italiano com nove capítulos sobre a possessão e procedimentos de exorcismo.

8. *Opera Chiamata confvsione dela setta Machumetana, compofta in língua spagnola, per Giovan Andrea gia Moro, e Alfacqui, dela Citta de Sciatinia,*

---

<sup>55</sup> Filho de judeu espanhol convertido e residente em Rouen.

*hora per la vivina bonta Chrifyiano e Sacerdote, tradotta in italiano, per Domenico de Castelu secretario del illuftriffimo signor Don Lope de Soria Imbafciador Cefareo appreffo la illuftriffima Signori adi Venetia*

Dimensões: 15 x 10 cm  
 Ano: 1543 (M. D. XLIII.)  
 Autor: Domenico de Castelu  
 Classificação: BIEEx, FA 260  
 Idioma: Italiano

Uma edição italiana da obra em língua espanhola de Giovan Andrea (Juan Andres), o nome cristão de um alfaqui<sup>56</sup> valenciano, traduzida por Domenico de Castelu secretário do Don Lope de Soria (1528-1532).

9. *Chyromantia de Tricasfo da da Cerefari Mantuano, ingeniofamente efratta da i libri de Ariftotile, et atri Philofophi naturali. Nuouamente re uifta e conformma diligentia correta e riftampata*

Dimensões: 16 x 10,5 cm  
 Ano: 1543 (M. D. XLIII.)  
 Autor: Tricasso de Mantua  
 Classificação: BIEEx, FA 265  
 Idioma: Italiano

Manual de práticas quiromânticas de Tricasso de Mantua (Patrizio Tricasso, C.1491-1550) extraído dos livros de Aristóteles e outros filósofos naturais.

10. *Dialogo Intitolato la Cazzaria del Arsiccio Intronatde*

Dimensões: 22 x 14,5 cms  
 Ano: 1525-1550  
 Autor: Antonio Vignali (Arsiccio Intronato)  
 Classificação: BIEEx, FA M<sup>57</sup> 2  
 Idioma: Italiano

Um manuscrito da obra de *Antonio Vignali di Bonagiunt* (1501-1559), provavelmente escrito à mão pelo próprio autor. Um tratado erótico de meados do século XVI, que aborda as lutas políticas na República de Siena (Itália) entre os anos de 1524 e 1525.

<sup>56</sup> Entre os muçulmanos significa, doutor ou sábio da lei.

<sup>57</sup>M = Manuscrito.

11. *La vida de Lazarillo de Tormes: Y de fus fortunas y aduerfida (1554)*

Dimensões: 14 x 10 cm

Páginas: 133 folhas (sem marcação de páginas)

Ano: 1554 (M. D. LIII)

Autor: Anônimo

Classificação: BIEEx, FA 259

Uma novela picaresca, em primeira pessoa e um tanto autobiográfica, impressa em Medina del Campo no ano de 1554. Esse romance espanhol anônimo faz uma crítica à estratificação social, além de retratar o cotidiano, algo inédito para a sociedade da época. Segundo Oliveira (2012, p. 3),

Lázaro denuncia uma sociedade na qual não há a menor possibilidade de ascensão social, a não ser através da tríade: “igreja, mar ou casa real”, ou seja, a partir da igreja como instituição, das navegações ou dos trabalhos dedicados ao Estado.

Assim, podemos especular que a sua inclusão no rol de obras proibidas de 1559 (*Lazarillo de Tormes, primera, y segunda parte*), entre os livros de romance que se proíbem, foi devido ao seu caráter insurgente. Pois, a partir da história de *Lazarillo de Tormes* são evidenciados os vícios e a hipocrisia social, sobretudo dos clérigos e religiosos.

**Frontispício ou portadas das obras:**

Figura 3 – *Alborayque*

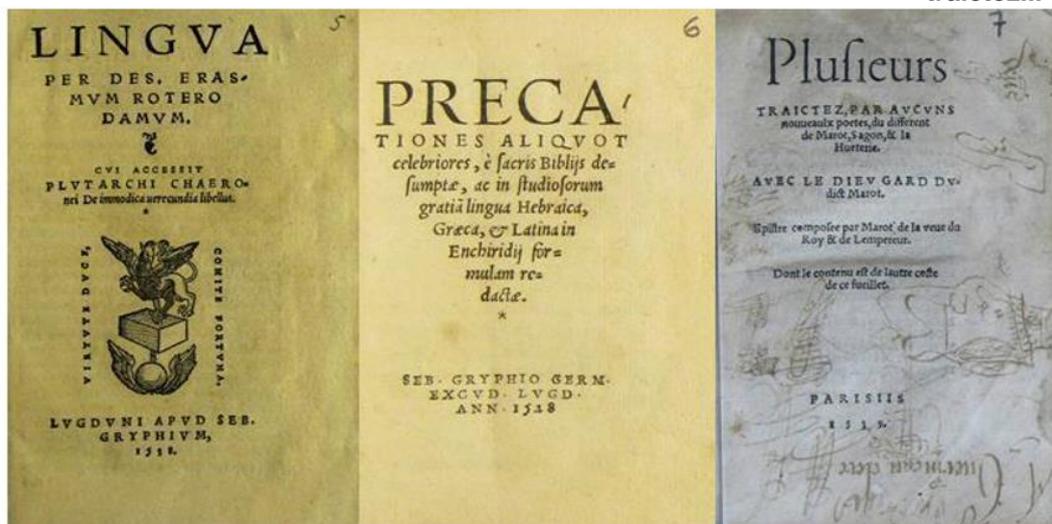
Figura 4 – *Oração da Emparedada*

Figura 5 – *Tricassi Cerasariensis...*



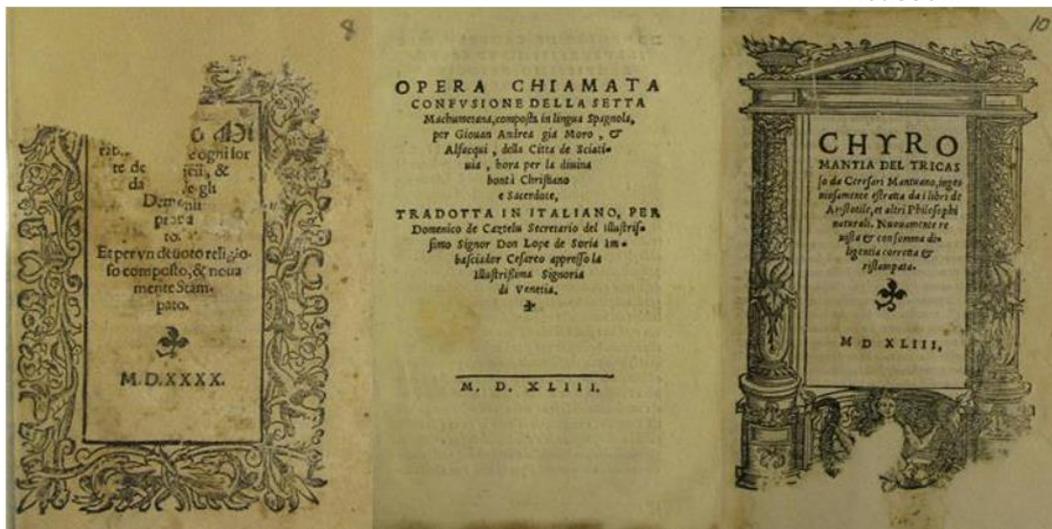
Fonte: Retirado das obras originais

Figura 6 – Língua & Plutarchu Figura 7 – Precationes aliquot... Figura 8 – Plusieurs traictez...



Fonte: Retirado das obras originais

Figura 9: Exorcismo adirabile... Figura 10: Opera Chiamata... Figura 11: Chyromantia del Tricasso...



Fonte: Retirado das obras originais

Figura 12 – La Cazzaria 13 – La vida de Lazarillo de Tormes



Fonte: Retirado das obras originais

### 3.1 Os livros emparedados e seu conteúdo paradigmático

Em uma análise inicial, levando em consideração a temática e os autores desses livros, baseados nessas informações, podemos destacar uma dimensão interpretativa mais profunda da cultura e religiosidade sefardita, tendo em vista que a temática dessas obras não é alheia à situação de converso.

Destarte, um dos pontos a serem observados nos exemplares de Barcarrota é a sua natureza mística e enigmática. Principalmente, se evocamos a sua posse juntamente com alguns aspectos da Cabala peninsular e a sua relação com a magia e a medicina.

Contudo, a explicação encontrada por Nelson Omeña para as causas da diabolização dos médicos judeus seria a ligação existente entre a medicina, magia e cabala, uma vez que estas duas últimas, na mentalidade popular, seriam “áreas franqueadas ao demônio”. (OMEGNA, 1969). Scholem (1969, p. 167) salienta que “em muitas antologias populares, de grande circulação, eram combinadas em conjunto tanto a Cabala prática quanto a medicina popular”.

A Idade Moderna foi uma época propícia para a magia, a qual penetrou com intensidade em vários círculos, inclusive o judaico. Nessa época, o imaginário popular estava povoado por rituais mágicos, encantamentos, sortilégios e um farto conjunto de práticas demonológicas. “É notório também que, nas últimas décadas do Renascimento, tenham sido publicadas obras de cunho cabalístico-mágico como o *Sêfer Ha-Meshiv* (Livro das Respostas), abordando com detalhes o tema da magia e a caça às bruxas.” (FAINGOLD, 2008, p. 1).

Cabe ressaltar, nesse contexto os judeus eram considerados um povo dotado de poderes mágicos. Esse entendimento ganhou forças no início do século XVI com a Cabala prática, magia de motivação pura ou ‘branca’. Segundo Scholem (1989), antes de ser denominada como ‘Cabala Prática’<sup>58</sup>, o conceito era representado pela frase em hebraico *chochmat ha-shimush*, uma tradução do termo grego (praxis) que era utilizado para indicar atividade mágica.

---

<sup>58</sup> Gershom scholem (1989, 165) pontua que, com efeito, o que veio a ser considerado como Cabala prática constitui uma aglomeração de todas as práticas mágicas que se desenvolveram no judaísmo do período talmúdico em diante, atravessando a Idade Média.

No judaísmo, a magia não era bem quista. Faingold (2008, p. 2) em seu texto “Aviziboa: a feitiçaria judia de Torres Vedras em 1442” afirma que, na religião hebraica, o termo ‘magia’ é atribuído a atos que desde tempos remotos eram considerados abomináveis, pecaminosos e totalmente proibidos. Porém, apesar dessa prática ser reservada a poucos, sempre existiu uma relação dualista entre magia e judaísmo. Para Scholem (1989), embora vários escritos cabalísticos recomendem a proibição da magia de motivação pura ou ‘branca’, tais operações mágicas não eram excluídas da Cabala nem mesmo proibidas. Era recomendado que só pessoas com virtude imaculada fossem autorizadas a exercê-la exclusivamente para situações de emergência e para o bem público, nunca para proveito pessoal.

No campo da medicina, em particular, muitas vezes era considerado que os médicos judeus tivessem habilidades mágicas, de tal modo que eram chamados para operar milagres. Trachtenberg cita (2001, p. 91-92) que

In the field of medicine in particular the reputed Jewish magical skill was called upon to perform miracles. According to the popular view demons and sorcery were often responsible for disease and medicine was therefore the legitimate province of the sorcerer or, to put it the other way around, a supply of charms and amulets was a legitimate part of the physician's pharmacopoeia.<sup>59</sup>

À primeira vista, uma pessoa atrelada ao conceito moderno de medicina, poderia se perguntar: Como que a medicina e magia podem são associadas? Como já dito no capítulo passado, as práticas médicas no século XVI ainda consistiam em uma mistura de quiromancia, astrologia, exorcismo, conhecimento de ervas e artes médicas, ligadas à natureza e a sua manipulação. De acordo com a mentalidade popular, demônios e magia eram muitas vezes responsáveis por doenças e a medicina foi, portanto, o ramo legítimo do feiticeiro. (TRACHTENBERG, 2004, p. 4).

Ainda circulavam entre a população na Idade Moderna técnicas adivinhatórias, fórmulas mágicas e inúmeras outras práticas. Juntamente com a magia e medicina, companheiras de longa data, receitas para sanar as

---

<sup>59</sup>“No campo da medicina, em particular, a renomada habilidade mágica judaica foi chamada para realizar milagres. De acordo com os populares viam demônios e a feitiçaria era muitas vezes responsável pela doença e a medicina foi, portanto, a província legítima do feiticeiro ou, para colocá-lo no sentido contrário, um suprimento de encantos e amuletos era uma parte legítima da farmacopeia do médico.” (TRACHTENBERG, 2001, p. 91-92, tradução nossa).

dificuldades, purgantes e sangrias formavam um todo difícil de ser desvinculado. (FERREIRA, 1996)

Comentando sobre o desenvolvimento da ciência e sua ligação com a superstição, Joseph Pérez (2010, p. 9-10) acrescenta que:

[...] los hombres del Renacimiento no siempre fueron capaces de distinguir entre ciencia y superstición. En sus escritos, la magia docta que se alimentaba con los recuerdos de la doctrina neoplatónica iba unida a los descubrimientos de las ciencias naturales en una mezcla de cabala judaica, supersticiones orientales, resabios de paganismo, pendaterías escolres, secretos alquímicos, etc. La interpretación simbólica de la naturaleza – esa especie de panteísmo naturalista – los movía a escudriñar en la materia misterios ocultos y poderes y a confundir astrología y astronomía, alquimia y química, distinciones que solo a partir del siglo XVIII los científicos serán capaces de establecer.<sup>60</sup>

De tal modo, o Renascimento<sup>61</sup> será um campo fértil para o desenvolvimento da magia. Até mesmo nas universidades, a magia e a astrologia também encontravam lugar. Nesse processo de mudança de paradigma a magia tem a função de propiciar meios para o domínio da natureza, não somente exercida pela palavra, mas pela compreensão e manipulação das capacidades internas dos entes. (PIRES, 2009, p. 107-114).

De acordo com Omegna (1969), na mentalidade europeia medieval as práticas mágicas eram associadas como especialidade judaica, pois a grande maioria das soluções mágicas conhecidas se apresentavam com fórmulas e caracteres hebraicos. Além disso, Pérez (2010) destaca que o arcebispo de Toledo, Alonso Carrillo (1410-1482), que dizia ser versado nas ciências ocultas, fundamentado na larga presença de judeus e mouros na Península, afirmava que a Espanha seria um dos focos irradiadores da magia na Europa medieval.

Encontramos também outra referência aos judeus e à magia na obra “Sexo, Desvio e Danação” de Jeffrey Richards, o qual cita que uma descrição da lepra, datada do século XII, fazia referência à vítima como tendo ‘chifres’,

<sup>60</sup> “[...] os homens do Renascimento não foram sempre capazes de distinguir entre ciência e superstição. Em seus escritos, a magia docta que se alimentava com as lembranças da doutrina neoplatônica que seria unida aos descobrimentos das ciências naturais em uma mescla de cabala judaica, superstições orientais, resquícios de paganismo, pendaterias escolares, segredos alquímicos, etc. A interpretação simbólica da natureza – essa espécie de panteísmo naturalista – os movia a esquadrihar a matéria dos mistérios ocultos e poderes e confundir astrologia e astronomia, alquimia e química, distinção que só a partir do século XVIII os científicos serão capazes de estabelecer.” (PÉREZ, 2010, p. 9-10, tradução nossa).

<sup>61</sup> Na história do Ocidente, particularmente na Idade Média e durante o Renascimento, não se distinguia magia, feitiços e ciências naturais. (FAINGOLD, 2008, p. 1).

associando, “por conseguinte os leprosos aos judeus e mágicos, de quem se acreditava terem dotes semelhantes, ao Diabo chifrudo, seu mestre”. (RICHARDS, 1993, p. 101).

Essa imagem negativa do médico de origem mosaica pode ser percebida na obra “Portugal Médico” (1726), de Brás Luís de Abreu, na qual o autor associa o judeu à figura do feiticeiro. Acresce que, “a seu ver, muitos se fingem de médicos e são: os Idiotas, os Vagabundos, os Judeus, os Barbeiros, os Soldados, os Feiticeiros, os Benzedores, e todos os mais impostores e cícunforâneos, revelando-se, deste modo, lobos que matam e roubam”. (GARCIA, 2000, p. 16).

O judeu era, por definição, um feiticeiro, e todas as suas obras eram suspeitas. Mesmo práticas comuns do cotidiano judaico poderiam ser considerados como magia, e ocasionar denúncias e perseguições. Assim, no esforço de manter os cristãos longe dos médicos judeus contos caluniosos foram amplamente divulgados (TRACHTENBERG, 2001), o que reforçou a diabolização dos hebreus, transformando-os nos bodes expiatórios da sociedade.

Compreender esse imaginário das práticas mágicas pode trazer à tona referenciais simbólicos que moldaram o quadro mental de uma época. Esse conhecimento milenar sistematizado em torno das práticas ocultas, destinado ao autoconhecimento e uma interação mais próxima à natureza.

Em grande medida, esta perspectiva está refletida no argumento de Bethencourt quando classifica que a magia é um “revelador social e, sobretudo, um observatório privilegiado para a compreensão da sociedade do Antigo Regime em seus níveis de profundidade.” (BETHENCOURT, 2004, p. 45).

### **3.2 Uma nómina entre os livros emparedados**

A magia acrescenta uma peça fundamental nesse quebra cabeça, possibilitando diversos encaixes e completando o cenário proposto inicialmente. As hipóteses estão sendo lançadas com base e fundamentação nos aspectos cabalísticos. Portanto, é imprescindível, nesse momento do texto, citamos que não foram encontrados somente obras, entre os achados de Barcarrota, mas, também uma espécie de amuleto mágico.

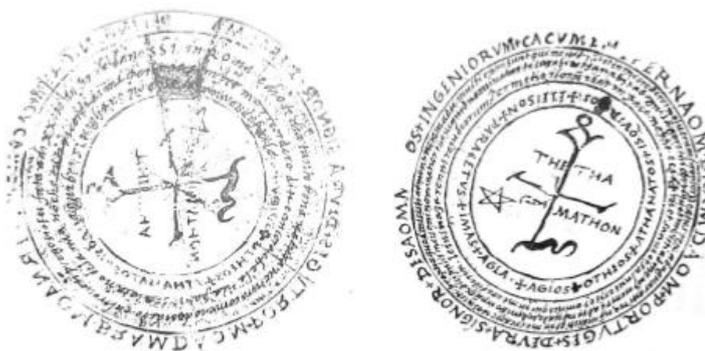
Entre as páginas do livro de Erasmo de Roterdã foi descoberta uma nómina. Um objeto misterioso e fascinante. A peça em questão foi confeccionada no suporte de papel em formato circular e contendo em seu centro uma estrela de cinco pontas, um signo cruciforme e um *thethagramaton*<sup>62</sup> (tetragrammaton). Além do mais, nas suas bordas, na parte superior, está gravado o nome de Fernando Brandão, cuja transliteração é a seguinte: FERNAOM . BRAMDAOM + PORTVGES + DEVRA + SIGNOR + DE SAOM M [espaço] OS + INGENIORVM + CACVMEN.

A nomina é rodeada por quatro círculos concêntricos e entre os espaços temos algumas inscrições. No primeiro, como já foi dito, está escrito o nome do português Fernando Brandão; já no segundo esta gravado um texto em latim e no terceiro uma frase, em grego, que contém invocações ao *triságion* (*Agios, o theos, Agios ischiros, Agios atanathos eleison imas*<sup>63</sup>), além de citar passagens da carta de Jesus a Ábgaro de Edesa (Euseb, Hist. eccl, I 13, 10). (GIL, 1999).

No reverso da peça há uma mensagem escrita em italiano, disposta em três círculos concêntricos e se lê o seguinte, partindo do centro para fora:

- 1) A qui ben si vogliano, non è [c] osa lontana et difficile.
- 2) E ancora che la tua pátria sai lontano de la mia, non chè tu ti ricordi di me, per[c]hè io sempre mi ricorderò di te.
- 3) E dio te dia tanto bona (*tachado*:ventura) ventura come io desidero, e altro non ti prego. Sit. Fu fata a di XXIII d'aprili l'ano [1]551 in Roma. (GARCIA, 2000, p. 11).

**Figura 13 – Nómina**



**Fonte: MANGAS, 2010.**

<sup>62</sup> Referência críptica do nome de Deus em Hebraico.

<sup>63</sup> Santo Deus, Santo Poderoso, Santo Imortal, tende piedade de nós.

Este objeto contém algumas inscrições em latim, grego e italiano, mas, segundo Gil (1999) está grafado de uma maneira “horrrível” e com uma escrita bem rudimentar. O que assinala que quem gravou estas frases não tinha um conhecimento profundo dos idiomas. Mas, por coincidência, ou não, as línguas citadas estão presentes nos exemplares da biblioteca de Barcarrota.

Segue a descrição detalhada feita por Pedro Sánchez Ciruelo (1470 - 1548) na obra de 1538, “Reprobación de las supersticiones y hechicerías”<sup>64</sup>, o qual faz uma definição minuciosa do que seria uma nómina:

Esta palavra <<nómina>> em latim quer dizer << nomes>> na nossa língua espanhola, porque são umas cédulas em que estão escritos alguns nomes: de bons, de maus; somente nomes, e mesmo algumas orações. Estas cédulas frequentemente são penduradas no pescoço de alguns homens e mulheres vãos, para curar das febres, febre terçã ou quartã ou para algumas outras doenças, não somente nos homens mas também nas bestas e árvores, videiras; e também as põem em mulheres que estão de parto, e os que tem mal de boca ou hemorroidas e para muitas outras coisas. [...] as nóminas são palavras escritas em cédulas; uma vez que alguns querem curar só com aquelas palavras ali escritas. Outros, juntamente com a nomina põem algumas outras coisas, como medicina. E nas palavras escritas existem duas maneiras, que algumas delas são verdadeiras e boas e outras são falsas e más ou de nome desconhecido. Também existem duas maneiras de coisas que se põem com as nóminas: umas são boas medicinas, outras são coisas vãs e que nenhuma virtude natural tem contra a enfermidade. [...] alguns dizem que as nóminas há de esta escrita em pergaminho virgem ou em tal papel ou tal confecção; outros dizem que há de está envolto em seda ou em tal seda ou tal cor; outros dizem que há de está costurada com fio de seda ou com tal fio e tal sorte. Outros, que eles tem que trazer pendurado e colocar em volta do pescoço de tal maneira. Outros dizem que não deve abrir nem ler a nómina, pois perde a virtude e não aproveita. (CIRUELO, 2005, p. 74-75).

Podemos apreender do texto de Ciruelo que, como enfatizado por Bethencourt (2000), a palavra escrita, além das virtudes protetoras (como vimos, através de nóminas), podia ter virtudes curativas. Por isso, era comum o uso da nómina, sendo que a população recorria a ela para diversos usos. Até mesmo, entre as confissões da primeira visitaçã do Santo Ofício às partes do

---

<sup>64</sup> Esta obra do século XVI foi escrita para combater as praticas supersticiosas, principalmente astrologia e artes mágicas. A qual foi enormemente difundida ao longo do século XVI sendo lançadas dez edições do exemplar entre os anos de 1538, 1539, 1540, 1541, 1547(esse ano foi impressa duas edições), 1548, 1550 e 1556.

Brasil, realizada na Bahia em 1591-1592, pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça, aparece o uso de nómina na confissão de Paula de Sequeira que acusa Isabel Rodrigues, de alcunha “boca torta”, de ter lhe ofertado uma “carta de tocar” a qual alegou não ter lido ou feito uso, mas repassou a uma cristã velha chamada Mecia Dias, mulher de Jorge Fernandez Freire, com a instru o de colocar a “carta de tocar” debaixo do toucado. (CONFISSÕES DA BAHIA, 1922, p. 63).

Outro relato   excelentemente ilustrado no texto de Omegna (1969), o qual menciona que no livro “Preceitos de Medicina” (Medicina Praecepta) do médico romano Serenus Sammonicus, era empregada a palavra ABRACADABRA para curar os enfermos. Sammonicus recomendava que os doentes fizessem uso de um amuleto que devia ser pendurado no pescoço para baixar a temperatura dos febreiros. Depois de sete dias o doente estaria curado após jogar a fórmula em um rio cujas águas corram para o Leste. O que demonstra toda uma simbologia, como o uso do amuleto (nómina), o número sete (7), que já traz em si grande carga mística, e a dire o do rio para o Leste. Cria-se todo um ritual místico no uso e descarte do amuleto.

Diante disso, percebemos a intimidade e a assimila o de práticas mágicas na profissão do médico. Sendo que, Pe aranda compartilha dessa profissão e entre os seus livros foi encontrado um amuleto mágico.

A nómina encontrada dentre os volumes emparedados tinha algumas características particulares. Primeiro, estava gravado o nome do português Fernando Brandão. Conforme Mangas (2010), a história de Fernando Brandão ainda   obscura, embora seja possível dizer que residiu em Barcarrota por vários anos, integrando o círculo judeu converso da cidade. E a segunda particularidade são as inscri oes em latim nas bordas em dire o ao centro da nómina. O texto da peça, traduzido do latim,   o seguinte:

Dichoso t  que has cre do en m , sin haberme visto. Porque de m  está escrito que ‘los que me han visto no creer n en m  y que aquellos que no me han visto creer n y tendrán vida. Mas acerca de lo que me escribes de llegarme hasta ti es necesario que yo cumpla aquí por entero mi misión y que, después de haberla consumado, suba de nuevo al que me envi . Cuando haya subido, te mandar  alguno de mis discípulos que sanar  su dolencia y os dará vida a ti y a los

tuyos.’ (CESAREA, 1993, p. 53-59, apud. MANGAS, 2010, p.40, grifo do autor).<sup>65</sup>

### 3.3 Exorcismo e a questão da demonologia no século XVI

Outro tema que perpassa a maioria das obras é a questão da possessão demoníaca e técnicas para exorcismo. Até mesmo na “Oração da Emparedada” é possível encontrar referências sobre prática de exorcismo.

Segundo Omegna (1969, p. 48), entre os elementos que servem para diabolização dos judeus na comunidade cristã da Idade Média, como altamente envolvido com as artes mágicas, será a sua “extensa demonologia, rica de nomes, e opulenta de episódios”.

Os textos de J. H. Chajes foram decisivos para entender a vinculação entre exorcismo, magia e Cabala. Em especial o texto “Judgments Sweetened: Possession and Exorcism in Early Modern Jewish Culture”, onde Chajes pondera como que em fins do século XVI até meados do século XVII a possessão demoníaca vai se proliferar dentro da cultura judaica moderna, fazendo um paralelo entre as semelhanças e diferenças<sup>66</sup> entre a visão cristã e a judaica das definições e tratamentos do possuído. Aliás, o autor avalia como que histórias de possessão e de exorcismo encontrados na literatura rabínica antiga ressurgem em meados do século XVI, tendo como ponto irradiador desse fenômeno a cidade de Safed. (CHAJES, 1997).

Na percepção de Chajes (1997, p. 124-125, grifo do autor)

Cases of possession and exorcism have been examined by scholars of the Kabbalah, who have noted their dependence on

<sup>65</sup>“Feliz tu que crê em mim, sem ter visto. Porque está escrito que ‘aqueles que me viu não vai acreditar em mim e aqueles que não me viu acreditaram e terão vida. Mas acerca do que escreve sobre mim atingiu-me para você é necessário que eu cumpra aqui por inteiro minha missão e que, depois de ter consumado, suba de novo ao que me enviou. Quando tiver subido, te mandarei alguns dos discípulos para curar sua doença e ele dará vida a você e aos seus’.” (CESAREA, 1993, p. 53-59, Apud MANGAS, 2010, p. 40, grifo do autor, tradução nossa).

<sup>66</sup>Para a cultura judaica moderna, a possessão é realizada por uma alma desencarnada que esta no purgatório. O que difere da doutrina cristã, pelo qual, Chajes irá ponderar que “in accounts of possession among Christians, both Catholic and Protestant, possession by a disembodied soul is unknown. In fact, just as the doctrine of metempsychosis was deemed heretical by the Church, so too possession by the souls of the dead was “a heresy against which there are warnings in the [exorcism] manuals.” (CHAJES, 1997, p. 135).

“Nos relatos de possessão entre os cristãos, tanto católicos e protestantes, a posse de uma alma desencarnada é desconhecido. Na verdade, assim como a doutrina da metempsicose foi considerada herética pela Igreja, assim também a posse pelas almas dos mortos era ‘uma heresia contra a qual há avisos nas [exorcismo] manuais.” (CHAJES, 1997, p. 135, tradução nossa).

the variation of gilgul (transmigration) known as 'ibbur (literally, impregnation). While gilgul generally denotes a soul's reincarnation at the moment of birth, 'ibbur refers to the adhesion of one soul to another, beginning at some point after birth.' This manner of transmigration provided the internal conceptual framework for what would come to be called a dibbuk [...].”<sup>67</sup>

Gershom Scholem (1989, p. 166), quando fala sobre a organização da “Cabala Prática”, expõe o conceito de magia de motivação pura ou branca. O qual, mesmo com

a oposição dos cabalistas especulativos à magia negra não foi capaz de impedir um amontoado de todo o tipo de prescrições mágicas na literatura da Cabala prática. Frequentemente as práticas de magia de amuletos e fórmulas protetoras podem ser encontradas lado a lado com invocações de demônios, encantações e fórmulas de ganhos pessoais (p.e. atalhos mágicos, descoberta de tesouro escondido, torna-se inexpugnável face aos inimigos, etc) e até magia sexual e necromancia.

Dentre os aspectos gerais que norteiam a posse desses livros está claro uma tênue continuidade entre as obras. Os exemplares formam uma teia de relações, onde o conteúdo de uma completa o outro. Por exemplo, temos dois livros que versam sobre quiromancia que se unem pelo mesmo autor e conteúdo, o exemplar de exorcismo traz um tema chave que perpassa até mesmo a oração da emparedada, mas o que realmente une todos os volumes é a heterodoxia e a inquietação contra um sistema opressor.

O período em que estas obras circularam na sociedade barcarrotense foi uma época marcada por profundas transformações. As pessoas vivenciavam uma situação social ambígua e que foi determinante para o desenvolvimento de crenças e costumes fora do padrão da Ortodoxia dominante. Ao mesmo tempo, o converso estava imerso nessas questões “até o pescoço”. Pois, não se encaixava inteiramente na sociedade dominante e nem poderia manifestar a sua cultura ancestral em público. Por isso, recorrer às práticas desviantes constitui uma das legítimas formas de permanecer dentro do convívio social e

<sup>67</sup> “Casos de possessão demoníaca e exorcismos foram examinados por estudiosos da Cabala, que notaram a sua dependência da variação de reencarnação (transmigração) conhecido como 'ibbur (literalmente, impregnação). Enquanto reencarnação geralmente denota a reencarnação de uma alma no momento do nascimento, 'ibbur refere-se à adesão de uma alma para outra, começando em algum momento após o nascimento. Esta forma de transmigração forneceu a estrutura conceitual interna para o que viria a ser chamado de dibbuk [...] (CHAJES, 1997, p. 124-125, grifo do autor, tradução nossa).

ao mesmo tempo fora dele. Portar livros proibidos, apelar às práticas mágicas e não abandonar de vez alguns costumes da sua religião ancestral é o que poderia ser feito nesse momento de intensa perseguição.

#### 4 OS ENIGMAS DA BIBLIOTECA DE UM MÉDICO: O CRIPTOJUDAÍSMO HISPANO-HEBREU NO SÉCULO DE OURO ESPANHOL

O antijudaísmo está encrustado no panorama histórico da Espanha e da maioria dos países europeus. O historiador Léon Poliakov envereda nas origens do antissemitismo, na obra “De Cristo aos Judeus da Corte” (História do Anti-Semitismo I)<sup>68</sup>, margeando um vasto painel das relações entre judeus e cristãos e o recrudescimento do antissemitismos entre as nações europeias, sedimentado num processo histórico de longa duração.

Falar em antissemitismo antes do século XIX para alguns historiadores é cometer o pecado do anacronismo, pois o termo foi criado em 1879, pelo alemão Wilhelm Marr, para classificar o fenômeno antijudaico na Alemanha do século XIX. O médico e doutor em História, especializado em pensamento judaico e história da medicina, Francisco Moreno de Carvalho pondera que o termo “semita” é um tronco linguístico da família das línguas semíticas. Nas palavras de Carvalho (2008, p. 230):

As línguas semíticas são caracterizadas por palavras, raízes, termos não aglutinados (não há a possibilidade de juntar palavras e formar outra, como acontece com alemão), pelo uso do tempo verbal sem o verbo ‘ser’, geralmente escritas (com exceções, por exemplo o amhárico – da Etiópia) da direita para esquerda, e com sinais gráficos para as vogais, que não são ‘letras’.

Assim, Carvalho (2008, p. 31) avalia que teoricamente ser antisemita significa ser contra os povos que integram a mesma família linguística, que pode abranger o hebraico, o árabe, o aramaico, o antigo assírio, o antigo babilônico, o amhárico e o copta (isso se concebermos o termo a partir, e exclusivamente, do seu rigor semântico). O antissemitismo, na prática, não é aversão aos semitas, e sim aos judeus. “É uma posição racista e preconceituosa contra os judeus”.

---

<sup>68</sup> De Cristo aos Judeus da Corte é o primeiro dos quatro volumes sobre a História do Anti-Semitismo, de Léon Poliakov. As obras abordam as marcas do Anti-Semitismo nas comunidades judaicas em meio a história das diásporas judaica. A coletânea é composta pelas seguintes obras: De Cristo aos Judeus da Corte, De Maomé aos Marranos, De Voltaire a Wagner e A Europa Suicida.

Na verdade, estamos embarcando em uma terminologia cuja compreensão é complexa, por isso é importante certas definições. Então, a partir de agora, quando se tratar da aversão ao povo de origem mosaica, e não for uma citação direta, o termo adotado será o antijudaísmo, que contempla melhor a época que nos propomos estudar.

Mas, quais são as razões para que, ao longo da história, os judeus fossem tão odiados? A motivação do antijudaísmo, não se encontra presente em uma fórmula ou receita pronta. Esse questionamento é complexo e algumas variáveis devem ser consideradas.

Uma das razões imputadas a esse questionamento é que a religião dos judeus, com suas leis e costumes próprios, não se agregava a dinâmica cristã e esse caráter diferenciador não deixava de ser um problema. Os judeus eram vistos como o outro, o forasteiro, o diferente, uma ameaça. Ocupando na sociedade a posição de uma minoria “tolerada” entre os cristãos. Contudo,

[...] os judeus constituem um grupo coeso no mundo cristão que negou o princípio fundamental, a característica que define o cristianismo: a divindade de Jesus. O monoteísmo judaico que ditou a negação tem sido o mais importante fator singular no anti-semitismo cristão. (STIVELMAN, 2006, p. 79).

Em meio às dinâmicas socioculturais, religiosas e políticas os judeus eram o “bode expiatório” para todos os males e calamidades, o qual segundo Le Goff (2004, p. 33) foi realizado Pogroms

[...] por volta do Ano Mil, depois no tempo das Cruzadas, perpetrados, sobretudo pelas massas em busca de bodes expiatórios das calamidades (guerras, fome, epidemia) e vítimas de seu fanatismo religioso. O antijudaísmo da Igreja se endureceu e, na sociedade cristã, do povo aos príncipes, o antisemitismo — *avant la lettre* — apareceu no século XII e, sobretudo no século XIII. A obsessão pela impureza do judeu se espalha. As acusações de assassinato ritual apareceram (na Inglaterra em Norwich em 1144, na França em Blois em 1171), depois se multiplicaram do mesmo modo que as de profanação de hóstias. Os judeus, deicidas, assassinos de Jesus na história, tornavam-se assassinos de Jesus na hóstia, à medida que se desenvolvia o culto eucarístico.

O século IV da era cristã<sup>69</sup> se destacou em particular na concepção de uma literatura antijudaica que produziu: tratados, sermões e escritos de caráter teológico, utilizando abundantemente os *'argumenta ad hominem'* que propagava uma imagem negativa dos judeus como seres humanos. (FALBEL, 2008).

É um contexto que favorece a Igreja e o clero para se afirmar como autoridade espiritual e cometer atos arbitrários contra as comunidades judias em certos lugares das províncias romanas. Cristãos, em um dado momento, por um motivo ou outro, atacam comunidades judaicas e destroem sinagogas, ainda que os governantes romanos em princípio se opusessem e recriminassem tais agressões devido à condição legal dos judeus como parte integrante do Império. (FALBEL, 2008, p. 211).

De tal modo, como no caso citado acima pelo historiador brasileiro Nachman Falbel, na convivência entre judeus e cristãos na península Ibérica, houve momentos de relativa paz e de distúrbios. O que existiu na realidade foi uma deterioração progressiva desse “convívio pacífico”.

#### **4.1 O problema do judeu-converso**

O “século XIV foi sem dúvida o século europeu mais fértil em crises e catástrofes de todo o tipo”. (POLIAKOV, 1955, p. 85). Um contexto propício para as incursões antijudaicas. No qual, o choque determinante entre esses dois grupos será o massacre de 1391, em Sevilha, onde a população cristã marchou até as judiarias para saqueá-las ou impor aos judeus a conversão ou a morte.

Essa onda de violência espalhou-se como rastilho de pólvora atingindo as comunidades judaicas da parte meridional da Coroa de Castela e estendendo-se até a Coroa de Aragão. Foram destruídas sinagogas e milhares de judeus foram mortos e muitos por medo converteram-se ao cristianismo. “Ao todo, o total de conversões nos reinos de Aragão e Castela foi calculado no número improvável de duzentos mil. Era um fenômeno único em toda a história judaica.” (ROTH, 2001, p. 30).

---

<sup>69</sup> Foi no século IV d.C. que Constantino tornou o cristianismo a religião oficial do Império Romano.

Esse motim antijudaico irá ser um dos marcos para o desenvolvimento da categoria social representada pelos cristãos-novos, batizados por conveniência, ou que literalmente tentavam “salvar as suas peles” com a conversão. Os quais, mesmo sendo batizados e formalmente considerados cristãos, não serão aceitos pela comunidade cristã e conseqüentemente repudiados pelos judeus, que defendiam a morte como judeu do que a sobreviva como cristão. E agora, o que eles são? São judeus-conversos, cristãos, judeus ou cristãos-judeus? Conseguiram se desvincular da sua religião ancestral, assim de um dia para o outro? São questionamentos pertinentes a essa situação drástica.

Nessa perspectiva Roth (2001) defende que evidentemente as conversões realizadas por tais meios não deviam ser sinceras. E era inevitável que as vítimas continuassem, sempre que desse, a praticar em segredo o judaísmo. Assim, o marranismo é um dos apêndices desse contexto.

As conversões não é uma inovação da Idade Moderna, a convivência entre cristãos, judeus e mouros teve seus ápices e decréscimos, assim as conversões em massa foram frequentes nos anos de convivência. Em muitos casos, obrigados a se converter, os judeus não conseguiam se desligar da sua religião ancestral, o que não impossibilita que houvesse os que fossem satisfatoriamente sinceros. Inclusive, alguns chegavam a defender veementemente a religião católica.

Pedro Alfonso, los Santa Marías, Alonso de Espina, Jerónimo de Santa Fe y otros, fueron, sin duda alguna, fervorosos cristianos, y observaron una conducta irreprochable desde el momento en que abjuraron las doctrinas judaicas y se convirtieron á la fe ‘verdadera’.<sup>70</sup> (AGUADO, 1901, p. 122, grifo do autor).<sup>71</sup>

<sup>70</sup> O texto o qual esse excerto foi extraído associa os judeus e conversos a termos pejorativos e emite algumas interpretações tendenciosas. Levando em consideração que o texto foi escrito em 1896 pelo Fr. Félix Pérez-Aguado (1863-1899) e publicado na revista agostiniana “La Ciudad de Dios” (criada em 1881 por padres agostinianos espanhóis), o qual entre seus escritos estão os textos: “El estudio de la lengua hebrea” “Las Academias hebreas en España”, “Un Congreso cristiano-rabínico celebrado en Tortosa”, “Los alboraicos” “El Doctor Valverde” e “La Poliglota Regia”.

<sup>71</sup> “Pedro Alfonso, os Santa Marias, Alonso de Espina, Jerónimo de Santa Fé e outros, foram, sem dúvida alguma, fervorosos cristãos, e observaram uma conduta irreprovável desde o momento em que abjuraram as doutrinas judaicas e se converteram a fé “verdadeira” (AGUADO, 1901, p. 122, grifo do autor, tradução nossa).

Para Maeso (1977), o caso dos cristãos velhos e também dos conversos sinceros era diferente dos criptojudes e pseudocristãos, uma vez que viam com ódio e repugnância os judaizantes. Inclusive, existiam aqueles que para demonstrar ser fieis ao cristianismo delatavam e chegaram a perseguir seus antigos correligionários, utilizando o conhecimento que possuíam da lei e costumes judaicos. Como, por exemplo, o rabino Selemoh-Ha Levi (1352-1435), pertencente a uma família importante do reino de Castela e que depois do batismo adotou o nome cristão de Pablo de Santa Maria, e posteriormente tornou-se arcebispo de Burgos, membro do Conselho de Regência de Castela e ferrenho defensor da conversão. Conforme Carvalho (2008), um dos seus argumentos é que os judeus que se convertem ao cristianismo são os verdadeiros cristãos porque são descendentes direto de Jesus e Maria e nas suas veias correm o sangue dos apóstolos de Cristo. São os cristãos ideias, judeus na carne e cristãos no espírito.

Em muitos casos, de conversão sincera, os cristãos-novos assumem uma postura radical de defesa ao cristianismo, tentando se encaixar a todo custo nessa nova dinâmica religiosa. No episódio de Pablo de Santa Maria, “o interessante é que ele inverte o jogo e se torna mais papista que o próprio Papa”. (CARVALHO, 2008, p. 236).

O antropólogo, historiador, linguista, folclorista e ensaísta espanhol Júlio Caro Baroja cita na obra “Los judíos em la España Moderna y Contemporánea I” a categoria do converso apologista, que abrange os cristãos-novos que tornaram-se fervorosos defensores do catolicismo e de suas instituições, inclusive escreviam obras contra os judeus. Segundo suas palavras: “Torquemada, descendiente de judíos; Espina, converso. El inquisidor Deza, que tanto favoreció las estúpidas y brutales persecuciones de Lucero, fue acusado, asimismo, de ‘marrano’, y también el arzobispo Manrique.”<sup>72</sup> (BAROJA, 2000, p. 313).

Obviamente, o interesse em salvar o pescoço não pode ser encarado como único argumento plausível para as conversões de judeus ao cristianismo, isso juntamente com a alegação das conversões sinceras.

Roth (2001) menciona que durante o massacre de 1391, diferentemente do que ocorreu nas perseguições no decorrer das Cruzadas (Inglaterra, 1189-

---

<sup>72</sup> “Torquemada, descende de judeus; Espinho converso. O Inquisidor Deza, que tanto favoreceu as estúpidas e brutais perseguições de Lucero, foi acusado, também, de ‘marrano’, e também o arcebispo Marique.” (BAROJA, 2000, p. 313, tradução nossa).

1190) e na peste negra (Alemanha), onde uma pequena minoria foi adepta ao batismo como alternativa a morte, na Espanha o contexto foi outro. Já que a convivência pacífica fez parecer menos drástica a mudança. Além do que, as expulsões por todo território europeu – desde a Inglaterra (1290), a França (1306 e 1394) e a maioria das cidades alemãs durante a peste negra – havia impossibilitado as vias de fugas.

Devemos considerar que existia uma teia de relações de poder e interesses de ascensão social e econômica. Ser judeu na sociedade Ibérica é acima de tudo era excluído de boa parte dos privilégios que os cristãos velhos, membros da nobreza, gozavam livremente, como: cargos, títulos nobiliários e até mesmo aquisição de propriedades. Contudo, a liberdade desfrutada pelos cristãos-novos não irá durar muito tempo, as restrições definidas para os judeus serão posteriormente adaptadas com a implantação das Leis de Limpeza de Sangue, que iremos aprofundar mais adiante.

Nesse cenário desponta alguns tipos de conversos, os quais Baroja (2000, p. 294) indica os seguintes:

- I. El que se convierte en apologista de la religion católica y ataca a la religión de Israel.
  - II. El que denuncia y persigue a los 'criptojudios', por celo real o por interés económico.
  - III. El que satiriza a sus antiguos correligionarios.
- En el campo contrario encontramos:
- I. El que se hace apologista de la religión de Israel.
  - II. El que se constituye em mártir de esta misma religión.
  - III. El que satiriza a los 'cristianos nuevos' que lo son de verdade, es decir, a los que profesan el Cristianismo lealmente.

<sup>73</sup>

Além desses tipos de conversos, Baroja (2000) faz referencia a outros dois exemplos, que segundo seu julgamento eles são os de mais vigoroso entendimento: São aqueles que dentro do cristianismo procuram por formas de experiência religiosa, de tal maneira, que o faz cair na heterodoxia; e aqueles que em decorrência do embate entre a velha e nova lei procuram solução na negação dos dois e a criação de sistemas filosóficos puros ou pessoais.

---

<sup>73</sup> I. O que se converte em apologista da religião católica e ataca a religião de Israel.  
 II. O que denuncia e persegue os 'criptojudeus', por zelo real ou por interesse econômico.  
 III. O que satiriza os seus antigos correligionários.

E no campo contrário encontramos:

I. O que se faz apologista da religião de Israel.  
 II. O que se constitui em mártir desta mesma religião.  
 III. O que satiriza aos 'cristãos novos' que são de verdade, quer dizer, aos que professam o Cristianismo legalmente. (BAROJA, 2000, p. 294, tradução nossa).

#### 4.1.1 A representação mítica do judeu infame e malfazejo

A opinião pública era atizada contra os judeus que eram perseguidos e demonizados, a população foi *devidamente doutrinado* e amestrada a partir do mito do judeu infame e malfazejo. Além de tudo, aqueles que seguiam a lei de Moisés eram considerados responsáveis pela crucificação de Jesus Cristo (Deicídio), de matarem crianças cristãs, envenenarem os poços, profanarem hóstias e disseminarem epidemias como a Peste Negra, que assolou a Europa durante o século XIV, dizimando um terço da população europeia.

A descrição dos judeus como assassinos de crianças cristãs atizou a imaginação popular. Inclusive, foi eternizado por Geoffrey Chaucer no livro “Os Contos de Cantuária” (1475). É importante citar que Chaucer começou a compor em 1386<sup>74</sup> e os judeus foram expulsos da Inglaterra em 1290, fazendo as contas o exemplar foi lançado noventa e seis anos depois da expulsão. Poliakov irá relatar que mesmo com a expulsão ainda permanecia viva a lembrança da presença judaica; “seu fantasma continuava a assombrar as imaginações muito tempo após a partida dos judeus.” (POLIAKOV, 1955, p. 176). Para fundamentar a fala de Poliakov segue um fragmento do “Conto da Prioresa”:

Desde então os judeus se puseram a conspirar para tirar a vida daquele inocentinho. Contrataram para isso um assassino malvado, que ficou escondido num beco. E quando o menino passou por ali, aquele maldito judeu saltou sobre ele, agarrou-o com força, cortou-lhe a garganta e o jogou dentro de um poço. Na verdade, ele foi atirado numa fossa negra, onde os judeus esvaziavam suas entranhas. (CHAUCER, 1988, p. 78).

O testemunho de Chaucer (1988) é fundamental para compreender como era impresso na mentalidade coletiva uma imagem negativa dos judeus, inicialmente motivado por motivos religiosos. Nessa conjuntura, os hebreus não tinham direito a defesa, antes de qualquer coisa à opinião pública já o havia condenado. Para uma melhor visualização, observemos outro trecho.

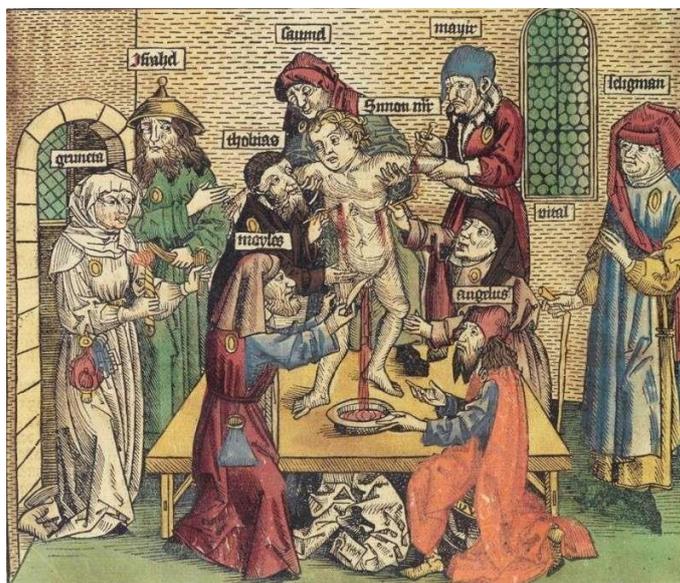
[...] o chefe da milícia condenou às piores torturas e à morte infame todos os judeus que participaram do crime, determinando a sua imediata execução. Não podia tolerar tanta maldade: quem com ferro fere, com ferro será ferido. Assim

<sup>74</sup> Os judeus regressaram a Inglaterra entre os anos de 1649-1656.

sendo, ordenou que fossem arrastados por cavalos selvagens e depois pendurados numa forca, conforme manda a lei. (CHAUCER, 1988, p. 78-79).

O conto é um testemunho eloquente do mito de assassinato ritual de crianças cristãs (libelo de sangue) cuja culpa era atribuída ao judeu. Além do conto de Chaucer é possível conceber cena semelhante em uma das gravuras presente no *Liber chronicarum*<sup>75</sup>. Nessa ilustração é retratado o martírio de uma criança italiana, Simão de Trento, que supostamente foi morta por judeus maliciosos.

**Figura 14 – Gravura do suposto martírio de Simão de Trento**



**Fonte: Liber chronicarum, 1493.**

Foram inúmeras as produções artísticas e literárias que procuravam retratar o povo hebreu como os grandes vilões da história e a sua culpabilidade era inquestionável. Como destacado por Falbel (2008), no texto “Raízes do Anti-Semitismo na Antiguidade e na Idade Média”, não era contestado somente o judaísmo enquanto religião, mas também era criada uma imagem negativa dos judeus enquanto seres humanos. Em suma, era concentrado

[...] em sua pessoa a gama inteira dos atributos do Mal, os judeus perdem para a imaginação cristã toda consistência humana e pertencem doravante unicamente ao domínio do Sagrado. Mesmo quando não revestidos de atributos propriamente diabólicos, são de qualquer maneira associados aos diabos, que muitas vezes figuram no fundo das gravuras e dos quadros que os representam (de forma que os diabos

<sup>75</sup> A Crônica de Nuremberg é um incunábulo publicado em latim no ano de 1493.

participam da essência judaica) [...]. (POLIAKOV, 1955, p. 122).

Esse *insight* da associação dos judeus a figura do diabo torna-se importante para entender como os hebreus estavam intimamente ligados a uma concepção mística dentro da sociedade. Foi normatizado no universo mental cristão que os judeus eram intermediários do diabo e que querem vender ou venderam a sua alma a ele. Assim, irrompeu-se um processo de demonização do elemento judaico na Europa, durante a história da Idade Moderna e que foi herdada de um longo processo de construção desde antiguidade e medievo.

#### 4.1.2 A inquisição em solo espanhol e seus desdobramento

A situação delicada dos cristãos-novos ganhou contornos institucionais quando foi instalado na Espanha pelos reis Católicos, o Tribunal do Santo Ofício da Inquisição em 1478<sup>76</sup> (quatorze anos antes do edito de expulsão). Uma instituição com influência monárquica, porém com fundo eclesiástico, que moveria grande parte dos seus esforços em perseguir as “heresias”, com destaque em erradicar a heresia judaizante.

O Santo Ofício foi uma das estruturas mais eficientes para a perseguição dos cristãos-novos, não é à toa que em Llerena os conversos Garci Fernandez Valência e Pedro Franco de Villareal, em 17 de setembro de 1467, ao serem descobertos realizando cerimônias judaicas foran sentenciados pelo vigário episcopal, Joan Millan, à pena capital da fogueira. (LEA, 1906). É importante notar que esse relato ocorreu antes mesmo do estabelecimento da Inquisição na Espanha, o que reforça o argumento da predileção da Inquisição Moderna pelos conversos.

Contudo, a convivência “pacífica” entre cristãos e judeus já havia sido sensivelmente abalada desde os massacres de 1391, fazendo as contas depois do massacre passaram-se oitenta e sete anos para a instauração do

---

<sup>76</sup> Em primeiro de Novembro de 1478, foi fundado a Inquisição na Espanha com autorização do papa Sisto IV que assinou a bula *Exigit sinceræ devotionis affectus*, essa bula reproduziu os argumentos régios sobre a difusão das crenças e ritualística mosaica entre os judeus convertidos em Castela e Aragão, foi atribuído ampliação dessas práticas heréticas à tolerância dos bispos e autorizava os monarcas a nomear três inquisidores para cada cidade ou dioceses dos reinos. A bula permitia aos reis não só indicar os inquisidores, mas também substituí-los. (BETHENCOURT, 2000).

Santo Ofício e cento e um anos para a saída/expulsão<sup>77</sup> dos judeus da Espanha.

Depois do massacre a comunidade judaica não voltou a ser a mesma, sofreu um baque, sem precedentes, na composição física, na moral (com as conversões) e foi intelectualmente estremecida. Muitas aljamas praticamente haviam desaparecido na Coroa de Aragão, como as de Valencia e Barcelona. Nesse cenário, só restaram trinta e seis sinagogas: Uma em Palma de Mallorca, cinco em Valencia, oito na Catalunha, vinte no reino de Aragão (que, entre os demais, foi o menos atingido pelo levante). (PÉREZ, 2013).

Os judeus continuaram resistindo, mas a situação parecia não ter mais remédio. Principalmente depois da unificação da Espanha, com a capitulação do reino mouro de Granada em 2 de janeiro 1492, e depois do casamento dos reis católicos Fernando de Aragão e Isabel de Castela. Os reis católicos com a pretensa intenção de unificar de vez a Espanha e extirpar a má influência judaica promulgaram o decreto de expulsão em 31 de março de 1492 assinado em Granada, o último reduto do domínio muçulmano em solo europeu.

Com a expulsão dos judeus restaram os cristãos-novos, e todas as atenções foram voltadas para esse grupo, que inicialmente foi acusado de serem falsos cristãos e de permanecerem praticando o judaísmo. Mesmo com a conversão os agora cristãos-novos ainda eram vistos na sociedade a partir dos estigmas destinados aos judeus. Inclusive, foram criados os Estatutos de Limpeza de Sangue<sup>78</sup> para frear a ascensão cristã-nova e diferenciar os cristãos velhos dos cristãos-novos. Segundo Carpenter (2005), as calúnias tradicionalmente direcionadas aos judeus, depois da promulgação do estatuto, serão direcionadas aos conversos, pois ambos pertenciam à mesma 'má geração'.

Os Estatutos de Limpeza de Sangue surgiram na Espanha com o Estatuto de Toledo em 1449 fruto de manifestações populares, no qual, os cristãos-novos eram acusados de persistirem com as práticas mosaicas, e de serem considerados inimigos da cidade e dos cristãos velhos. Segundo Acha

---

<sup>77</sup> No dia 31 de Março de 1492, os Reis Católicos Isabel I de Castela e Fernando II de Aragão em Granada assinaram o Decreto de Alhambra o edito de expulsão geral dos judeus espanhóis, forçando os judeus espanhóis a "optarem" por deixar a Espanha ou converterem-se ao cristianismo, os quais teriam até o dia 31 de julho para partirem.

<sup>78</sup> Os Estatutos de Limpeza de Sangue também eram aplicados aos mouros, que estavam concentrados em certas regiões – Vale do Ebro, reino de Valencia, Granada e Alpujarras. Oficialmente, todos se converteram ao catolicismo, mas muitos ainda conservavam seus costumes e tradições (suas vestimentas, seu idioma e suas festas). (PÉREZ, 2007)

(1991), é nesse ambiente e resultante do medo que os cristãos velhos tinham de ver sua fé desvirtuada e também por conta da inveja e ressentimento de classe que nasceu o chamado Estatuto de Limpeza de Sangue<sup>79</sup>.

Mesmo tornando-se cristãos os convertidos não serão aceitos pela sociedade e “a lo largo del siglo XV aparecerán diversos escritos donde los fustigan, diciendo que no son cristianos, que su conversión es falsa, que siguen siendo judíos, y por ello, y por hipocresía y falsedad, deben ser castigados.” (BUSTAMANTE GARCÍA, 1997, p. 420).<sup>80</sup> Inclusive, no texto do Decreto de Alhambra será citado que no reino haviam alguns maus cristãos que judaizavam e que eram apóstatas da santa fé católica.

A inquisição não tinha jurisdição sob os hebreus, como não eram cristãos não podiam ser considerados heréticos e acusados pelo Tribunal do Santo Ofício. Portanto, a sua expulsão e a conversão forçada foram convenientes à máquina inquisitorial. Um instrumento eficiente para produzir réus aptos a serem processados.

Não é à toa que a Inquisição Moderna tinha predileção pelos cristãos-novos, caracterizados como cristãos desviantes da fé e considerados propensos às práticas judaicas. Ou seja, não há dúvidas que o combate a heresia judaizante foi um dos pretextos para implantação da Inquisição em solo Ibérico.

Ao longo dos anos a Inquisição Moderna não era uniforme. No período que estava se estabelecendo na Espanha foram sentenciados mais ou menos setecentos condenados numa só manhã. Por isso, nesse período foi criada uma regulamentação interna para cercear a atividade dos inquisidores-delegados, e também para responder à pressão feita pelos cristãos-novos. (BETHENCOURT, 2000).

Foi difundido desde muito cedo na Europa uma imagem de uma ação arbitrária para o sistema inquisitorial em oposição à imagem de inquérito rigoroso defendido pelo tribunal, possivelmente essa contra-imagem foi formada logo após a expulsão dos judeus em 1492. A noção da imagem

---

<sup>79</sup> Este edito é composto por normas que impedem a participação de judeus convertidos ao cristianismo e seus descendentes em cargos municipais. Segundo o Estatuto de Toledo os “[...] conversos da linhagem judaica, sendo suspeito na fé de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, frequentemente subestimam-lo judaizantes, não devem ser autorizados a exercer o cargo ou benefícios públicos [...]” (WOLF, 2008).

<sup>80</sup> “ao longo do século XV surgem vários escritos onde os criticam, dizendo que não são cristãos, que a sua conversão é falsa, que permanecem judeus, e por hipocrisia e falsidade, devem ser punidos.” (BUSTAMANTE GARCÍA, 1997, p. 420, tradução nossa).

arbitrária é complementada pela imagem da ação interessada. Que está relacionada ao confisco dos bens do acusado e a preferencia pelos cristãos-novos, os quais questionavam nas frequentes petições contra a Inquisição, denunciando que a ação dos inquisidores não era desinteressada, dada a riqueza dos inúmeros perseguidos. Essas reclamações não eram sem fundamento, existiam ordens explícitas para aumentar os confisco de bens em tempo de dificuldades. A terceira e última ação, erigida pelos cristãos-novos, é a discriminatória, que entre os diferentes aspectos eles denunciam o 'Santo Ofício' de não os considerar cristãos (nos sermões dos autos de fé é encontrado raramente a terminologia cristã-nova para designar os conversos, que eram denominados ainda como 'judeus'), diferenciando-os dos demais cristãos, e inclusive aplicando penas mais severas. (BETHENCOURT, 2000).

Bethencourt (2000, p. 339) irá destacar também que

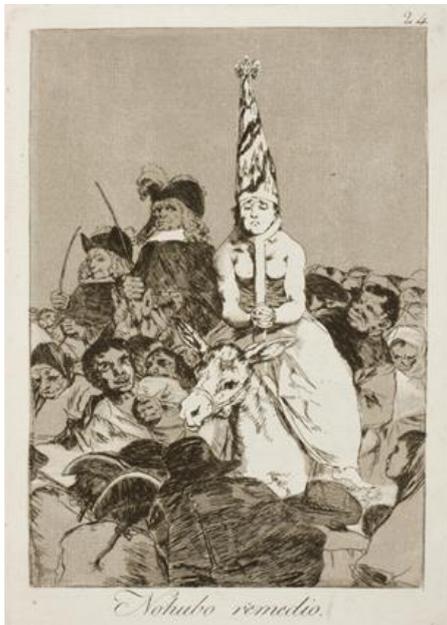
Encontra-se desde o início, na Espanha, a imagem da ação inquisitorial arbitrária. Os primeiros protestos foram apresentados muito rapidamente ao próprio papa que havia fundado a Inquisição, colocando-a sobre o patrocínio dos Reis Católicos. A pressão foi tão forte que ele tentou limitar o funcionamento do tribunal da fé, tendo sido realizadas inspeções para averiguar as acusações contra o comportamento dos inquisidores.

Não é à toa que a Inquisição espanhola é considerada uma das mais cruéis e sanguinária. Os acusados eram submetidos a diversas punições que poderiam variar entre confisco de bens, uso do hábito penitencial perpétuo (*sambenito perpétuo*), morte na fogueira (para aqueles que abjurarem no último instante é concedido à graça de serem estrangulados antes), degredo e prisão perpétua. Tendo em vista esses métodos punitivos não é sem motivos a persistência dos cristãos-novos e seus descendentes em difundir uma sólida contra-imagem do tribunal inquisitorial

Intelectuais como Francisco José de Goya y Lucientes (1746 - 1828) decodificaram em várias versões pictóricas a situação da Inquisição na Espanha, transportando o espectador aos horrores do Tribunal do Santo Ofício, inclusive descrevendo com detalhes os Autos-de-fé, com destaque para o uso do sambenito (um dos artificies usados para humilhação pública) e cenas dos processos. Para que possam visualizar melhor o cenário decodificado por Goya selecionei algumas pinturas representativas, como: "No hubo remédio" (Figura

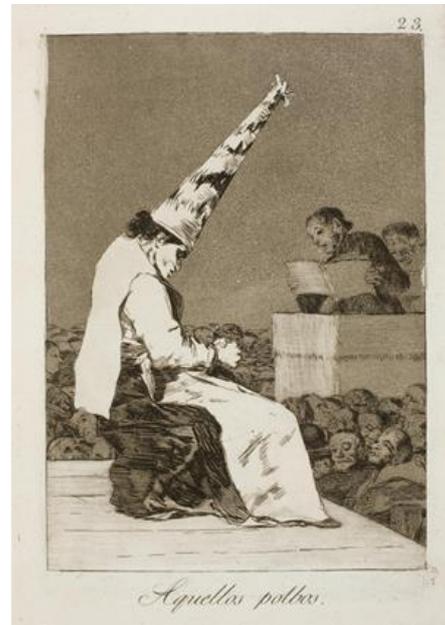
15) que traz uma cena clássica do auto de fé e “Aqueles polbos” (Figura 16) juntamente com “Escena de Inquisición” (Figura 17) que fazem alusão à cena de um processo inquisitorial.

**Figura 15 – No hubo remedio**



**Goya, 1797 - 1799**  
**Fonte: Museu Del Prado**

**Figura 16 – Aquellos polbos**



**Goya, 1797 - 1799**  
**Fonte: Museu Del Prado**

**Figura 17 – Auto de fé de la Inquisición**



**Goya, 1815 - 1819**  
**Fonte: Real academia de Bellas Artes de San Fernando**

O que demonstra que nem todos aceitavam de braços abertos às ações inquisitoriais, e o Santo Ofício não era intocável.

Numa palavra, a capacidade de mobilização das populações e a eclosão de motins a partir de boatos sobre a introdução do tribunal com os ‘usos’ e os ‘estilos’ espanhóis são sinais suficientes da má reputação rapidamente adquirida pelos inquisidores, mesmo em países católicos. (BETHENCOURT, 2000, p. 339).

Fiz essa introdução para que possamos entender melhor o plano de fundo histórico que serve de moldura para os eventos norteadores da perseguição e resistência dos cristãos-novos.

#### 4.2 O Alborayque: literatura polêmica antijudaica

Em 2005 o professor de estudos hispânicos Dwayne Eugene Carpenter publicou uma edição fac-similada<sup>81</sup> do exemplar encontrado em Barcarrota, incluindo estudo preliminar e notas. Ressaltando a importância dessa publicação, são poucos os textos baseados no exemplar da Biblioteca de Barcarrota levando em conta que ele só foi encontrado em 1992.

No entanto, o “Alboraique” têm algumas versões manuscritas e impressas que resistiram à ação do tempo e da perseguição impetrada pelo Santo Ofício. Segundo Carpenter (2005), existe um abundante repertório de edições que, na maioria das vezes, a crítica ignora. Uma rica variedade de testemunhos da tradição textual do “Alboraique” que compreende: três manuscritos e um impresso da Biblioteca Nacional de Madri, dois manuscritos da Biblioteca Nacional de Paris, dois manuscritos da Real Academia Espanhola de Madri, um impresso do Mosteiro e Sítio do Escorial e um impresso do arquivo Histórico Nacional de Madri.

Este livreto, com pouco mais de 21 páginas, foi descoberto em Barcarrota entre os livros escondidos na residência de Francisco Peñaranda. Em suas páginas não está gravado o nome do autor, local de impressão e a data de publicação. Só podemos deduzir que foi escrito em meados do século XV, uma vez que é citado que havia mais ou menos setenta anos do massacre

---

<sup>81</sup> Nessa dissertação utilizamos a seguinte edição do “Alborayque”: ANÔNIMO. **Alborayque**. Estudio preliminar, edición y notas de Dwayne Eugène Carpenter. Badajoz: Editora Regional de Extremadura, 2005. Portanto, as citações do “Alborayque” apresentadas aqui serão seguidas da disposição da página em que e encontra nessa edição.

de 1391. Já a sua autoria é um completo mistério, o qual iremos lançar algumas hipóteses no decurso desse capítulo.

O “Alborayque”, em regra, faz parte de uma literatura antijudaica cunhada contra os conversos, aqueles que se mantiveram fiéis a sua religião ancestral ou mesmo os que se converteram sinceramente ao cristianismo. Em meio a uma estratificação social de maioria cristã o ódio contra os neoconversos é intensificado a partir de vários mecanismos e a literatura vai ter um espaço importante. “Pode-se dizer que o anti-semitismo cresce na medida do desenvolvimento da arte e da literatura e em função de sua difusão entre as massas populares.” (POLIAKOV, 1979, p. 106). De tal modo, não é surpresa que obras como o “Alboraique” ganhassem certa projeção. Todavia, “no que diz respeito ao seu aspecto controverso, o Alboraique, elaborado por volta de 1465, soma-se a toda uma literatura polemista e propagandista composta em torno das turbulentas décadas do reinado de Enrique IV (1454-174).” (CARPENTER, 2005, p.14).

O tratado em questão é moldado a partir de aspectos da literatura polêmica<sup>82</sup> antijudaica, e pode ser considerado um relato dos costumes e crenças referente aos embates entre os cristãos e judeus nas comunidades espanholas. Um tipo específico de literatura que desponta na Idade Média<sup>83</sup>.

Não se enganem; estes debates de cunho teológico não surgiam com a intenção de apaziguar os ânimos entre cristãos e judeus, a sua finalidade era prover a comunidade cristã de argumentos contra o judaísmo e pressionar os judeus à conversão. De acordo com Antonaya (1998), esse embate religioso na Europa (e na Espanha) vive duas etapas: a primeira dura até o século XII, no qual os cristãos utilizaram as Sagradas Escrituras e algumas obras de padres para legitimar o messianismo de Jesus de Nazaré. Já a segunda etapa começa a partir do século XII, e a discussão tem a finalidade de provar a vinda do Messias empregando a literatura rabínica pós-bíblica, como Talmud, Midrash, Hagadá, Targum e os escritos de Maimônides e de outros estudiosos judeus.

São difundidos vários textos polêmicos na sociedade europeia. Um dos pioneiros será o tratado escrito por Isidoro de Sevilha (560-636 d.C.) que irá

---

<sup>82</sup>De acordo com Falbel “a literatura polêmica e apologética judaica tem seus inícios no próprio tempo em que a religião cristã surgiu como uma seita [...]”. (FALBEL, 1983, p.102)

<sup>83</sup>“Durante la Edad Media se cultivaba una literatura apologética, o de controversia, fruto de los debates públicos entre judíos y cristianos.” (ANTONAYA, 1998, p. 97, tradução nossa).  
“Durante a Idade Média se cultivava uma literatura apologética, ou controversa, fruto dos debates públicos entre judeus e cristãos.” (ANTONAYA, 1998, p. 97).

servir de modelo para outros. A obra *De fide catholica contra Iudaeos*, e outras produções tais como *Isaiae Testimonia de Christo Domino* e o *Liber de variis quaestio-nibus adversus Iudaeos* foram escritos com a intenção de converter os hebreus e avigorar a fé dos conversos. Além do mais, voltando ao século XIV, na Espanha, as relações entre judeus e cristãos estavam tão desgastadas que culminaram no levante de 1391, vários escritos datam do início daquele século como é o caso de *Liber Praedicationis contra Judaeos* (1305) de Raimundo Lullio e do tratado *Contra caecitatem Judaeorum* (1317) de Bernardo Oliver. (FALBEL, 1983).

Ainda sobre a literatura polêmica Fabel (1983, p. 98) registra que

[...] nem sempre a discussão e o escrito polêmico se mantêm no plano teológico pois em boa parte o texto adota um tom apaixonado no estilo próprio do sermão medieval, onde acusações de toda a natureza aos judeus são proferidos enfatizando-se a sua obstinação, o seu abandono, a sua dispersão, a sua escravidão, etc. No fundo tais acusações incorporadas aos textos polêmicos seguem uma longa tradição literária que remonta aos tempos dos Padres da Igreja ou aos próprios inícios do cristianismo.

A partir da fala de Falbel (1983) podemos abrir algumas aspas para fazer uma comparação com os recursos utilizados no “Alboraique”, confrontando com a literatura polêmica medieval. Uma vez que, é possível transpor essa descrição para o estilo de escrita presente no livro que estamos examinando.

O “Alboraique” é comumente conhecido como um panfleto antijudaico, com várias acusações baseadas em um método alegórico. Como os demais escritos polêmicos esta obra traz várias citações da Sagrada Escritura juntamente com trechos em latim e termos em hebraico. Em relação ao hebraico, não era comum para os cristãos, com ressalva para os recém-convertidos, ter conhecimento linguístico deste idioma. Podemos encarar esse fato como uma das pistas, deixada pelo autor, para determinar a sua situação social. Seria ele um converso? Nesse caso, seria um converso sincero ou judaizante?

Seguindo esta pista, logo na abertura o autor apresenta a diferença entre os “bons” conversos de Castela e os “maus” conversos de Andaluzia e Toledo os quais Se “baptizaron por fuerça, e éstos [11r] no son christianos.”

(ANÔNIMO, 2005a, p. 97,) <sup>84</sup>. Analisando melhor esse fragmento podemos deduzir que a visão do autor sobre os conversos não é homogênea. Nestas circunstâncias, podemos sugerir algumas hipóteses. Uma delas é que quem escreveu este texto está tentando amenizar a perseguição dos conversos de Castela. Esta observação leva a entender que o autor montou o texto para atender às suas necessidades, e que na realidade ele seria um converso desta região. Ou então, trata-se de um cristão que tem boas referências destes conversos, o que não é impossível, mas considero pouco provável. Para clarear essa questão analisemos na fonte:

E esto no deven aver por reproche los buenos de los conversos de Castilla, antes por honrra, que si oviessen de ser juzgados con los conversos andaluces – y aun tholedanos – , todos serían condenados por malos hereges, lo qual nos es assí, mas lo contrario. Ca assí como en Castilla Vieja, Burgos, Palencia, Valladolid, Çamora, León, etcétera, a penas fallarán dellos, de los conversos naturales, hereges ningunos; assí en el reyno de Toledo e Murcia e Andaluzía, Estremadura, a penas fallaredes dellos niguos christianos fieles, lo qual es notório en toda España, aunque la grand heregía déstos quiere traer causa de durar en los otros de Castilla a riba. (ANÔNIMO, 2005a, p. 97).<sup>85</sup>

Outro indicio é a citação das práticas concernentes aos conversos judaizantes. No qual, pode revelar uma faceta ainda negligenciada nos estudos desse texto, definindo como uma espécie de manual apologista da religião proscrita.

En las obras los conosceredes: em sus fiestas, e em su guardar de sábadó, e em su comer carne en Quaresma, e en su meldar como judíos, e en sus ayunos e pascuas guardar; e nunca confessar ni comulgar, e no guardar domingo, no yr [sic] a missa, no alabar a la Virgem Maria ni a Jesús Christo, no leer Evangelios. (ANÔNIMO, 2005a, p. 74-75).<sup>86</sup>

<sup>84</sup> “batizaram por força, e estes [11r] não são cristãos.” (ANÔNIMOa, 2005, p. 97, tradução nossa).

<sup>85</sup> “E estes não devem ter por censura os bons conversos de Castela, antes por honra, que si houvessem de ser julgados com os conversos andaluces – e mesmo toledanos –, todos seriam condenados por mau hereges, o que não é assim, mas o contrário. Porque assim como em Castela Velha, Burgos, Valencia, Valladolid, Samora, Leon, etcétera, para penas encontra-los, dos conversos naturais, nenhum herege, assim no reino de Toledo e Murcia e Andaluzia, Estremadura, para penas encontrar nenhum dos seus cristãos fieis, os quais são notórios em toda Espanha, embora a grande heresia destes querem trazer da causa de durar os outros em Castela para cima.” (ANONIMO, 2005, p. 97, tradução nossa).

<sup>86</sup> Nas obras os conhece: em suas festas, e por guardar o sábadó, e por comer carne na Quaresma, e por rezar como judeus, e por guardar seus jejuns e pascoas; e nunca confessar

Ou até mesmo acusando os alboraicos de descumprir a lei dietética judaica ao se alimentar de “conejos, perdizes muertas de manos de christianos e de morros, e pescados (que ellos comen poco tozinho), liebres [10r] e otros animales e aves [...]” (ANÔNIMO, 2005a, p. 94).<sup>87</sup>

Baseado em uma leitura atenta do trecho observemos o que o professor David M. Gitlitz (1992, p. 14) tem a dizer sobre a possível origem do nosso autor.

Internal testimony suggests that the author was a Castilian convert, a person with substantial knowledge of Christian, Muslim and Jewish tradition, probably a person with some knowledge of Hebrew and maybe even Arabic, in addition to Latin and vernacular Spanish.<sup>88</sup>

Para complementar o que disse Gitlitz (1992), não poderia deixar de mencionar que além do conhecimento do hebraico, os judeus foram grandes tradutores de textos em árabe o que corrobora com a hipótese de que realmente foi um converso que escreveu o “Alboraique”.

Essa distinção é importante para sermos um pouco mais ousados e lançar a proposição que o autor pode ser, na realidade, um converso judaizante. Porém, a grande maioria das produções relativas a esta obra descartam essa teoria. E isso se dá pelo simples fato que a obra é “essencialmente” pejorativa em relação aos conversos. Autores como Fr. Félix Pérez-Aguado (1863-1899) defende que o escritor do livreto “sólo puedo decir que es un cristiano viejo, celoso por la Religión cristiana, enemigo terrible de los judíos, y muy versado en las Sagradas Escrituras.” (AGUADO, 1901, p. 121)<sup>89</sup>. No entanto, Gitlitz (1992) aponta que há a possibilidade do autor deste panfleto ser um converso, entretanto ele o considera abertamente pró-cristão e anti-judaizante. Entretanto, ele também considera que

---

nem comungar, e não guardar o domingo, não ir à missa, não louvar a Virgem Maria nem a Jesus Cristo, não ler os Evangélicos. (ANÔNIMO, 2005, p. 74-75, tradução nossa).

<sup>87</sup> “coelhos, perdizes mortas por mãos de cristãos e de mouros, e pescado (que eles comem pouco toicinho), liebres e outros animais e aves [...]” (ANÔNIMO, 2005, p. 94, tradução nossa).

<sup>88</sup> “O testemunho interno sugere que o autor era um convertido castelhano, uma pessoa com conhecimento substancial dos cristãos, muçulmanos e da tradição judaica, provavelmente uma pessoa com algum conhecimento do hebraico e talvez até mesmo do árabe, além do Latim e do vernáculo espanhol.” (GITLITZ, 1992, p. 14, Tradução Nossa).

<sup>89</sup> “só podia ser um cristão velho zeloso pela religião cristã, e inimigo dos judeus, e muito versado nas Sagradas Escrituras.” (AGUADO, 1901, p. 121, tradução nossa).

Yet in some of his own attitudes he seems more Jewish than Christian. One major difference between the two religions is that for Christians, belief in Jesus is the key to salvation, while for Jews close observance of the Law is the key to achieving righteousness. The author of this book shows far more interest in the practices of the judaizers than he does in their beliefs, which he mentions seldom, and only in the negative, as when he states that judaizing converso priests 'no creen la sta. fe catblica ni la misa que dizen'. Throughout the manuscript references to practice outnumber references to belief by six or seven to one. (GITLITZ, 1992, p. 13-14, grifo do autor).<sup>90</sup>

Essa inclinação apontada por Gitlitz (1992) pode corroborar com o nosso argumento, mesmo que ele não reconheça as possíveis intenções judaizantes do livreto, não é a toa que o autor demonstra mais interesse na observância da prática do que na crença.

Se permanecermos margeando na superfície do texto, só com o que foi apresentado até o momento, seria admissível aceitar que esse material jamais poderia ser fruto das elucubrações de um criptojuudeu. É necessário levarmos em conta que no mundo subterrâneo, no qual habitavam os conversos espanhóis, não dava para transitar na superfície e mostrar as suas reais intenções para o grande público, então, nesse caso, a certeza empreendida para categorizá-lo poderia ser um tanto questionável.

Porém, necessitamos de argumentos plausíveis para solidificar essa argumentação. O primeiro argumento é que o autor é enfático na categorização dos conversos *forçados*, que, inclusive, é determinante quando assegura que eles não devem ser considerados cristãos. Isso seria uma crítica à conversão empreendida pela força? Aliás, quando vai descrever que os alboraios são compostos por estribos de muitos metais ele ressalta que na época de Jesus alguns judeus foram convertidos e voltaram atrás e não quiseram mais seguir Cristo e retornaram à sinagoga, e a mesma coisa aconteceu com os outros alboraios convertidos por São Pedro e os outros apóstolos depois da ascensão de Cristo. E também com aqueles do “tempo Moderno”, os quais são mencionados no prólogo, que por ser batizados à força não são cristãos.

---

<sup>90</sup> “Em algumas de suas próprias atitudes ele comporta-se mais como Judeu do que cristão. Uma diferença importante entre as duas religiões é que, para os cristãos, a crença em Jesus é a chave para a salvação, enquanto que para os judeus a observância de perto da lei é a chave para alcançar a justiça. O autor deste livro mostra muito mais interesse pelas práticas dos judaizantes do que ele faz em suas crenças, a qual ele menciona raramente, e só no negativo, como quando afirma que judaizando sacerdotes conversos 'no creen la sta. fe catblica ni la misa que dizen'. Ao longo do manuscrito as referências da prática superam as referências à crença por seis ou sete a um.” (GITLITZ, 1992, p. 13-14, Grifo do Autor, tradução nossa).

Continuando com o raciocínio, ele alude que os judeus recorriam à conversão desde tempos antigos, e acabavam regressando à sua religião ancestral. Isso se dava no “[...] momento em que a vigilância governamental era aliviada, os conversos recentes aproveitavam a oportunidade para voltarem à sua religião ancestral.” (ROTH, 2001, p. 23). O que só foi possível até a expulsão dos judeus e dos mouros do território espanhol.

Outro ponto importante é que os conversos, descritos no livreto, não são considerados nem mouros, nem judeus, nem cristãos, mesmo que pela vontade queiram ser judeus, posto que não guardam o Talmud nem todas as cerimônias judaicas, ou menos a lei cristã. Os alboraios estavam entre esses dois mundos, divididos entre a sua herança religiosa e a imposição da *observância* do catolicismo.

Sobre essa temática é importante citar a professora Dr<sup>a</sup> Anita Novinsky que em sua *obra seminal* “Cristãos-novos na Bahia”, apresenta-nos o conceito de “homem dividido” para categorizar o conflito interior vivenciado pelo cristão-novo, que depois do batismo não era mais considerado judeu pelos seus correligionários e nem católico pelos cristãos velhos. Vejamos o que a professora Novinsky (1972, p. 162, grifo da autora) tem a dizer:

[...] o cristão-novo encontra-se num mundo ao qual não pertence. Não aceita o Catolicismo, não se integra ao Judaísmo do qual está afastado a quase dez gerações. É considerado judeu pelos cristãos e cristãos pelos judeus [...]. Põe [sic] em dúvida os valores da sociedade, os dogmas da religião católica e a moral que esta impõe. Internamente é um homem dividido, rompido que, para se equilibrar, se apóia [sic] no mito de honra que herdou da sociedade ibérica e que reflete na frequência com que repete que ‘não trocaria todas as honras do mundo para deixar de ser cristão novo’. Exatamente nisso se exprime a essência do que ele é: nem judeu, nem cristão, mas “*cristão novo com a graça de Deus.*”

Os cristãos-novos assumem uma atitude crítica em relação à religião oficial, inclusive no final do “Alboraique” é enumerado um conjunto de “injúrias anticristãs” atribuídas aos judeus e conversos. Uma atitude, que na maioria dos casos, é orientada pelo segredo e condicionada por um viés subterrâneo.

Nessa perspectiva, a Sociologia do Segredo, desenvolvida pelo sociólogo judeu Georg Simmel, pode ser útil como referencial teórico para entendermos o criptojudaísmo. Já que, para a manutenção da sua religião ancestral os cristãos-novos judaizantes edificaram um mundo esquematizado

pelo segredo. Nessa circunstância, para manterem-se fieis à sua religião foi necessário criar uma vida dupla, socialmente aparentam ser bons cristãos e na vida privada; escondidos dos olhos vigilantes da sociedade prosseguiram praticando os costumes judaicos. E isso só é possível porque “o segredo oferece, por assim dizer, a possibilidade de que surja um segundo mundo junto ao mundo patente [...]” (SIMMEL, 2009, p. 235).

A teoria proposta por Simmel nos ajuda a visualizar no criptojudaísmo um subterfúgio contra a ordem estabelecida, no qual o judaizante para manter-se vivo adentra na “esfera protetora do segredo”. Assim, conforme Simmel (2009, p. 227), “um só conhece do outro as características externas. E estas tanto podem ser as que se deixam ver no social, como as que a pessoa deseja mostrar aos outros.”

Para fecharmos este ponto vamos consultar o que diz Mangas (2010, 2010, p. 31, grifo do autor) sobre a posse e venda desta obra:

Era peligroso en 1510, 1525 o 1557. Ningún librero vendía esa obra, y menos en Barcarrota, como a ningún librero, por muy *irresoluto e ignorante* que fuera, se le ocurría trapichear, ni antes ni después de 1551, con *La Cautividad de Babilonia* de Lutero o la *Institución de la religión cristiana* de Calvino, siendo el caso del *Alboraique* peor, porque, como ya he dicho, constituía la toma de posición, por escrito, del irreductible criptojudío durante más de dos siglos. Además de la hiriente crítica hacia el converso, hallamos en el *Alboraique* la más completa y fidedigna descripción de las costumbres de los judíos bajoextremeños en vísperas de la expulsión; algo de enorme valor para los descendientes de los que permanecieron en la zona tras cortarse todos los vínculos con las comunidades exteriores. De hecho, el *Alboraique* era sarcasmo, pero también guía velada.

Todas estas indagações, ainda que sejam somente questionamentos, devem ser observadas, visto que sendo ou não uma obra “puramente” antijudaica ela precisa ser problematizada e devem ser consideradas todas as possibilidades. Nem tudo é o que parece, principalmente numa sociedade condicionada pelo medo.

Quando se trata de marranismo nada é essencialmente preto no branco. Talvez, por isso mantemos nossas hipóteses no campo das contingências. Com isso, não estamos cometendo nenhum pecado acadêmico, pois a dinâmica da construção do conhecimento científico advém da probabilidade e da experimentação, nunca da certeza absoluta. Portanto, não apresentaremos

certezas da subjetividade religiosa do nosso autor, deixo a cargo do leitor tomar as suas próprias conclusões.

#### 4.2.1 Retratos de uma época: as representações simbólicas no Alboraique

O livro conta a história dos conversos que, ao contrário dos cristãos velhos eram conhecidos pejorativamente como apóstatas e hereges. Esses conversos são denominados inicialmente como “neófitos judaizantes” que viviam na vila Erena<sup>91</sup>, província de Léon, e que haviam sido convertidos ao cristianismo a mais ou menos setenta anos. No tratado é dito que isso ocorreu durante o trágico episódio do massacre de judeus em 1391. Na época a onda de violência contra os hebreus se espalhou por toda a Espanha, vários judeus perderam a vida e foram destruídas inúmeras aljamas (bairros judaicos). Só escaparam do motim aqueles que conseguiram fugir ou esconder-se, mas a maioria dos sobreviventes só permaneceu viva porque optaram pela conversão.

Segundo este livreto era atribuído aos conversos a nomenclatura de Alboraique por conta das suas características ambivalentes, uma vez que não eram cristãos fiéis e nem judeus. Para melhor entendimento do que estou dizendo, segue o trecho referente a essa questão.

Empero, porque ellos tienen la circuncisión como morros, y el sábado como judíos, e el nombre sólo de christianos – e ni sean moros, ni judíos, ni christianos, aun por la voluntad judíos, pero no guardan al *Talmud* ni las cerimonias todas de judíos, ni menos la ley christiana –, e por estol es fue puesto este sobrenombre, por mayor viturpedio, conviene a saber, ‘alboraycos’ a todos ellos, e a uno solo ‘alborayco. (ANÔNIMO, 2005a, p. 69)<sup>92</sup>.

O trecho extraído revela que essa nomenclatura foi designada para ofender a moral dos conversos a partir de estereótipos antijudaicos. Uma situação parecida com a terminologia “marrano” que foi criada para associar a

<sup>91</sup> Llerena é uma cidade situada na província de Badajoz que juntamente com Cáceres integram a comunidade autónoma de Extremadura (Extremadura).

<sup>92</sup> “Contudo, porque eles têm a circuncisão como os mouros, e o sábado como judeus, e o nome só de cristãos – e não são mouros, nem judeus, nem cristãos, mesmo pela vontade judeus, pois não guardam o *Talmud* nem todas as cerimônias dos judeus, ou menos a lei cristã -, e por isso lhes foi posto este sobrenome, por maior vitupério, deveria a saber, a todos eles ‘alboraycos’, e a um só ‘alborayco’.” (ANÔNIMO, 2005a, p. 69, tradução nossa).

figura do converso ao porco, uma referência a repulsa judaica à carne desse animal.

No excerto, o alboraiço é comparado com os mouros, uma analogia comum para a época, como irá sugerir Roth (2001, p. 27) ao citar o episódio da reconquista da Espanha.

Os rudes guerreiros cristãos não conseguiam distinguir facilmente entre uma espécie de não crentes e uma outra; e os judeus, vestidos do mesmo modo que os muçulmanos, falando a sua língua, e pertencendo de uma forma geral à mesma cultura, partilharam inevitavelmente a sua sorte.

Nesse cenário, são apresentados dois tipos de conversos. Os judeus batizados à força, classificados como *anussim*, que de acordo com o texto não são considerados cristãos. Já os outros judeus que “se torna christiano de grado e guarda a ley christiana, llámale messumad, en ebrayco, que quiere dizer ‘rebolvedor’, que los rebuelve com los christianos.” (ANÔNIMO, 2005a, p. 68, Grifo do Autor).<sup>93</sup> Aliás, “from the rabbis' point of view, the true converts, called ‘criminals’ or ‘rebels’ or the ‘wicked’ (rashcim, or poshcim), were the despicable enemy, while the anusim were to be courted back into the fold.” (GITLITZ, 1992, p. 4, grifo do autor)<sup>94</sup>.

No opúsculo é esclarecido que o termo “Alboraique” é inspirado na criatura híbrida que o profeta Maomé utilizou para fazer a viagem de Meca até Jerusalém. Uma criatura mítica que não está listada entre seres vivos presentes na natureza.

O autor é bem explicativo sobre os motivos que o levaram a escolher esse animal e de onde retirou a sua referência. Para entender melhor o que estou dizendo veja-se o fragmento extraído do texto.

E yo, buscando la Ley vieja y nuevaa, este nombre no fallé, ni en glosas de la Escritura, pero fallélo em el Alcorán. Ca Mahómad, caudillo de los moros, fingió que Halá embió del ceilo a llamar con el ángel Gabriel, e que para yr allá le traxo un animal, que assí se llamava: ‘Alborayque’, en que fuesse cavallero. El animal es menor que cavallo e mayor que mulo.

<sup>93</sup> “se torna cristão de grau e guarda a lei cristã chama *messumad*, em hebraico quer dizer ‘rebolvedor’, que se rebuelve com os cristãos.” (ANÔNIMO, 2005, p. 68, tradução nossa, grifo do autor).

<sup>94</sup> “do ponto de vista dos rabinos, os verdadeiros convertidos, são chamados de “criminosos” ou “rebeldes” ou “maus” (rashcim, or poshcim), eram o inimigo desprezível, enquanto os *anussim* estavam a ser cortejados de volta ao rebanho.” (GITLITZ, 1992, p. 4, grifo do autor, tradução nossa).

E como no sea ninguno de los animales de natura que em Ley se falla, ni en libro De natura animalium, según las señales que em el dicho Alcorán e em glosas suyas de los sábios de los moros se falla, por ende, como tal animal no sea em ley de Escritura ni en ley de gracia, assí se concluye que ellos ni son judíos, ni christianos, ni menos moros, ca la seta de los moros no la creen, ni menos la de christianos, [2v] que se llaman, e no la creen. (ANÔNIMO, 2005a, p. 69-70).<sup>95</sup>

O Alboraique é descrito na religião islâmica como a cavalgadura do profeta Maomé. É certo que a representação desse ser mítico para o Islam está distante do ponto de vista deste livro. Cyril Glassé (2001, p. 94, grifo do autor), em “The New Encyclopedia of Islam”, oferece uma definição oportuna deste animal.

Al-burāq. The miraculous steed which the Angel Gabriel brought to the Prophet for the Mir'āj, or Heavenly Ascent, also known as the isrā' or Night Journey. The root of the word is baraga, which means 'to glitter', especially of lightning. In India the Burāq is depicted as having the face of a woman and the tail of a peacock, but there is no basis for this in traditional accounts, in which the Burāq is described as a creature for riding. On the hand, the iconography of the Burāq as seen through the Indian imagination, makes of it a fantastical creature, both human and animal, and thus extends its symbolism to that of being the synthesis of all creation which accompanies the Prophet to heaven.<sup>96</sup>

Para o islamismo o *Al-Burak*, esse ser dotado de poderes místicos, é respeitado por ter sido a cavalgadura do profeta Maomé na viagem conhecida como *Isra* ou Viagem Noturna. Ao chegar a Jerusalém ele teria ascendido aos

<sup>95</sup> “E eu, buscando a Lei velha e nova, este nome não encontrei, nem em glosas da Escritura, mas encontrei no Alcorão. Porque Maomé, líder dos mouros, fingiu que Ala enviou do céu a chamar com o anjo Gabriel, e que para vim de lá lhe trouxe um animal, que assim se chamava: ‘Alborayque’, em que foi cavaleiro. O qual animal é menor que cavalo e maior que um mulo. E como não é nenhum dos animais da natureza que se fala na Lei, ou no livro *De natura animalium*, segundo os sinais que no dito alcorão e em glosas suas dos sábios e dos mouros se fala, assim, como tal animal é em lei da Escritura ou lei da graça, assim se conclui que eles nem são judeus, nem cristãos, nem menos mouros, porque a religião dos mouros não acreditam, nem menos a dos cristãos, [2V] que se chamam, e não acreditam.” (ANÔNIMO, 2005a, p. 69-70, tradução nossa).

<sup>96</sup> “Al-buraq. O corcel milagroso que o Anjo Gabriel levou ao Profeta para a Mi'raj, ou Ascensão aos Céus, também conhecido como o Isra 'ou Viagem Noturna. A raiz da palavra é baraga, que significa "brilhar", especialmente de um relâmpago. Na Índia, o Buraq é descrito como tendo o rosto de uma mulher e a cauda de um pavão, mas não há nenhuma base para isso nos relatos tradicionais, em que o Buraq é descrito como uma criatura para a equitação. Por outro lado, a iconografia do Buraq como pode ser visto através da imaginação indiana, faz dele uma criatura fantástica, tanto humana como animal, e, portanto, se estende ao simbolismo de ser a síntese de toda a criação, que acompanhou o Profeta ao céu” (GLASSÉ, 2001, p. 94, grifo do autor, tradução nossa).

céus (*Mi'raj*) onde conversou com Deus e os outros profetas. Já na obra que pegamos para análise esse animal é descrito a partir de características negativas que são associadas aos neoconvertos e sua pretensa (ou não) apostasia.

Logo na abertura do livreto é apresentada a reprodução imagética da figura que será avaliada ao longo do texto. Todavia, a xilogravura do Alboraique inicia a obra conduzindo a imaginação do leitor. Nesse momento, esse ser mítico recebe um formato extremamente vivo e que irá ajudar na visualização das características que serão descritas ao longo do livro, e se distanciando, cada vez mais, do fabuloso corcel alado retratado no alcorão. Aqui se trata de uma adaptação, uma espécie de licença poética, a qual os atributos positivos são suprimidos pela criação de atributos negativos.

#### 4.2.2 Os sinais que os mouros “dizem” que havia no Alboraique

Depois de ter descrito as diferenças entre os termos *anussim* e *mesumad* (*M'shumad*<sup>97</sup>), explicar os motivos e as fontes para a escolha do título da obra e o porquê que os conversos são designados como Alboraique, nesse ponto do texto o autor irá listar os atributos deste animal juntamente com a sua definição e seu significado alegórico. São enumeradas vinte características fictícias dos traços físicos do Alboraique, cada um desses itens são legitimados com referências bíblicas e trechos em latim. Após finalizar essa parte, o criador deste livreto nos brinda com uma lista de dezoito itens contendo as blasfêmias anticristãs atribuídas aos judeus e conversos.

No geral, a narrativa é simples, ilustrativa e original. O escritor se apropria do arquétipo do Al-Buraq (seu nome árabe), corcel milagroso do profeta Maomé, criando um ser praticamente novo a partir de alusões pejorativas para vincular com a conduta e o caráter dos conversos.

O texto possui uma linguagem extremamente visual e com inúmeros elementos figurativos, onde o leitor pode facilmente imaginar as analogias descritas. Aliás, este animal ostenta as seguintes “qualidades”, sendo a maioria de procedência zoomórfica:

- a) boca de lobo;

---

<sup>97</sup> Termo utilizado pelos judeus para designar aqueles que se converteram, voluntariamente, ao cristianismo.

- b) rosto de cavalo;
- c) olhos de homem;
- d) orelhas de cão lebre;
- e) pescoço de hacanea com crina;
- f) corpo de boi;
- g) cauda de serpente;
- h) no cabo da cauda uma cabeça de grua;
- i) o cabo da cauda um corpo de pavão;
- j) um braço de perna do homem com calça galante e pé calçado;
- k) no outro braço de perna de cavalo com ferradura;
- l) uma perna de águia com unhas;
- m) perna de leão sem unhas;
- n) a pele de todas as cores;
- o) come todos os manjares;
- p) não é de todo macho ou de todo fêmea;
- q) a sela (cadeira) um pódio rico;
- r) o eixo da sela (cadeira) de vara de figueira;
- s) os estribos de muitos metais;
- t) o freio de fogo incendiado e as rédeas de espada enfeitada e de aço fino.

**Figura 18 – Ilustração do Alboraique**



**Fonte: Exemplar do Alborayque da Biblioteca de Barcarrota**

Depois de apresentados os atributos do Alboraique o autor irá “tecer” comentários sobre cada uma dessas condições, estabelecendo metáforas para cada um dos atributos físicos do Alboraique, e tudo isso em comparação com a moral do converso. Para legitimar a sua fala, como já dito anteriormente, o autor se vale de algumas passagens bíblicas, inclusive, empregando termos e frases em latim.

- A primeira condição: Segundo o autor, o *alboraique tem boca de lobo* porque são hipócritas e falsos profetas, fingem ser cristãos. Os neoconversos são facilmente identificados pelas suas festas, por guardar os sábados, por comer carne na Quaresma, por rezar como judeus, por guardar os jejuns e páscoas, por nunca confessar nem comungar, por não guardar o domingo, por não ir à missa, por não louvar a Virgem Maria e nem a Jesus Cristo e por não ler os Evangelhos. Assim, “e ahé como son lobos. *Genesis xlix*: dixo Jacob a su fijo Benjamín: ‘*Lupus rapax*’. Ergo, los judíos de Castilla vinieron del linaje de Judá e de Benjamín, ergo, lobos.” (ANÔNIMO, 2005a, p. 75);<sup>98</sup>
- A segunda condição: Nas palavras do autor, o Alboraique possuiu *rostro de cavalo*, porque dentre os animais o cavalo é veloz e valente, por isso são escolhidos para matar pessoas e derramar sangue. “E assí, esta maldita generación fueron e son ligeiros, e se fizieron flertes para matar los profetas: A Ysaías, a Zacharías, e los Apósto[4r]les e mártires, e corrieron a derramar la sangre de Jesú Christo.” (ANÔNIMO, 2005a, p. 75);<sup>99</sup>
- A terceira condição: Na opinião do autor, aquele animal tem olhos de homem, nesse caso o Alboraique possuía “ojos de ombre, pero no era ombre. E assí, estos alboraycos parescen ombres em la parescencia, e son diablos em las obras” (ANÔNIMO, 2005a, p. 76-77);<sup>100</sup>
- A quarta condição: Havia no Alboraique *orelhas de cão lebrei*. Eram considerados cães Lebreis porque esses animais

No ha vergüença de su señor de faer sus faziendas delante dél ni delante de las otras gentes, assí, estos ombres perros no han vergüença de Dios – ni aun del rey – ni de las gentes de fazer faziendas ni cerimonias judaycas, ni de dezir sus heregías ni mentiras. E otrosí, como el perro torno el vómito lo que bossó, assí, estos canes tornan al sabad e adafina, e

<sup>98</sup> “eis como são lobos. *Genesis XLIX*: disse Jacó a seu filho Benjamim: <*Lupus rapax*>. Logo, os judeus de Castela vieram da linhagem de Judá e de Benjamim; logo, são lobos.” (ANÔNIMO, 2005a, p. 75, grifo do autor, tradução nossa).

<sup>99</sup> “E assim, essa maldita geração foram e são ligeiros, e se fizeram fortes para matar os profetas: para Isaias, para Zacarias, e para os Apóstolos [4r] eles e mártires, e correram para derramar sangue de Jesus Cristo.” (ANÔNIMO, 2005a, p.75, tradução nossa).

<sup>100</sup> “olhos de homem, mas não era homem. E assim, estes alboraiicos parecem homens na aparência, e são diabólicos nas obras.” (ANÔNIMO, 2005a, p. 76-77, tradução nossa).

caçuelas, e circumcisión, e cerimonia que usaron ya quando se bautizaron. (ANÔNIMO, 2005a, p. 77-78);<sup>101</sup>

Conforme o autor, os conversos não tem vergonha de retornar aos costumes judaicos, mesmo depois de batizados. Além do mais, com raiva e inveja diabólica mordem o seu dono.

- A quinta condição: O Alboraique apresenta *pescoço de hacanea*<sup>102</sup> com *crina*. Do mesmo modo como as hacaneas os Alboraicos não servem para o trabalho na serra e em terras ásperas. Contudo,

andan por la praça, que es la corte, e por las calles de los christianos a engañar las gentes, que se figuran por las crines del Alborayque, por muchos caminos de engañarnos, afeytando aquellos engaños, encrinándolos como crines de hacaneas. (ANÔNIMO, 2005a, p. 79)<sup>103</sup>

Assim, segundo o autor os alboraicos não servem para lutar contra os inimigos da fé cristã ou para trabalhos ásperos de lavradores, e só sabem se exhibir nas Cortes Reais;

- A sexta condição: O Alboraique tem *corpo em forma de boi* “finchiendo sus vientres e cilleros de las dehesas, mas a furto; mudando el pelo, son luzios.” (ANÔNIMO, 2005a, p. 79);<sup>104</sup>
- A sétima condição: tem *calda de serpente*, e como as víboras destilam as heresias e blasfêmias, o seu veneno, contra Jesus Cristo. Estas são criaturas maléficas que levam seus animais.

*Psalmo Davi: <<Acuerunt línguas suas sicut serpentes, etcétera>>*, que diz: ‘Abrieron sus boca assí como serpientes’. Venino de bívoras, áspides debaxo de sus beços, e blasfemantes de Christo e de la Virgen Nuestra Señora e de los sanctos. Por la fue dicho a su padre, Dan, fijo de Jacob, a la

<sup>101</sup> “[...] não tem vergonha de seu senhor de fazer suas necessidades privadas diante das outras pessoas, assim, estes homens cães não tem vergonha de Deus – Ou mesmo do rei – ou das pessoas de fazer suas necessidades privadas ou cerimonia judaicas, ou de dizer suas heresias ou mentiras. E, além disso, como o cão torna o vômito para comer como vomitar, assim, estes cães tornam ao sábado, e adafina, e guisados, e circuncisão, e cerimonia que usaram já quando se bautizaram.” (ANÔNIMO, 2005a, p. 77-78, tradução nossa).

<sup>102</sup> “Jaca mayor de lo habitual, pero menor que el caballo y más apreciada que la normal.” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2014).

“Égua maior do que o habitual, menor que um cavalo e mais apreciada que o normal.” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2014, tradução nossa).

<sup>103</sup> “andam pela praça, que é a corte, e pelas ruas dos cristãos para enganar as pessoas, que é listada pela crina do Alboraique, por muitos caminhos de enganação, adornando aqueles enganos incriminando como crinas de hacaneas.” (ANÔNIMO, 2005a, p. 79, tradução nossa).

<sup>104</sup> “com um ventre e entranhas cheias de pastagens, para mais furto; mudado o pelo, são brilhantes.” (ANÔNIMO, 2005a, p. 79, tradução nossa).

hora de su muerte, le dixo Jacob, porque de su linaje nascerá Antechristo. (ANÔNIMO, 2005a, p. 80-81, grifo do autor).<sup>105</sup>

Na perspectiva do autor, a serpente morde as unhas do cavalo para derrubar o cavaleiro, isto é, para derrubar o espírito, atormentando o corpo dos cristãos.

- A oitava condição: Possui no *cabo da cauda uma cabeça de grua*. O autor cita dois motivos para relacionar essa condição aos conversos. O primeiro motivo é que assim como as gruas os alboraicos vêm uma antes e as outras andam ordenadamente atrás dela. Nessa situação,

[...] todos venieron por un caminho, desterrados por infieles, e sus agüelos. E acá davan las semientes de las palabras de Dios, arrancando las que no dan fruto de vida, e después tornáronse hereges. E como las grullas vienen a grand miedo entre nós, e se velan de noche, assí esta gente biven a grand miedo entre nós. [...] assí a penas por justicia podedes matar un Alborayque, que ponen sobre sí guardas, remédio de chohechos y moneda. (ANÔNIMO, 2005a, p. 82).<sup>106</sup>

O segundo motivo está relacionado ao processo migratório desses pássaros, assim como as gruas que migram em tempo de frio e depois retornam às suas terras, assim também são os alboraicos que vieram cativos da babilônia e causaram grandes danos, todavia anseiam retornar a Judeia e oram para isso em “seu livro de heresias”.

- A nona condição: No *cabo da calda havia uma figura de pavão*. Visto que os alboraicos são pomposos e vaidosos. Entretanto, como o pavão, o alboraiico na hora que mira os seus pés ao perceber que são feios e negros, ele esmorece, desmaia, cai amortecido, e perde todo o coração que tem. Nesse caso,

Assí los alboraycos, puesto [6v] que sean ricos e generosos en dignidades, puestos en la plça para ser mirados como el pavón,

<sup>105</sup> “*Psalmos Davi: <<Acuerunt línguas suas sicut serpentes, etcétera>>*, que disse: “Abriram suas bocas assim como serpentes”. Veneno de víbora, víboras debaixo de seus becos, e blasfemadores de Cristo e da Virgem Maria Nossa Senhora e dos santos. Portanto foi dito para seu padre, Dan, filho de Jacó, a hora de sua morte, Ihe disse Jacó, porque de sua linhagem nascerá o Anticristo.” (ANÔNIMO, 2005a, p. 80-81, grifo do autor, tradução nossa).

<sup>106</sup> “[...] todos vieram por um caminho, desterrados por infieis, e seus avôs. E aqui davam as sementes das palavras de Deus, arrancando as que não davam frutos de vida, e depois se tornaram hereges. E como as gruas vêm grande medo entre nós, e são vigias de noite, assim esta gente vivem para grande medo entre nós [...] assim para penas por justiça pode matar um Alboraique, que colocam sobre si guardas, remédios de subornos e moedas.” (ANÔNIMO, 2005a, p. 82, tradução nossa).

desque veen el vil linaje de donde vienen – maldito, despreciado de Dios e de christianos e moro –, pierden el corazón e demayan. (ANÔNIMO, 2005a, p. 83).<sup>107</sup>

- A décima condição: Tem um *braço de perna de homem com calça galante e pé calçado*. Isso é associado a “grand sobervia, loçanía, locura que los alboraycos han de querer pisar e sojuzgar los christianos de la tierra donde biven.” (ANÔNIMO, 2005a, p. 84).<sup>108</sup>
- A décima primeira condição: O alboraiico apresenta outro *braço de cavalo com ferradura* para subjugar o cristão em dívidas ou em outra qualquer condição “e bien como se duele ombre del cavalo si le pone la mano [7r] sobre el pie, assí se duelen christianos de las injurias e las injurias e malos estrujamientos e robos dellos.” (ANÔNIMO, 2005a, p. 84).<sup>109</sup>
- A décima segunda condição: possui uma *perna de águia com pé com unhas*. Os alboraiicos vivem de “rapina, robando las yglesias, comprando los obispados, canongías e las otras dignidades de la Madre Sancta Yglesia, tomando órdenes de clérigos, e no creen la sancta fe cathólica ni la missa que dizen.” (ANÔNIMO, 2005a, p. 85).<sup>110</sup>

A incriminação ao alboraiico recém-converso não cessa, são acusados de

roban biudas e huérfanos e pobres e labradores; con los ricos levando de los derechos lo que pueden e de los pobres más de los que deven. E assí biven de <<rapere pauperem dum attrahit eum>>, contra el mandamiento de Dios [...]. (ANÔNIMO, 2005a, p. 85, grifo do autor).<sup>111</sup>

<sup>107</sup> “Assim os Alboraiicos posto [6v] que são ricos e generosos em dignidades, posto na praça para serem mirados como pavão, desde que ver a vil linhagem de onde vem – maldito, desprezado de Deus e dos cristãos e mouros –, perdem o coração e desmaiam.” (ANÔNIMO, 2005, p. 83, tradução nossa).

<sup>108</sup> “grande soberba, viço e loucura que os alboraiicos querem pisar e subjugar os cristãos da terra onde vivem.” (ANÔNIMO, 2005, p. 84, tradução nossa).

<sup>109</sup> “bem como se fere o homem o cavalo se você colocar sua mão [7r] sobre o pé, assim se ferem os cristãos das injúrias e maus apertos e seus roubos.” (ANÔNIMO, 2005, p. 84, tradução nossa).

<sup>110</sup> “rapina, roubando as igrejas, comprando os bispados, canonicato e as outras dignidades da Santa Madre Igreja, tomando ordens de clérigos, e não creem na santa fé católica ou na missa que dizem.” (ANÔNIMO, 2005, p. 85, tradução nossa).

<sup>111</sup> “roubar, viúvas e órfãos e pobres e lavradores; levando com os ricos de direito o que podem e dos pobres mais do que devem. E assim vivem de <<rapere pauperem dum attrahit eum>>, contra o mandamento de Deus [...].” (ANÔNIMO, 2005, p. 85, grifo do autor, tradução nossa).

- A décima terceira condição: Tem *perna de leão sem unhas*, o que, nas palavras do autor, significa que mesmo sendo da linhagem do Leão de Judá os alboraicicos não herdaram a sua força representada pelas unhas.

E assí han pierna de león sin uñas. Descienden del tribu de judá, que es llamado león, mas no han, ni avrán, rey del dicho tribu de Judá fasta la fin, que se convertirán al Nuestro Señor Jesú Christo, que es rey universal, que descendió del tribu de judá. E assim tem perna de leão sem unhas. (ANÔNIMO, 2005a, p. 87).<sup>112</sup>

- A décima quarta condição: *a pelagem era de todas as cores*. “Todas colores, a todas maldades que fazem dan colores estos alboraycos” (ANÔNIMO, 2005a, p. 93)<sup>113</sup>, pois quando estão com os judeus dizem ser judeus e quando estão com cristãos falam que são cristãos. E, metaforicamente, como os morcegos, que andam a noite e tem dentes, dizem serem iguais às aves os alboraicicos assumem o nome de cristão, mas permanecem praticando os costumes judaicicos.
- A décima quinta condição: Na opinião do autor, os alboraicicos são animais que *comem de todos os manjares*, como por exemplo, “conejos, perdizes muertas de manos de christianos e de morros, e pescados (que ellos comen poco tozinho), liebres [10r] e otros animales e aves, adafina como judíos.” (ANÔNIMO, 2005a, p. 94)<sup>114</sup>. De tal modo, que comem em qualquer época do ano, na Quaresma cristã ou no jejum dos mouros, sendo que a maioria deles não observam as cerimoniais dos outros.
- A décima sexta condição: O Alboraique *não era macho nem fêmea*, na opinião do autor esse fato se dava pela sodomia vinda dos judeus. Assim, os hebreus são acusados de influenciar os mouros e os não cristãos, “como Diogo Airas, etcétera, e qual foi o princípios e causa da perdição que será feita na Espanha.”

<sup>112</sup>“Descendem da tribo de Judá, que é chamada de leão, mas não tem, ou terá, o rei da tribo de Judá para o fim, que são converteram ao Nosso Senhor Jesus Cristo, que é o rei universal, que descendeu da tribo de Judá.” (ANÔNIMO, 2005a, p. 87, tradução nossa).

<sup>113</sup>“Todas as maldades que fazem dão cores a estes alboraicicos.” (ANÔNIMO, 2005a, p. 93, tradução nossa).

<sup>114</sup>“coelhos, perdizes mortos por mãos de cristãos e de mouros, e pescado (que eles comem pouco tocinho), liebres e outros animais e aves, adafina como judeus.” (ANÔNIMO, 2005a, p. 94, tradução nossa).

- A décima sétima condição: Possui a *cadeira (sela) de uma sala de recepção rica*. Para o escritor deste opúsculo o propósito dos conversos é acumular riquezas materiais ao invés de riquezas espirituais.

Estol es viene por opinión antigua de sus parientes los judíos, los cuales nunca demandaron a Dios sino cosas temporales: pan, vino, azeite, etcétera. E assí Dios nunca les prometió paraíso al presente de sus vidas e muertes, salvo futuramente, quando veniesse Christo el Messías. Isto vem por opinião, antiga de seus parentes judeus, os quais nunca pediram a Deus senão coisas temporárias: pão, vinho, azeite, etcétera. Isayas primo: << Si volueritis et audieritis me, bona terre comedetis; e converso gladius devorabit vos, etcétera>>. El paraíso prometió futuro a los sanctos padres al avienimientos de Christo: <<Quoniam illic mandavit Dominus benedictionem, etcétera>>. (ANÔNIMO, 2005a, p. 95, grifo do autor).<sup>115</sup>

- A décima oitava condição: O *eixo da vara da cadeira do Alboraique, que era de figueira*. O eixo da vara de figueira representa o fundamento da crença dos alboraicicos, a sinagoga, para o autor a

Sinagoga, que quiere dezir 'Sinegoz', que es 'Antechristo', no recibientes el verdadero Messías, que es Jesús. E recibirán al Antechristo que verná, lo qual es significado en aquella figuera que Jesú Christo maldixo que nunca más levasse fruto, e secóse de las raýzes fasta las hojas. Así, la Sinagoga no fizo jamás fruto para el paraíso, que ánima niguna no se salvo deziendo, e fasta la fin ni salvarán de los judíos. *Abacuch ii capítulo: <<Ficus enim nom florebit, etcétera>>*. ('La figuera no florecerá'). (ANÔNIMO, 2005a, p. 95, grifo do autor).<sup>116</sup>

- A décima nona condição: Os *estribos de muitos metais*, segundo o autor, o estribos do Alboraique são de diversos metais, alguns foram convertidos por Cristo, outros por São Pedro e os apóstolos depois da ascensão de Cristo, outros por sentença de Cayphás e outros príncipes e também existem os "otros son de los tiempos modernos, de quien el

<sup>115</sup>Esta velha opinião dos judeus sobre os parientes, os quais nunca exigiram a Deus coisas temporárias: pão, vinho, azeite, etcétera. "E assim Deus nunca prometeu o paraíso o presente de suas vidas e mortes, exceto futuramente, quando viesse o Cristo Messias. Isaias primeiro: <<Si volueritis et audieritis me, bona terre comedetis; e converso gladius devorabit vos, etcétera>>. O paraíso prometido no futuro aos santos padres com a vinda de Cristo: <<Quoniam illic mandavit Dominus benedictionem, etcétera>>." (ANÔNIMO, 2005a, p. 95, grifo do autor, tradução nossa).

<sup>116</sup>"Sinagoga, que quer dizer 'Sinegoz', que é 'Anticristo', não destinado ao verdadeiro Messias, que é Jesus. E receberam o Anticristo que virá, o qual é significado pela figueira que Jesus Cristo amaldiçoou que nunca mais tivesse fruto, e secasse as raízes e as folhas. Assim, a sinagoga não fez jamais fruto para o paraíso, que espírito nenhum não se salvou dizendo, e para o fim ou salvarão os judeus. *Abacuch II capítulo: <<Ficus enim nom florebit, etcétera>>*. ('A figueira não florescerá')." (ANÔNIMO, 2005a, p. 95, grifo do autor, tradução nossa).

prólogo faze mención, e se batizaron por fuerça, éstos [11r] no son christianos.” (ANÔNIMO, 2005a, p. 95, grifo do autor).<sup>117</sup> Que não devem ser confundidos com os bons conversos andaluzes e mesmo toledanos. O autor cita que os estribos do Alboraique são de metais diferentes por que representam os judeus de Jerusalém que vieram, depois da destruição de Jerusalém e que se casaram com mulheres de todas as gerações.

- A vigésima condição: O Alboraique tem *freio de fogo forte, e as correias da espada polida de aço fino*. Não puseram freio nessas pessoas, que sem rédeas caíram em danos menores, levando sofrimento e indo segui-lo até a morte pela espada. Na citação feita de pelo autor, Ysidoro diz: ‘Levantar se há una heregía em España de las gentes que crucificaron a Christo, e durará lxx años, e al cabo del año de lxx serán destruydos por fuego y espadas’.” (ANÔNIMO, 2005a, p.95, grifo do autor).<sup>118</sup>

Estas denúncias foram escritas para transparecer o ódio, o medo e a inveja direcionada contra a figura conversa, que diferente dos seus correligionários judeus podia transitar nas cortes com uma maior liberdade e autonomia.

O converso é representado por uma quimera que é nomeada como Alboraique, uma besta de proporções monstruosa. Mas, o “Alboraique” não é a única obra a fazer essa analogia no início do século XV, são vários os textos onde o infiel é retratado como uma besta. (BRAVO LLEDÓ; GÓMEZ VOZMEDIADO, 1999). Essa representação zoomórfica do judeu não é nenhuma novidade, por muito tempo são conferidos aos judeus atributos animalescos. Omegna (1969, p. 31) irá mencionar que

Segundo a crença do povinho os pés lhes eram revestidos de cascos fendidos como os caprinos.

[...] Mas, além dos cascos atribuíam-se [sic], sem nenhuma cerimônia, cornos, aos pobres sefardins que os traziam sempre bem disfarçados sob o gorro típico.

<sup>117</sup>“do tempo moderno, de quem o prólogo faz menção, e se batizaram por força, e estes [11r] não são cristãos.” (ANÔNIMO, 2005a, p. 95, grifo do autor, tradução nossa).

<sup>118</sup>“Isodoro, disse: ‘Levantar se há uma heresia na Espanha das gentes que crucificaram a Cristo, e durará LXX anos, e ao cabo do ano de LXX serão destruídos por fogo e espada’.” (ANÔNIMO, 2005, p. 95a, grifo do autor, tradução nossa).

Ademais, exalavam êles [sic] o estranho *foetor judaicus*, e possuíam rabos.

Enfim, chegamos à parte final do livreto, onde o autor irá enumerar as “maldades” ditas pelos judeus e conversos contra a lei cristã (referente a Jesus Cristo, a Virgem Maria e os Sacramentos). Essas “maldades” fazem parte do repertório de acusações contra os conversos judaizantes. Um apêndice com dezesseis insultos bilíngues – o primeiro aparece em hebraico, e com caracteres latinos, e em seguida traduzido para o castelhano – essas “injúrias anticristãs” são atribuídas aos judeus e conversos. (ANÔNIMO, 2005a).

As maldades que dizem os judeus e conversos contra nossa lei são as que se seguem.

1. A Nosso Senhor chamam *maus herbar hanida*, que quer dizer: << Faz em fornicção, filhos de mancha >>.
2. A Virgem Nossa Senhora chamam *timea* (impura), <<coisa suja >>.
3. Quando alçar o corpo de Nosso Senhor, *gusta me* (corpo impuro), agora alçam o <<corpo sujo >>.
4. A vera cruz, quando a veem, dizem *zopheba* (abominação), aqui pendón de <<aborrecimento >>.
5. A Sexta-feira Santa chamam *tifla* (indecente), dia <<inflamado >>.
6. Os santos chamam *quesedim* (prostitutos), e <<proxenetas >>, que converteram as gentes.
7. As XI mil virgens e as outras santas chamam *quedesoth* (prostitutas), <<proxenetas >>.
8. Os santos padres, cardeais, arcebispos, bispo e os outros clerics chamam *galaym*, <<tosquiados >>, por escarnio.
9. Os religiosos chamam *homaryn* (asnos), tolos <<asnos >>.
10. Aos sermões, *yeliala*, <<clamor >> de maldição.
11. Ao dia de domingo, *pizhah* (ruptura), dia de <<quebranto >>.
12. A igreja, *queilderestim derasin* (congregação de malvados), <<igreja dos maus >>, rapidamente o debate de Deus, casa de arrogantes.
13. [12v] Quando passam pelos cemitérios, dizem *jahana goym oara quelayn* (amor de gentios é o amor de cães), << Amor de cristãos, amor de cães >>, mesmo na sepultura não me junte com eles Deus.
14. Ao rei quando o recebem na sinagoga, *malgad zando* (reino de soberba), etcétera, ao << reinado da soberba >>, rápido tombou Deus em nossos dias ante nossos olhos.
15. Os bons conversos que não como os outros, dizem *mesumadim alcihi*, << não é para sua >> salvação.
16. Quando tocam os sinos, dizem *therobem bech seuch barsil*, <<destruí-los com vara de ferro >>.

As coisas sobre eles se podem dar resposta por lei que todas elas foram aprovadas pelos judeus. (ANÔNIMO, 2005a, p. 100-101).

As “maldades” citadas representam a negação dos dogmas católicos, tais como a virgindade de Maria, a Vera Cruz, a Sexta-feira Santa, os santos, padres, cardeais, arcebispos, bispo e os outros cleros e a observação do domingo.

Em suma, o autor escolheu essa figura híbrida para representar a dualidade do converso. De forma didática soube montar um livreto que se tornou popular na sociedade espanhola, não só pelo ódio e rancor que os cristãos velhos nutriam contra os conversos, mas também pela habilidade do seu escritor em montar um texto com uma linguagem extremamente visual, recorrendo a inúmeros elementos figurativos, no qual o leitor pode facilmente visualizar as analogias descritas.

### 4.3 A monja emparedada e a sua oração

Entre os livros, desta pequena biblioteca, encontra-se “La Muyto Deuota Oracã da Empardeada . Em lingoagem portugues .” escrita com caligrafia gótica, sem menção de autor ou data da impressão, além do mais, na abertura do livro nos deparamos com uma ilustração representando a “emparedada”; uma mulher ajoelhada com as mãos unidas, na posição de oração, com um terço entre elas rezando diante de um pequeno altar com a imagem de Jesus Cristo.

**Figura 19 – A monja emparedada**



**Fonte: La Muyto Deuota Oracã da Empardeada em lingoagem portugues**

As dimensões desta obra são convenientes ao seu propósito, medindo, nada mais que 9,4 x 7 cm, este livreto poderia ser transportado, junto ao corpo, como uma espécie de amuleto mágico para proteção pessoal. Além do que, a obra possuía 16 páginas (sem numeração) e foi reencardada com um pergaminho litúrgico, provavelmente para camuflar o seu conteúdo.

Observemos que um dos primeiros pontos em comum entre essa obra e o “Alboraique” são as características que foram descritas no primeiro parágrafo, visto que ambas não possuem referência de data da impressão, autor e numeração. O que não era um elemento distintivo, muitos impressos nos séculos XVI e XVII foram lançados no mais absoluto anonimato.

A prática do emparedamento era bastante popular nos países europeus desde a Antiguidade Cristã até a Idade Moderna. “O emparedamento urbano, marcadamente feminino, exterior ao controle dos mosteiros, desenvolve-se a partir do século XII em condições de estabilização da vida urbana, e prolongar-se-á até ao século XVI” (DIAS, 2015, p. 22). Ao longo da Idade Media e Moderna encontramos várias referências deste tipo de clausura, sobretudo feminina.

Mas, quem eram essas mulheres que viviam reclusas, voluntariamente, em verdadeiros cubículos?

Em resumo, as monjas emparedadas viviam recolhidas em uma cela, hermeticamente fechada, com uma fresta, uma minúscula abertura na parede, por onde se comunicava com o exterior. A sua subsistência dependia da generosidade dos transeuntes, que em troca de orações forneciam alimentação ou contribuía com esmolas. Essas monjas passavam os dias rezando “[...] en un recinto sagrado pequeño, com el fin de hacer penitencia y atender el culto, mantenidas por la caridad pública, fue una de las formas adoptadas por el eremitismo antiguo.” (JURÍO, 1997, p. 67).<sup>119</sup>

O emparedamento de seres humanos vivos pode ser localizado na História de diversas culturas. Inclusive, “está documentado nas práticas sociais e religiosas históricas como forma de punição ou de execução.” (DIAS, 2015, p. 4).

---

<sup>119</sup> “[...] em um pequeno recinto sagrado, com a finalidade de fazer penitência e servir ao culto, mantidas pela caridade pública, foi uma das formas adaptadas pelo antigo eremitismo.” (JURÍO, 1997, p. 67, tradução nossa).

[...] emparedar, ou ocultar sob o solo um indivíduo, voluntário ou não, apresenta como efeito primário retirá-lo do contacto do sol (luz e calor), do ar e dos outros humanos. Constitui uma forma de *consecratio*, ou seja, de uma dádiva às divindades subterrâneas que exercem a sua soberania sobre os mortos. Do ponto de vista das ciências das religiões, o emparedamento, tal como a inumação, ocorre dentro da interpretação da morte e do lugar do corpo neste contexto, e, conseqüentemente, dentro de uma linguagem religiosa que, pelo ritual, mimetiza, interpreta ou interfere com um sistema consolidado de crenças acerca da vida e da morte. (DIAS, 2015, 4, grifo do autor).

Na concepção popular, essas mulheres eram consideradas verdadeiras santas em vida, dispostas a viver em santidade. Passavam os dias escrevendo orações, que eram consideradas milagrosas, compondo um imaginário com um fundo mais místico do que propriamente religioso e dogmático.

A “Oração da Emparedada” conta a história de uma mulher que vivia reclusa em uma cela na inóspita montanha na terra de Roma. A mulher que estamos mencionando é aquela a qual o título faz referencia, a emparedada. Inicialmente, é descrito na oração que ela apresentava uma vida santa e com fé rogava a Nosso Senhor Jesus Cristo que fosse revelado o número de chagas que recebeu em seu corpo, e por reconhecimento da sua devoção sua prece é atendida, diante do questionamento, ele respondeu que o número de chagas foram 6.676 e lhe concedeu uma oração.

A oração é seguida de certas instruções, vejamos algumas delas: É determinado que no espaço de um ano inteiro, durante todos os dias, a pessoa reze ou recite esta oração juntamente com quinze Pai Nosso e quinze Ave Maria. De tal modo, quem cumprisse essas determinações era conferido antes de sua morte, mesmo se estivesse em pecado mortal, o perdão de todos os pecados, entre outros benefícios e desejos.

Complementando as orações são agregados ao texto novos personagens e um cenário diferente. Essa parte da narrativa se passa em um lindo campo de flores onde por ele corria um deleitoso e bonito rio. Nesse momento, são apresentados alguns personagens, seriam eles o ermitão, a abadessa (a emparedada), as monjas e um diabo. A história paralela é criada com a intenção de provar a eficácia da oração, até mesmo, contra intempéries,

como tempestades, raios e morte súbita. Em seguida, o narrador finaliza com uma lista das indulgências e perdões que são atribuídos ao papa Nicolás V.

Como aconteceu com o “Alboraique” a “Oração da Emparedada” também ganhou uma edição da editora Regional de Extremadura. Visto que, em 1997 foi lançado um exemplar com tradução do português para o espanhol e notas de Juan M. Carrasco González e com estudo preliminar de Maria Cruz Garcia de Enterría<sup>120</sup>. Esses dois pesquisadores premiam o universo acadêmico com dois excelentes textos sobre esta obra. A professora Enterría, em “Una Devoción Prohibida: La Oración de la Emparedada”, trabalha com a questão da devoção proibida, ressaltando o aspecto mágico na obra e o professor González, no texto “ La Edición Portuguesa de la Oración da Emparedada”, acrescenta a este volume uma revisão detalhada dos aspectos linguísticos e grafemáticos da edição de Barcarrota.

Não existe uma datação precisa para o texto, no entanto González (2005) busca elementos para situar o impresso na primeira metade do século XVI. Um leitor mais esperto logo questionaria como é que ele conseguiu estabelecer um marco temporal para este livreto? Nesse caso, o professor Juan M. Carrasco González integra o departamento de Línguas Modernas e Literaturas Comparadas da Universidade de Extremadura, como é um especialista nessa área ele sugere uma data para esta publicação a partir de uma análise minuciosa das características usuais da língua desta época e dos usos grafemáticos. Além do mais, é citado no texto o Papa Nicolau V (1397 - 1455), o seu pontificado durou de 6 de março de 1447 até 24 de março de 1455. Este é um dado importante e pode ser agregado aos argumentos propostos por González, já que a data de publicação desta obra não pode ser anterior e nem posterior ao papado de Nicolau V.

Além do mais, González (2001) e Mangas (2010) sugerem que provavelmente o processo de tradução do livro foi realizado em Portugal “por Germao Galharde nos anos 20 do sec. XVI, pois a oração responde as

---

<sup>120</sup> Nesta dissertação utilizamos a seguinte edição da “Oração da Emparedada: ANÔNIMO. **La Muy Devota Oración de la Emparedada**. Edición, Traducción y Notas de Juan M. Carrasco González organización e Estudio preliminar de María Cruz García de Enterría. Badajoz: Editora Regional de Extremadura, 2005.

Portanto, as citações da “Oração da Emparedada” apresentadas aqui serão seguidas da disposição da página em que se encontra nessa edição.

características das obras que saíram então da sua imprensa.”<sup>121</sup> (GONZÁLEZ, 2001, p.174).

Deparamo-nos com citações dessa oração entre as obras da literatura espanhola (em poesia e prosa) publicados entre os anos de 1525 a 1555. Segundo María Cruz García de Enterría (2005), encontramos notícias da “Oração Emparedada” desde muito cedo. Em fins do século XV a rainha D. Maria de Aragão possuía um exemplar da oração “Da dona emparedada”. Além disso, em Portugal é documentado a sua circulação desde o século XII.

A oração também é citada na edição de Medina del Campo de 1554 da obra “Lazarillo Tormes”, sendo que este foi um dos exemplares encontrados juntamente com a “Oração da Emparedada”. Observemos o trecho em que menciona a oração da emparedada” “[...] Como ele fosse tateando para ver se era ali mesmo a dita taberna onde todos os dias costumava rezar para a taberneira a oração da emparedada [...]” (ANÔNIMO, 2005b, p. 53).

Como podemos notar a “Emparedada” foi uma obra popular entre as classes mais humildes da sociedade, pois além da linguagem simples e de fácil entendimento não era necessário saber ler, considerando que naquela época a maioria da população era analfabeta. “Isto se justifica porque bastava levar consigo o livro e rezar algumas ave Marias e uns pai nossos para obter os mesmo benefícios prometidos daqueles que lessem a oração completa” (GONZÁLEZ, 2005, p. 26)<sup>122</sup>. Segue abaixo um trecho referente a esse assunto:

*[...] que por espacio de un año enterro, cualquier persona que rece o recite esta oración con quinze veces el Pater Noster y quinze veces el Ave Maria una vez cada día, o la mande rezar si no saber leer, o la traiga consigo rezando estos quinze Pater Noster con quinze Ave Maria, y oferezca a la honra y reverencia de mi Paísón, Yo le concedo que al final del año sean libradas de las penas del Purgatorio quinze almas de su misma generación y sum ismo linaje, aquéllas que él queira y me pida.” (ANÔNIMO, 2005c, grifo do autor).<sup>123</sup>*

<sup>121</sup> Para visualizar os argumentos que González utilizou para provar a teoria de que a obra saiu do prelo de Germao Galharde ver o artigo “Portugal en la biblioteca de Barcarrota: La Oración de la Emparedada” (Anuario de Estudios Filológicos, vol. XXVIII, 2005).

<sup>122</sup>“Esto se justificaba porque bastaba llevar consigo el libro y rezar unas avemarias y unos padrenuestros para obtener los mismos beneficios prometidos a aquéllos que leyesen la oración completa.”

<sup>123</sup>“[...] que por espaço de um ano inteiro, qualquer pessoa que reze ou recite esta oração com quinze vezes o Pai Nosso e quinze vezes a Ave Maria uma vez cada dia, ou mande rezar se não sabe ler, ou a traga consigo rezando estes quinze Pai Nosso com quinze Ave Maria, e as ofereça a honra e reverencia de minha paixão, e lhe concedo que ao final de um ano são

O excerto acima demonstra alguns elementos que tornam essa oração tão popular entre as massas. O primeiro elemento é o seu carácter democrático, mesmo quem não sabia ler obteria as mesmas bênçãos que aqueles que rezassem a oração toda. O segundo elemento está associado aos benefícios prometidos, pois para aqueles que carregassem o livro ou então rezassem ou mandassem rezar quinze pai nossos e quinze ave Marias uma vez ao dia seria concedido, depois de um ano, a absolvição das penas do Purgatório de quinze almas de sua geração ou de outra pessoa.

Apesar disso, mesmo sendo uma obra popular e de pretensão conteúdo litúrgico todos os seus exemplares foram destruídos, em decorrência da sua inclusão no Índice de Obras Proibidas, ou foram perdidos com o tempo. De tal modo, que a edição encontrada em Barcarrota é a única publicação que se tem notícia até o momento.

Como dito no parágrafo anterior, tendo em vista à perseguição inquisitorial, antes de ser encontrada a edição de Barcarrota a oração poderia ser lida no livro de “Horas de Nossa Senhora...” que foi escrito em português e impresso em Paris entre os anos de 1500/1501<sup>124</sup>. Sendo que, este livro traz vários conjuros proibidos pela Inquisição do século XVI, inclusive a “Oração da Emparedada”, no entanto esta versão possui algumas supressões. De acordo com González (2001, p. 177, grifo do autor),

A oração que aparece no livro das *Horas de Nossa Senhora* de Frei João Claro e Luís Fernandes e a que foi impressa na edição de Barcarrota não são em tudo coincidentes, o que prova uma origem diferente para cada uma e, em certa medida, apoia a nossa ideia da tradução do espanhol. A própria redacção [sic] do texto difere já desde o próprio título, que no livro de horas e «Ha muy faneta τ deuota oraçam da empardeada» e na edição de Barcarrota e «A muyto deuota oraçã da Empardeada. Em lingoagem portugues», E também diferem no conteúdo, mais completo na edição de Barcarrota [...].

---

*libertados das penas do Purgatório quinze almas de sua geração e de sua mesma linhagem, aquelas que ele queira e me peça.*” (ANÔNIMO, 2005c, grifo do autor, tradução nossa).

<sup>124</sup> Nessa época ainda era permitido à circulação desta oração em Portugal, sendo que em 1551 a obra será anexada aos índices português de livros proibidos e em 1559 será a vez do índice espanhol. Assim, no exemplar do livro de “Horas de Nossa Senhora...” de 1665 não contem a citada oração.

O professor González irá lançar duas hipóteses sobre a obra, a primeira é que este exemplar seria uma tradução da versão espanhola, “existem, por exemplo, alguns castelhanismos léxicos (como 'jamas' por 'jamais' ou 'todo' por 'tudo') e também determinados detalhes na construção da frase que parecem ter origem numa incorrecta [sic] tradução do castelhano” (González, 2001, p. 175).

Aliás, não era comum nas primeiras décadas de quinhentos, mesmo com a proximidade territorial, traduzir ou circular obras em português na Espanha, o que torna a “Emparedada” uma exceção<sup>125</sup>. Nessa situação, “a aparição da *Empardeada* [sic] em Barcarrota supõe um valioso contributo para a lista ainda excessivamente curta dos livros portugueses que sem dúvida circulavam por Espanha no Renascimento.” (González, 2001, p. 173, grifo do autor).

Já a segunda hipótese propõe que este livro, escrito em português, tem relação direta com a nómima<sup>126</sup> que foi localizada entre os exemplares emparedados. O argumento foi construído partindo do pressuposto de que a “Emparedada” teria chegado nas mãos do dono desta biblioteca por intermédio do português Fernando Brandão, cujo nome está gravado na nómima. Vejamos o que González (2001, p. 178, grifo do autor) tem a dizer sobre esse fato:

Neste caso concreto, parece que o desconhecido<sup>127</sup> dono da biblioteca teve contatos com um Fernão Brandão de Évora (qual a relação com o poeta do *Cancioneiro Geral*?), cujo nome aparece num curioso texto em forma de medalhas, possivelmente a pessoa que lhe forneceu o exemplar da *Empardeada* [sic].

No trecho acima, o autor deixa em suspenso se esse Português de Évora seria da influente família Brandão, os ‘cavaleiros Brandões’. Inclusive, no artigo “Portugal en la biblioteca de Barcarrota: La Oración dela Emparedada” González (2005) menciona que existe um poeta famoso, que aparece no *Cancioneiro Geral*, chamado Fernão Brandão que também era natural de

<sup>125</sup> Para entender um pouco mais sobre os argumentos de González, ver a edição e tradução da “La muy devota Oración de la Emparedada” (Mérida, 1997) e os artigos “A Oração da Emparedada da Biblioteca de Barcarrota” (Veredas, IV, 2001), “Portugal en la biblioteca de Barcarrota: La Oración de la Emparedada” (Anuario de Estudios Filológicos, vol. XXVIII, 2005).

<sup>126</sup> Ver o capítulo II no tópico 2.2 “Uma Nómima entre os Livros Emparedados”.

<sup>127</sup> Fernando Serrano Mangas atribuiu ao médico lerense Francisco de Peñaranda a posse dos livros.

Évora. Portanto, ele se atreve a cogitar que este homônimo seria realmente a mesma pessoa que é citada na nómima.

Contudo, não existe uma comprovação documental atestando que o Fernão Brandão referido na nómima exerceu o ofício de poeta em Portugal. Na verdade, os fatos trabalham contra essa teoria, uma vez que,

[...] podemos añadir dos buenos motivos para considerar imposible que ambos Fernão Brandão fuesen la misma persona. El primero es la fecha que aparece en la nómima: 1551. El poeta del Cancioneiro Geral debía contar con más de setenta años en 1551, y es poco probable que a esa edad y en aquella época llevase a cabo un viaje a Roma con el fin de, según la tesis ya expuesta de Fernando Serrano, entrar en contacto con maestros médicos que contribuyesen a su formación.

El segundo motivo se deduce de los datos que Fernando Serrano aporta sobre la actividad del Fernão Brandão de la nómima en Barcarrota. Toda ella se desarrolla en la segunda mitad del siglo xvi, hasta el punto de que en 1577 aún aparece como padrino en un bautizo. Por la edad que hemos deducido del poeta del Cancioneiro Geral, sólo se puede concluir que éste es dos generaciones anterior al Fernão Brandão de Barcarrota. (GONZÁLEZ, 2005, p. 24-25).<sup>128</sup>

Para corroborar com o que foi dito por González (2001) é apontado por Mangas (2010) que o professor Francisco Rico apresenta a teoria de que os livros da Biblioteca de Bacarrota foram comprados em Portugal e Sevilha, e que chegaram em Barcarrota com a nómima entre suas páginas para “as mãos de um livrero irresoluto e ignorante”<sup>129</sup>. (MANGAS, 2010, p. 239)<sup>130</sup>. Mesmo

<sup>128</sup>“Podemos acrescentar duas boas razões para considerar impossível que ambos Fernão Brandão eram a mesma pessoa. A primeira é a data que aparece na nómima: 1551. O poeta do Cancioneiro Geral devia ter mais de setenta anos em 1551, e é pouco provável que nessa idade e naquele tempo tinha realizado uma viagem a Roma com a finalidade, segundo as teses exposta por Fernando Serrano, de entrar em contato com os professores médicos que contribuísem com a sua formação.

A segunda razão se deduz a partir dos dados que Fernando Serrano traz sobre a atividade de Fernão Brandão da nómima em Barcarrota. Tudo isso ocorre na segunda metade do século XVI, a tal ponto que ele ainda aparece em 1577 como padrinho em um batismo. Com a idade que temos deduzido do Poeta Cancioneiro Geral, só pode concluir que este é duas gerações anteriores da Fernão Brandão de Barcarrota.” (GONZÁLEZ, 2005, p. 24-25, tradução nossa).

<sup>129</sup>Sobre a concepção de Francisco Rico nomeado o dono da biblioteca como um livreiro irresoluto e ignorante, Mangas (2010) respondi que entre as pesquisas que fez sobre Barcarrota nunca existiu um livreiro culto ou ignorante, sendo que no percurso de suas investigações ele se deparou com vários sapateiros, alfaiates, fundidores, preceptores, maestros, organistas, curtidores, fabricante ou vendedor de selas, médicos, escrivão, clérigos, mercadores, vendedores, arrendadores de impostos, tesoureiros de Aduanas, colchoeiros, vendedor de sabão, barbeiro, boticários e carvoeiros, mas não encontrou um livreiro entre a população.

<sup>130</sup>“[...] a manos de un librero irresoluto e ignorante” (MANGAS, 2010, p. 239).

Brandão não sendo cogitando nem como simples coadjuvante dos fatos, a teoria não nega que o caminho até Barcarrota foi Portugal.

De acordo com Mangas (2010), ele seguramente era o filho ou neto de Duarte Brandão, um rico comerciante que nasceu em Lisboa e se batizou ou rebatizou em Londres adotando o nome de Duart, além disso, atesta que Fernão Brandão morou por um tempo em Barcarrota <sup>131</sup>. Como evidência desta hipótese o autor apresenta que é mencionado, quase com a mesma grafia sem castelhanizar o Brandão por Blandó, um Fernão Brandão como padrinho do batismo de Andrés Merece em 29 de janeiro de 1577, praticamente na mesma época em que as obras foram ocultadas.

É conveniente que um cristão-novo tenha em sua residência uma cópia da “Oração da Emparedada”, posto que é descrito na oração que qualquer pessoa, mesmo sem crer sinceramente, ao reza-la pode obter os seus benefícios. O que, na verdade, pode “agradar gregos e troianos”, ou, neste caso, seria cristãos velhos e conversos. Tendo isso em mente, consultemos um trecho da oração:

Y en aquel campo vió todo el convento aquellas monjas. Y la abadesa y aquellas que esta oración con devoción decían creyendo que era así, estaban junto al río y disfrutaban de aquel deleite y recreo que allí se podía ver. Y las otras que la rezaban dudando de si les sería de provecho estaban en aquel campo más alejadas del río, y no disfrutaban de aquel deleite y recreo que ahí se podía ver. Y las otras que rezaban dudando de si les sería de provecho estaban en aquel campo más alejadas del río y no disfrutaban de aquel deleite tan enteramente como las otras. Y las que rezaban no con esa devoción, sino con el propósito de ser obedientes a la abadesa, estaban en aquel campo mucho más alejadas del río, de tal forma que no tenían deleite como las otras. Mas Nuestro Señor Jesucristo, que es tan piadoso, no mirando a todos nuestros pecados, no quiere que tengamos mal sin causa ni bien sin galardón, de manera que les daba aquel deleite, aunque no enteramente como a las otras. (ANÔNIMO, 2005a, p. 50-51).<sup>132</sup>

<sup>131</sup> Ver a detalhada pesquisa de Fernando Serrano Mangas em "El Secreto de los Peñaranda: El universo judeo converso de la Biblioteca de Barcarrota. Siglos XVI y XVII".

<sup>132</sup>“E nesse campo ele viu todo o convento daquelas monjas. E a abadessa e aquelas que esta oração com muita devoção diziam crer que era assim, estavam junto ao rio e desfrutaram daquele deleite e recreação que ali se podia ver. E as outras que a rezavam questionarem se eles se beneficiariam estavam na área mais remota do rio e não desfrutavam daquele deleite tão inteiramente como as outras. E as outras que não rezavam com devoção, mas com o proposito de ser obedientes a abadessa, estavam no campo muito mais afastada do rio, de tal forma que não tinham o deleite como as outras. Mas Nosso Senhor Jesus Cristo, que é tão piedoso, não mirando a todos nossos pecados, não quer que tenhamos mal sem causa nem bem sem prêmio, de maneira que lhes dava aquele deleite, embora não inteiramente como as outras.” (ANÔNIMO, 2005c, p. 50-51, tradução nossa).

Outro ponto importante a ser mencionado é o sentido mágico que é dado a oração. Para Enterría (2005), com relação a seu conteúdo, uma das características fundamentais é a matiz supersticiosa e a crença quase mágica nos seus poderes ‘sobrenaturais’. Revelava-se um universo de crenças e práticas que estavam enraizadas no âmago da sociedade daquela época.

Um mundo dotado de poderes mágicos, no qual um pedaço de papel ou um simples livreto poderia conferir desejos e conceder curas. Esse universo “supersticioso” marca profundamente a cosmovisão da sociedade espanhola na Idade Moderna, e pode ser considerada uma das peças fundamentais desse cenário de perseguição e engessamento religioso, subvertendo-o e dando-lhe outro sentido, indo além dos valores e crenças cristãs. Uma vez que, “entre las prácticas supersticiosas más difundidas están los ensalmos, nóminas y conjuros.” (PÉREZ, 2010, p. 108).<sup>133</sup>

Alguns comentadores classificam a “Oração da Emparedada” como um ‘conjuro’ ou um ‘conjunto de feitiçaria’. (ENTERRÍA, 2005). Segundo o dicionário da Real Academia Espanhola, conjuro é ação ou efeito de dizer exorcismo ou uma fórmula mágica que se diz, recita ou escreve sobre algo que é desejado. De tal modo, que na “en la categoria de los conjuros entran varias oraciones: de santa Maria, de san Antonio de Padua, del Ánima sola, o la muy famosa Oración del justo Juez, em verso, que rezaban los ciegos; se le atribuía un valor mágico para conjurar los males corporales o morales. (PÉREZ, 2010, p. 113).<sup>134</sup>

A “Emparedada” é utilizada como uma espécie de amuleto mágico que proporciona benefícios a quem a possui. Um dos relatos que corroboram com essa afirmativa é o trecho onde o ermitão utiliza a oração para conjurar um diabo com a intenção de interroga-lo sobre determinados eventos sobrenaturais que estavam acontecendo.

Para ter noção do seu poder, quando o ermitão invoca o demônio ele prontamente o obedece, sem qualquer tipo de recusa. Vamos conferir, logo abaixo, o dialogo dos dois:

---

<sup>133</sup>“entre as praticas supersticiosas mais difundidas estão os ensalmos, nóminas e conjuros.” (PÉREZ, 2010, p. 108, tradução nossa).

<sup>134</sup>“categoria dos conjuros entran várias orações: de santa Maria, de santo Antônio de Pádua, da Alma só, ou a muito famosa Oração do justo Juez, em verso, que rezavam os cegos; e que lhe atribuía um valor mágico para conjurar os males corporais e morais.” (PÉREZ, 2010, p. 113, tradução nossa).

El ermitaño, lleno de espanto, salió de la celda para ver qué podría ser aquello, y vió y reconoció que se trataba de una multitud y compañía de diabos, y conjuró a uni de ellos para que le dijese por qué formaban tan grande estruindo. Y el diablo respondió y dijo:

- Porque en esta montaña moraba una mujer encantadora y mui palabrera, la cual abía ganado a Nuestro Señor Jesuscristo por una oración que le era muy grata, por la cual nosotros hemos recebidos muy grande perdición. Y no la podemos tomar ni decir, porque por esta oración nos quitó cuantas almas teníamos ganadas en nuestro poder, y nos quitará de aquí en adelante muchas otras que pudiéremos tener. Y sabe que en el mundo no hay cosa que tanto le agrade a Dios, y que a nosotros produce tan grande pesar, como rezar esta oración. Y más te digo: que donde esta oración esté no habrá miedo de los relámpagos ni tempestades, ni de muerte súbita. (ANÓNIMO, 2005, p. 52-53).<sup>135</sup>

Na oração, o ermitão assume o papel de disseminador da oração entre as monjas, indo além do primeiro plano de interpretação, pode ser considerado uma espécie de “mago” que portando este livreto consegue, até mesmo, executar conjuros. Como já disse anteriormente, no capítulo II, o imaginário popular estava povoado por rituais mágicos, encantamentos, sortilégios e um farto conjunto de práticas demonológicas. É destacado por Richards (1993, p. 18), que “os mágicos invocaram a Deus e não ao Diabo, e os demônios eram invocados como servos para fazer aquilo que os mágicos determinavam, e não como seus senhores para instruí-los na obra do Diabo.” Esse foi o episódio do ermitão, no qual o demônio acatou às suas ordens quando foi conjurado.

#### 4.4 Misticismo recôndito no “Alboraique” e na “Oração Emparedada”

No capítulo anterior lançamos alguns subsídios para conectar o *corpus* documental que estamos analisando, representado pela Biblioteca de

---

<sup>135</sup> “O ermitão, com completo espanto, saiu da sua habitação para ver o que podia ser aquilo e viu e reconheceu que se tratava de uma multidão e companhia de diabos, e conjurou a um deles para que dissesse por que formaram tão grande estrondo. E o diabo respondeu e disse:  
- Por que nesta montanha morava uma mulher encantadora e muito prolixa, a qual havia ganhado de Nosso Senhor Jesus Cristo por uma oração que lhe era muito grata, por a qual nos temos recebido muito grande perdição. E não a podemos tomar e nem dizer, porque por esta oração nos removeu quantas almas que tínhamos ganhado em nosso poder, e nos removera daqui em diante muitas outras que podíamos ter. E sabe que no mundo não há coisa que tanto agrade a Deus, e que a nos produz tão grande pesar, como rezar esta oração. E mais te digo: que onde esta oração não há medo dos relâmpagos nem tempestades, nem de morte súbita.” (ANÓNIMO, 2005c, p. 52-53, tradução nossa).

Barcarrota, com a prática da cabala espanhola. Entre as temáticas presentes nesses exemplares encontramos um conteúdo consonante com a Cabala.

Não seria impossível que Peñaranda tivesse contato com a Cabala, ou fosse um adepto da cabala prática, essa assertiva torna-se pertinente quando levamos em consideração o contexto da resistência cultural dos sefarditas. No qual, os judeus espanhóis estavam intimamente conectados ao cabalismo. Segundo Scholem (1989, p. 55), “a Cabala disseminou-se pela maioria das comunidades da Espanha e além, em particular pela Itália e pelo Oriente.”

Por isso, tendo em vista essa conjuntura, podemos nos questionar até que ponto esse caldo cultural influenciou a cosmovisão deste cristão-novo?

Além dos indícios mais sutis, como os relacionados com a temática geral das obras, que são frequentes entre os círculos cabalistas da época, além disso, nos deteremos em uma análise dos elementos de duas obras que nos chamou atenção entre os demais exemplares da Biblioteca de Barcarrota, seriam “O Alboraique” e “A Oração da Emparedada”.

São dois livros povoados por representações mágicas que podem ser relacionadas à realidade circundante da Cabala. Inclusive, Roland Goetschel (2009, p. 23) ao comentar sobre o *Sefer ha-Razim* (Livro dos Mistérios), que provavelmente foi escrito entre os séculos III, IV, VI ou VII, alega que “ele contém uma quantidade de fórmulas mágicas para todos os momentos da vida: amor, medicina, meios de vencer os inimigos, conjurações das potências naturais – constituindo um equivalente judaico aos papiros mágicos gregos.” Este exemplo, nos chama atenção que os judeus já se interessavam por práticas mágicas desde fins da antiguidade.

No entanto, esse empenho vai se fortalecer durante o tempo e receber novos contornos, endossados pela Cabala peninsular. Uma vez que, no contexto da expulsão dos judeus da Espanha e concomitantemente o surgimento do criptojudaísmo vai provocar várias transformações na Cabala. Uma das principais modificações é que sua doutrina irá ser difundida para um público mais abrangente. Desta forma, na concepção de Scholem (1972, 247), é a partir da expulsão dos judeus de solo espanhol que

[...] o cabalismo sofreu completa transformação. Uma catástrofe de tal dimensão, que desarraigou um dos principais ramos do povo judeu, não podia deixar de afetar quase toda esfera de vida e sentimentos judaicos. Na grande reviravolta

material e espiritual daquela crise, o cabalismo estabeleceu sua pretensão de domínio espiritual no judaísmo. Este fato se tornou óbvio imediatamente quando o cabalismo se transformou de uma doutrina esotérica numa doutrina popular.

A forte influência da tradição cabalista sobre a cosmovisão sefardita (cristãos-novos judaizantes) na diáspora Atlântica, durante a Idade Moderna, vai moldar a religião dos criptojudeus. No entendimento de Gershom Scholem<sup>136</sup> (2002), a Cabala exerceu durante séculos uma grande influência sobre a comunidade judaica. E não é improvável que Peñaranda tenha sido influenciado por elementos cabalísticos, já que nosso personagem viveu numa época em que este movimento esotérico do judaísmo atingiu seu apogeu na cultura sefardita.

Os judeus sefarditas apelavam aos conhecimentos cabalísticos para compreender as origens das aflições do seu povo (desterrado) e estimulados por uma explicação mística das desgraças e injustiças à que a comunidade hebraica era submetida.

Concluindo a discussão desse ponto, gostaria de ressaltar que resultante da expulsão dos judeus da península Ibérica “a mística cabalista seria um elemento importante da cultura sefardita, mais do que isso, a Cabala passa a assumir o exílio como o perfeito cumprimento da identidade judaica que se prepara para a redenção [...]”. (BAPTISTA, 2011, p. 1). Na verdade, a cabala se tornou a legítima voz do povo de Israel na crise desencadeada pelo desterro. (SCHOLEM, 1972). Inclusive, as narrativas provenientes dessa conjuntura são marcadas por separações, exílios e solidões, temas esses que estão sob o signo das qualidades da Shechiná no seu exílio.

No caso do “Alboraique”, os indícios apontam para a questão da representação hermafrodita do Aborayque, o messianismo, o uso constante de alegorias e as referências apocalípticas. Já na “Oração da Emparedada” percebemos a valorização do feminino, apropriação da numerologia, o desterro associado ao eremitismo.

Com a expulsão, o messianismo tornou-se parte da própria essência da Cabala. As gerações anteriores centralizavam seus pensamentos na volta do homem à fonte de sua vida

---

<sup>136</sup> Gershom Scholem (1897 - 1982): professor de misticismo judaico na Universidade Judaica de Jerusalém se aprofundou no estudo da Cabala. É autor de “A cabala e seu simbolismo” e “As grandes correntes da mística judaica”.

através da contemplação dos mundos superiores, e no ensino do método desta volta através da comunhão mística com a fonte original. Ideal que podia ser realizado em qualquer lugar e em qualquer época, essa comunhão não dependia de uma estrutura messiânica. Agora, ela se mesclava com tendências messiânicas e apocalípticas que davam mais ênfase à jornada do homem em direção à redenção do que seu pretendido retorno no futuro à fonte de toda existência em Deus. Esta combinação de misticismo com apocalipse messiânico transformou a Cabala numa força histórica de grande dinamismo. Seus ensinamentos permanecem ainda profundos, recônditos e difíceis de se assimilarem pelas massas, mas seus objetivos se prestam facilmente à popularização e muitos cabalistas procuram estender sua influência por toda comunidade em geral. (SCHOLEM, 1989, p. 61-62).

Desse modo, era acalentada nas gerações pós-expulsão a promessa messiânica de libertação do povo Israelita, no qual, mesmo aqueles que haviam rompido externamente com a sua fé ancestral (cristãos-novos) não deixavam de se identificar<sup>137</sup>. Analisemos um excerto retirado do “Alboraique” que traduz a temática messiânica:

[...] los profetas prophetizaron que el Messías vernía a Jerusalem a tempo limitado, el qual es ya passado. Ellos dizen que verná a Sevilla o a Lisbona, y que está por venir. [...] E ellos dizen que verná a Sevilla, emperador rico, cavallero en un carro de oro [...]. E levado es a la muerte como oveja e como cordero. E ellos dizen que verná a matar christianos con espada. (ANÔNIMO, 2005, p. 73-75)<sup>138</sup>

Um dos aspectos mais evidentes é a representação do Alboraique, um ser que demonstra em seu âmago o hibridismo do converso diferenciando-se por não ser feminino nem masculino, uma caracterização que pode ser associada à Shechiná.

A Shechiná é o único aspecto feminino da divindade (Deus dos judeus), utilizada no Judaísmo Rabínico para relacionar a proximidade de Deus com o homem. Representando uma ideia mística de Israel e a sua ligação com Deus

<sup>137</sup> A ideia messiânica não se esgota com a mera negações das pretensões de Jesus. A recuperação da ‘Terra Prometida’ continuou a ocupar uma parte importante nas esperanças e orações marranas. (ROTH, 2001, p. 121).

<sup>138</sup> “[...] os profetas profetizaram que o Messias viria a Jerusalém no tempo limitado, o qual já é passado. Eles dizem que virá a Sevilha ou a Lisboa, e que esta por vir. [...] E eles dizem que veio para Sevilha, imperador, rico, cavaleiro em um carro de ouro. [...] E levado à morte como ovelhas e como cordeiro. E eles dizem que veio para matar cristãos com espada.” (ANÔNIMO, 2005c, p. 73-75, tradução nossa).

nas perseguições e na diáspora. Para Scholem (2002, p. 129-130, Grifo do Autor), as duas concepções que são indissociáveis da Shechiná é a sua ambivalência e seu exílio.

O exílio da *Schehiná* remonta ao *Talmud*. 'Em cada exílio a que os filhos de Israel foram, a *Schehiná* estava junto com eles'. No *Talmud* isso significa unicamente que a presença de Deus sempre acompanhou Israel nos seus exílios. Na Cabala, porém, isto é tomado no sentido que *uma parcela de Deus mesmo é exilada de Deus*.

Ainda sobre a Shechiná, Scholem (2002) explica que as representações simbólicas deste mito da Shechiná e seu exílio, tão significativo para a história da cabala, foram encontrados em vários ritos antigos e em número maior nos ritos novos. Do início ao fim, o ritual do cabalista é influenciado por esta ideia profundamente mítica.

Posto que, nessa época de exílio os cabalistas retornam ao exílio da Shechiná para compreender a dura realidade que estavam vivendo.<sup>139</sup>

Para entender o “Alboraique” é necessário captar o sentido abstruso das alegorias. Mesmo não reconhecendo as influências mosaicas nesta obra, Lawrence (2003, p. 22) nos apresenta uma definição interessante para guiar o entendimento sobre esse exemplar. Vejamos o que ele tem a dizer: “Para entender El alboraique, hemos de imaginar una cultura em que la alegoría — como método exegético o forma literária — era um modo de pensar, un hábito mental de percibir la realidad.”<sup>140</sup>. Diante disso, observemos o que Scholem (1972, 26-27) tem a dizer sobre alegoria:

A alegoria consiste numa rede infinita de significados e correlações em que tudo pode se transformar na representação de tudo, mas sempre dentro dos limites da linguagem e da expressão. Nesta medida, pode-se falar de imanência alegórica. Aquilo que é expresso pelo e no signo alegórico é, em primeira instância, algo que possui seu próprio contexto e significado, mas ao torna-se alegórico, este algo perde seu próprio significado e torna-se veículo de outra coisa. [...] O que se aparece na alegoria, em suma, é a infinidade de significado que se prende a toda representação.

<sup>139</sup> Para um melhor entendimento sobre o Exílio da Shechiná ver o capítulo 7 “Isaac Luria e sua Escola” do livro “As grandes correntes da Mística Judaica” de Gershom Scholem.

<sup>140</sup> “Para entender O alboraique, temos de imaginar uma cultura em que a alegoria – como método exegético ou forma literária – era um modo de pensar, um hábito mental de perceber a realidade.” (LAWRANCE, 2003, p. 22, tradução nossa).

Podemos perceber na fala de Scholem (1972) uma simetria com as alegorias representadas no “Alboraique” em que num exame mais detalhado do seu significado podemos perceber vários níveis de significação.

Na “Oração da Emparedada” indicamos os indícios na prática da magia e da feitiçaria, com destaque para o elemento feminino, um costume pertinente ao marranismo e no misticismo judaico. Sendo que, “a feminização da *schekiná* na Cabala do século XIII constitui uma resposta e uma adaptação judaica em face da renovação do culto a Maria na Igreja do Ocidente, no século XII.” (GREEN, 2008, p. 175).

A proibição da prática do judaísmo e a perseguição dos judeus e cristãos-novos na Espanha levou as mulheres a assumirem papel decisivo na resistência e na propagação de um criptojudaísmo doméstico (entre quatro paredes).

Diferente do judaísmo rabínico, no qual as mulheres ocupavam posições inferiores aos homens, com a perseguição da fé hebraica na península Ibérica essa situação se inverteu, “o núcleo familiar tornou-se *locus* privilegiado para a irradiação da lei mosaica, içando as mulheres ao status de grandes responsáveis por sua reprodução.” (ASSIS, 2002, p. 56).

Inclusive, Green (2008, p. 193) ao abordar o período em que a Cabala nasceu relata o surgimento da mulher divina, “uma figura no reino divino-simbólico que serve de consorte ao bentido Santíssimo.” Um caso similar ao da emparedada, que pela devoção e isolamento era considerada uma espécie de santa em vida. No imaginário popular a “mulher enclausurada seria um exemplo, convertia-se numa relíquia viva, as suas orações eram valiosas, dada a sua proximidade com Deus.” (DIAS, 2015, p. 23-24).

Continuando com a “Emparedada”, o nosso tão requisitado Scholem (1989, p. 159) cita que “os maiores cabalistas eram todos grandes mestres da oração e nem seria fácil imaginar o desenvolvimento especulativo da Cabala sem tais raízes permanentes na experiência da oração mística.” E o que seria a “Oração da Emparedada”? Ou mesmo, a mulher que dedicava seus dias a uma profunda contemplação? Visto que, “a Cabala considera a oração como ascensão do homem aos mundos superiores, uma peregrinação espiritual entre os reinos supremos [...]” (SCHOLEM, 1989, 159).

A questão central é: podemos encontrar elementos da cabala nessas obras? Levando em consideração a temática das demais obras, e considerando as suas peculiaridades, nos atrevemos tentar compreender o universo mental do dono destes livros a partir de influencias cabalísticas. Portanto, nesse capítulo, lançamos algumas hipóteses para corroborar com as nossas intenções iniciais, de que, provavelmente, essas obras podem revelar um significado mais amplo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caso de Peñaranda desponta na atualidade com o “*status*” digno de um grande achado arqueológico, preenchendo a lacuna que o tempo e a perseguição aos conversos e judaizantes, de maneira forçosa, encobertou. Visto que, entre os retalhos legados pela história dos conversos judaizantes, este fragmento cruza-se com outras experiências da resistência da cultural multissecular sefardita.

Os exemplares, encontrado em Barcarrota, revelaram-se uma valiosa fonte, pois percebemos em suas temáticas vários pontos de intersecção com a demanda do criptojudáismo, de tal modo que a simples posse dessas obras, ou então, o acesso a este ou aquele tipo de livro podem revelar indícios sutis de um tipo particular de criptojudeu, comum nos tempos modernos.

Não seria um absurdo pensarmos que Francisco Peñarando poderia ter sido um praticante da Cabala, pois, mesmo com a expulsão dos judeus e sua dispersão no final do século XV, o cabalismo manteve-se entre os judeus-conversos espanhóis. Uma vez que a Cabala pós-catástrofe da Espanha adaptou-se à realidade vigente, passando de uma doutrina esotérica para uma doutrina popular.

Entretanto, os sefarditas recorriam aos conhecimentos cabalísticos para compreender as origens das aflições do seu povo (desterrado) e instigados por uma explicação mística das desgraças e injustiças a que a comunidade hebraica era submetida. Desse modo, era acalentado nas gerações pós- expulsão a promessa messiânica de libertação do povo Israelita, no qual, mesmo aqueles que haviam rompido externamente com a sua fé ancestral (cristãos-novos) não deixavam de se identificar<sup>141</sup>.

De tal modo, a experiência da biblioteca secreta desse médico criptojudeu pode revelar indícios importantes de um contexto mais amplo. Nesse caso, atrelando as temáticas das obras e o estudo pormenorizado dos exemplares do “Alboraique” e da “Oração da Emparedada” juntamente com as suas metáforas e representações alegóricas presentes nas obras, a partir de uma cultura esotérica, com fundamento na Cabala.

---

<sup>141</sup> A ideia messiânica não se esgota com a mera negações das pretensões de Jesus. A recuperação da ‘Terra Prometida’ continuou a ocupar uma parte importante nas esperanças e orações marranas. (ROTH, 2001, p.121).

Embora esses elementos cubram o campo de investigação definido nos objetivos, as fontes pecam por sua limitação. Nessa situação, não dispomos de elementos cabais para confirmar, de modo conclusivo, que o nosso personagem foi um cabalista, mas, no intuito de reconstruir o universo simbólico que vigorava naquela, lançamos algumas premissas e suas fundamentações.

Pensando nesse pressuposto adotamos o referencial teórico-metodológico baseado no paradigma indiciário, com o objetivo de sondar alguns indícios e propor algumas hipóteses que surgiram a partir da análise dos livros emparelhados.

Contudo, são resquícios de um mundo subterrâneo que, nesse caso, foram apresentados a partir da questão do segredo. Sendo que, o episódio da Biblioteca de Barcarrota surge para lembrar-nos que ainda não arranhamos a superfície dessa teia de um judaísmo clandestino que vigorou nos meandros da Idade Moderna. Nessa conjuntura, a cultura dos sefarditas conversos resistiu bravamente às empreitadas dos seus algozes e, em muitos casos, passou despercebida na construção da História tradicional.

Por isso, é interessante, mesmo sem considerar a questão da Cabala, perceber como um cristão-novo, com a proibição formalizada no *Index Librorum Prohibitorum*, mantinha em sua residência obras tão singulares e que, em um primeiro plano, revelavam a sua inquietação contra a Ortodoxia.

Ou seja, nos retalhos que compõem o passado, cada peça habilmente colocada, na pretensão de um sentido mais geral, pode compor, como em uma pintura, um cenário que antes foi negligenciado pelos grandes feitos e pela megalomania de cultuar heróis em armaduras reluzentes.

## REFERÊNCIAS

ACHA, Jaime de Salazar. La limpieza de sangre. **Revista de la inquisición**, Madrid, n. 1, p. 291-308, 1991. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/index.php/RVIN/article/view/RVIN9191110289A>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

AGUADO, Pérez. «Los alboraicos».In: \_\_\_\_\_. **La ciudad de dios**. XLI, 1901, p. 120-125. Disponível em: <<https://archive.org/details/laciudaddedios56madruoft>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

ANDO, Shinjiro. El erasmismo español: una tradición humanista española. **Canela**, n. 9, p. 57-69, 1997.

ANÔNIMO. **Alborayque**. Estudio preliminar, edición y notas de Dwayne Eugène Carpenter . Badajoz: Editora Regional de Extremadura, 2005a.

ANÔNIMO. **Lazarilho de Tormes**. Edição bilíngüe. Edição de Medina del Campo, 1554; organização, edição e texto em espanhol, notas e estudo crítico de Mario M. González; tradução de Heloisa Costa Milton e Antonio R. Esteves; revisão da tradução de Valeria De Marco. São Paulo: Ed. 34, 2005b.

ANÔNIMO. **La Muy Devota Oración de la Emparedada**. Edición, Traducción y Notas de Juan M. Carrasco González e Estudio preliminar de María Cruz García de Enterría. Badajoz: Editora Regional de Extremadura, 2005c.

ANTONAYA, Maria Luisa. La Literatura Adversus Iudaeos: Obras de Polémica Religiosa (Un Manuscrito Del Siglo XV). **Actas del Primer Congreso de Jóvenes Filólogos**. A Coruña, 1998, 97-102.

ARRAIS, Cristiano Pereira Alencar. Imaginação histórica e pensamento mediado na obra de R. G. Collingwood. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza, CE. **Anais...** Fortaleza, CE: ANPUH, 2009. p. 1-9.

ASSIS, Angelo de Assis Faria. Inquisição, religiosidade e transformações culturais: a sinagoga das mulheres e a sobrevivência do judaísmo feminino no Brasil colonial - Nordeste, séculos XVI-XVII. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, p. 47-66, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n43/10910.pdf>> . Acesso em: 7 abr. 2012.

BAPTISTA, M. R. Autoridade e messianismo nos cabalistas de Safed. SIMPÓSIO ANUAL DA ABHR, 12., 2011, Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora: UFJF, 2011.

BAROJA, Julio Caro. **Los judíos de la España moderna y contemporánea**. Madrid: Istmo, 2000.

BETHENCOURT, Francisco. **História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália Séculos XV-XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BIRBAUM, Marianna. **A Longa Viagem de Garcia Mendes**. Trad. Jaime Araújo. Lisboa: Edições 70, 2005.

BUSTAMANTE GARCÍA, Agustín: "Alboraique. Un dato iconográfico". **Archivo Español de Arte**, n. 280, p. 419-426, 1997.

BLOCH, Abraham P. One a Day: An Anthology of Jewish Historical Anniversaries for Every Day of the Year. **KTAV Publishing House**, Inc., 1987.

BRAVO LLEDÓ, Pilar; GÓMEZ VOZMEDIANO, Miguel Fernando. «El Alborayque. Un impreso panfletario contra los conversos fingidos de la Castilla tardomedieval». **Historia. Instituciones. Documentos**, 26, p. 57-83, 1999.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg a Internet**. Tradução Maria Carmelita Pádua Dias; revisão técnica Paulo Vaz. 2.ed. rev. e ampl., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

BURKE, Peter. **Uma História Social do Conhecimento de Gutenberg a Diderot**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CARPENTER, Dwayne Eugène. Estudio preliminar. In: ANÔNIMO. **Alborayque**. Estudio preliminar, edición y notas de Dwayne Eugène Carpenter . Badajoz: Editora Regional de Extremadura, 2005.

CARVALHO, Francisco Moreno de. O Antijudaísmo e o problema da Heresia Judaizante nas Inquisições da Espanha e Portugal. In: FUKS, Saul. **Tribunal da História II processo de formação da identidade judaica e do anti-semitismo**. Rio de Janeiro: Imago, 2008. p. 229-253.

CHAUCER, Geoffrey. **Os Contos de Cantuária**. Apresentação e tradução de Paulo Vizioli. São Paulo: T.A. Queriros, Editor, 1988.

CIRUELO, Pedro. **Reprovação de las supersticiones y hechizerías** (1538). Madrid: MAXTOR, 2005.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Trad. Mary Del Priore. 2. ed., Brasília: UNB, 1998.

\_\_\_\_\_. **A história cultura: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHAJES, J. M.. Judgments Sweetened: Possession and Exorcism in Early Modern Jewish Culture. **Journal of Early Modern History**, v. 1, n. 2, p. 124-69, 1997.

D'AZEVEDO, J. Lúcio. **História dos Christãos Novos Portugueses**. Lisboa: Liupapia Clássica Editora, 1922.

DIAS, Paula Barata. Para compreensão da clausura monástica e emparedamento enquanto fenômeno histórico e religioso. **Medievalista online**, n. 18, p. 1-32, jul/dez. 2015.

DELUMEAU, Jean. **A História do Medo no Ocidente: 1300-1800**. Trad. Maria Lúcia Machado, tradução das notas Helóisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DOYLE, Conan. **Sherlock Holmes: Um estudo vermelho**. Trad. Antônio Carlos Vilela, São Paulo: Melhoramentos Ltda, 2008.

ENTERRÍA, María Cruz García de. Una Devoción Prohibida: La Oración de la Emparedada. In: ANÔNIMO. **La Muy Devota Oración de la Emparedada**. Edición, Traducción y Notas de Juan M. Carrasco González e Estudio preliminar de María Cruz García de Enterría. Badajoz: Editora Regional de Extremadura, 2005.

ESPADA LIMA, Henrique. **A Micro-História Italiana: Escalas, Indícios e Singularidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

FALBEL, Nachman. Raízes do Anti-Semitismo na Antiguidade e na Idade Média. In: FUKS, Saul. **Tribunal da História II Processo de Formação da**

**Identidade Judaica e do Anti-Semitismo.** Rio de Janeiro: Imago, 2008, p. 197-228.

\_\_\_\_\_. A literatura polêmica judaico-cristã na Idade Média. **Revista de História**, n. 114, p. 95-105, 1983.

FAINGOLD, Reuven. Aviziboa: a feiticeira judia de Torres Vedras em 1492. **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG.** Belo Horizonte, v. 2, n. 3, out. 2008.

\_\_\_\_\_. Judeus conversos no Imaginário Medieval: O Livro do Alboraique na Espanha dos Reis Católicos (1488). **Revista de estudos judaicos**, 2, p. 28-35, 1999.

FOUNDATION for the advancement of sephardic studies and culture. **Edict of the Expulsion of the Jews (1492).** Translated from the Castilian by Edward Peter. Disponível em: <<http://www.sephardicstudies.org/decreed.html>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

FERREIRA, Jerusa Pires. Livros e Leituras de Magia. **Revista USP**, São Paulo (31), p. 42-51, 1996.

GARCIA, Ruiz Elisa. Uma cubierta de origen luso. In: **Comentarios Clarísimos Sobre la Quiromancia de Cocles Hechos por Tricasso de Mantua.** Introdução, tradução e notas de E. Sánches Salor e Estudo de la cubierta original de Elisa Ruiz García. Badajoz: Editora Regional de Extremadura, 2000.

GAZTAMBIDE, José Goñi. El Erasmismo en España. **Scripta Theologica**, 18, p. 117-155, 1986/1.

GIL, Juan. Lanx satura. De el Saucejo a Barcarrota. **Habis 30**, p. 217-223, 1999.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais:** morfologia e história. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. **O fio e os rastros.** Verdadeiro, falso, fictício. Trad. Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **O Queijo e os Vermes:** o cotidiano de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

GITLITZ, David M.. Hybrid Conversos in the Libro Llamado el Alboraique. **Hispanic review**, n. 1, p. 1-17, 1992.

GLASSÉ, Cyril. **The New Encyclopedia of Islam.** Introduction By Professor Huston Smith. Walnut Creek, Lanham, New York: Altamira Press, 2001.

GOETSCHÉ, Roland. **Cabala.** Trad. Myriam Campello. Porto Alegre: L&PM, 2009.

GONZÁLEZ, Juan M. Carrasco. A Oração da Emparedada da Biblioteca de Barcarrota. **VEREDAS** 4, p. 173-181, Porto: 2001.

\_\_\_\_\_. La Edición Portuguesa de la *Oração da Emparedada*. In: ANÔNIMO. **La Muy Devota Oración de la Emparedada.** Edición, Traducción y Notas de Juan M. Carrasco González e Estudio preliminar de María Cruz García de Enterría. Badajoz: Editora Regional de Extremadura, 2005.

\_\_\_\_\_. Portugal em la biblioteca de Barcarrota: La Oración dela Emparedada. **Anuario de Estudios Filológicos**, v. XXVIII, p. 21-34, 2005.

GREEN, Arthur. Schekhiná, a virgem Maria e o cântico dos cânticos: Reflexões sobre um símbolo cabalístico no seu contexto histórico. In: IDEL, Moshe et. al. (org.). **Cabala, Cabalismo e Cabalistas.** Centro Internacional para o Ensino Universitário da Civilização Judaica da Universidade Hebraica de Jerusalém/ Perspectiva: São Paulo: 2008.

HOBSBAWM, Eric. A história de baixo para cima. In: \_\_\_\_\_. **Sobre história.** São Paulo: Cia das Letras, 1998. p. 216-231.

JURÍO, José María Jimeno. Monjas emparedadas (1530-1540). **Cuadernos de etnología y etnografía de Navarra.** Año 29, n. 69, p. 67-76, 1997.

KURTZ, William S. Judíos en Badajoz: algunas notas a partir de la documentación del Archivo Catedralicio de Badajoz. **Pax et Emerita**, 1, Arzobispado de Mérida-Badajoz, Tecnigraf, Badajoz, 2005, p. 427-495.

LAWRANCE, Jeremy. Alegoría y Apocalipsis en el Alboraique. **Revista de poética medieval**, II, p. 11-39, 2003.

LE GOFF, Jacques. **A bolsa e a vida economia e religião na Idade Média**. Trad. Rogerio Silveira Muoio; Revisão técnica Hilário Branco Júnior. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LEA, H. C. Chapter iv establishment of the inquisition. In: \_\_\_\_\_. The inquisition of Spain. London: MACMILLAN & CO. Ltd, 1906. p. 145-223. Disponível em: <<https://archive.org/details/ahistoryoftheinq01leahuoft>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

LIPINER, Elias. **Gaspar da Gama**: um converso na frota de Cabral. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

\_\_\_\_\_. **Terror e Linguagem**: um dicionário da Santa Inquisição. Lisboa: Círculo de Leitores, 1999.

LONDOÑO, Marcela. Devoción supersticiosa en el Índice de Valdés: la oración de la Emparedada. In: **Las razones del censor. Control ideológico y censura de libros en la primera edad moderna**. p. 137-160, 2013. Disponível: <[https://ddd.uab.cat/pub/stuurmon/stuurmon\\_a2013n5/stuurmon\\_a2013n5p137.pdf](https://ddd.uab.cat/pub/stuurmon/stuurmon_a2013n5/stuurmon_a2013n5p137.pdf)>. Acesso em: 4 mar. 2014.

MAESO, David Gonzalo. A respeito da etimologia do vocábulo “Marrano”. In: FALBEL, Nachman; GUINSBUR, Jacó. **Os Marranos**. São Paulo: CEJ; USP, 1977. p. 9-22.

MANGAS, Fernando Serrano. **El Secreto de los Peñaranda**: el universo judeo converso de la Biblioteca de Barcarrota. **Siglos XVI y XVII**. Badajoz: Alborayque Libros; Junta de Extremadura, 2010.

\_\_\_\_\_; GONZÁLEZ, Fernando T. Pérez. **Elemento hebraico y la Biblioteca de Barcarrota**. Periódico Hoy, 1996.

MAUSS, Marcel. Esboço de uma Teoria Geral da Magia. In: \_\_\_\_\_, **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naif, 2003, p.47-178.

MORA, Adelina Sarrión. **Médicos e Inquisición em el Siglo XVII**. Cuanca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2006.

MÜLLER, Ernest. **História da mística Judaica**. Trad. Eduardo Leão Maia. Lisboa: Editora Veja, 1989.

NOVINSKY, Anita. **Cristãos-novos na Bahia: 1624-1654**. São Paulo: Perspectiva, Ed da Universidade de São Paulo, 1972.

OLIVEIRA, M. C. C. A tradição interpretativa de rabinos e cabalistas, a crítica literária e a tradução. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 6, p. 117-130, 2003.

OLIVEIRA, Katia Aparecida da Silva. Lázaro de Tormes e suas as contradições. **Trem de Letras**, Revista do Depto. de Letras da Unifal-MG, v. 1, n. 1, p. 1-9, 2012.

OMEGNA, Nelson. **Diabolização dos Judeus: Martírio e presença dos sefardins no Brasil colonial**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1969.

PARDO TOMAS, J. Obras y autores científicos en los índices inquisitoriales españoles (1559, 1583 y 1584). **Estudis**, 10, p. 235-259, 1983.

PÉREZ, Joseph. **Los judíos em España**. Madri: Marcial Pons, 2005.

\_\_\_\_\_. **La España del siglo XVI**. Espanha: Anaya, 2007.

\_\_\_\_\_. **Historia de la brujaria en España**. Barcelona: Espasa Libros, 2010.

\_\_\_\_\_. **Historia de una tragedia: la expulsión de los judíos de España**. Barcelona: Critica, 2013.

PIRES, Frederico Pieper. A Religião na Constituição da Ciência do Renascimento. **Revista Páginas de Filosofia**. v. 1, n.1, jan./jul., 2009.

POLIAKOV, Léon. **De Maomé aos Marranos: História do anti-semitismo II**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1966.

\_\_\_\_\_. **De Cristo aos judeus da corte: História do anti-Semitismo I**. Trad. Jair Korn e J. Guinsburg; Revisão de provas e Produção: Plínio Martins Filho. São Paulo: Editora Perspectiva, 1955.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, Asociación de Academias de la Lengua Española. **Diccionario de la lengua española**, 23. ed., Edición del Tricentenario, [en línea]. Madrid: Espasa, 2014.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, Desvio e Danação**: as minorias na Idade Média. Trad. Marco Antonio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ROOB, Alexander. **O museu hermético. alquimia e misticismo**. Lisboa, Taschen, 1997.

ROTH, Cecil. **História dos marranos**. Porto: Livraria Civilização Editora, 2001.

SANCOVSKY, Renata Rozental. **Inimigos da fé**: judeus, conversos e judaizantes na península Ibérica séc. VII. Rio de Janeiro: Imprinta Express, 2010.

\_\_\_\_\_. Os judeus e a medicina na Idade Média. In: KUPERMAN, Diane Lisboa (org.). **I Confarad**: O resgate da cultura Sefaradi. Rio de Janeiro: Garamond Ltda, 2001, p.45-51.

SCLIAR, Moacyr. Medicina e judaísmo: da bíblia aos nossos dias. **Revista de estudos judaicos**, 2, p. 88-105, 1999.

SCHOLEM, Gershom. **As grandes correntes da mística judaica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

\_\_\_\_\_. **A cabala e seu simbolismo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

\_\_\_\_\_. **Cabala**. Rio de Janeiro: A. Koogam Editor, 1989.

SCHEDDEL, Hartmann. **Liber chronicarum**. Ilustrações de Wilhelm Pleydenwurff e Michael Wolgemut. 1493. Disponível em: <<https://dl.wdl.org/4108/service/4108.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

SEIDMAN, Richard. **O oráculo da Cabala**. Trad. Paulo Salles. São Paulo: Pensamento, 2005.

SIMMEL, George. A sociologia do segredo e das sociedades secretas. Tradução de Simone Carneiro Maldonado. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 43, n. 1, p. 219-242, jan. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2009v43n1p219>>. Acesso em: 11 mar. 2015.

STIVELMAN, Raquel. **O Ódio entre os Homens – anti-semetismo: o mais longo dos ódios.** Rio de Janeiro: Imago, 2006.

TELLO, Pilar León. A Judería, um certo sucesso. In: CARDAILLAC, Luis. **Toledo, séculos XII-XIII Muçulmanos, cristãos e judeus: o saber e a tolerância.** Organizado por Louis Cardaillac e Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992, p. 110-121.

TRACHTENBERG, Joshua. **Jewish Magic and Superstition: a study in folk religion.** Philadelphia, Pennsylvania: University Of Pennsylvania Press, 2004.

\_\_\_\_\_. Magic and Medicine. In: \_\_\_\_\_. **The Devil and the Jews the Medieval Conception of the Jew and its Relation to Modern Antisemitism.** Illinois: VARDA BOOKS, 2001, p. 88-96.

VEBLEN, Thorstein. The Intellectual Pre-Eminence of Jews in Modern Europe. IN: **Political Science Quarterly**, Vol. 34, No. 1 (Mar., 1919), 33-42. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2141518>>. Acesso em: 23 fev. 2014.

VIZÁN, Blanca. Lecturas criptojudías y la Introducción al Símbolo de la Fe de fray Luis de Granada. **Studia aurea monográfica**, n. 5, p. 195-216, 2013.

UNTERMAN, Alan. **Dicionário judaico de lendas e tradições.** Ilustrações Alan Unterman, Trad. Paulo Geiger, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

USQUE, Samuel. Consolação às Tribulações de Israel. Edição de Ferrara, 1553. **História e Antologia da Literatura Portuguesa Século XVI.** Lisboa: Série HALP, n. 25, p. 39-56, jul. 2003.

WILKE, Carsten Lorenz. **História dos judeus em Portugal.** Lisboa: Edições 70, 2009.

WOLF, Kenneth B. "**Sentencia-Estatuto de Toledo, 1449**". Medieval Texts in Translation, 2008. Web. 22 May 2009. Disponível em: <[http://ccd.libraries.claremont.edu/cdm4/item\\_viewer.php?CISOROOT=/irw&CISOPTR=319&CISOBX=1](http://ccd.libraries.claremont.edu/cdm4/item_viewer.php?CISOROOT=/irw&CISOPTR=319&CISOBX=1)> Acesso 17 ago. 2009.